

JOSIANE REGENSBURGER

**INDÚSTRIA E ESPAÇO URBANO: IMPLICAÇÕES SÓCIO-
ESPACIAIS NO MUNICÍPIO DE JOAÇABA – SC.**

Florianópolis

2006

**Universidade Federal da Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Geografia**

Josiane Regensburger

**INDÚSTRIA E ESPAÇO URBANO: IMPLICAÇÕES SÓCIO-
ESPACIAIS NO MUNICÍPIO DE JOAÇABA – SC.**

Orientadora: Margareth de Castro Afeche Pimenta

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano

Florianópolis/SC, abril de 2006.

**Indústria e Espaço urbano: implicações sócio-espaciais no município de
Joaçaba – SC.**

Josiane Regensburger

Coordenador: _____

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração Desenvolvimento Regional e Urbano, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Mestre em Geografia.

Presidente: _____

Prof. Dra. Margareth de Castro Afeche Pimenta (UFSC)

Membro: _____

Prof. Dr. Silvio Antonio Cario (UFSC)

Membro: _____

Prof. Dr. José Ronal Moura de Santa Inez (USJT-SP)

Membro: _____

Prof. M.Sc. Ivo Sostisso (UFSC)

Dedico este trabalho aos meus pais, José Antonio e Leni Inês, aos meus irmãos Simone e Luis Antônio que sempre acreditaram neste sonho, e especialmente a Rafael, que me incentivou em todos os momentos. A todos que fizeram que hoje fosse possível concretizá-lo.

AGRADECIMENTOS

À Margareth de Castro Afeche Pimenta pela orientação e dedicação dispensada, pelo aprendizado e convívio durante o desenvolvimento desta dissertação.

Ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina e à própria instituição onde foram realizados os estudos, pela infraestrutura oferecida, seu corpo docente, discente, e funcionários.

Ao CNPq, pelo auxílio financeiro.

À Prefeitura Municipal de Joaçaba e todas as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, seja na obtenção de dados, mapas e cadastros.

À Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina na pessoa do Sr. Ari Pritsch pelos dados fornecidos referentes aos valores adicionados dos municípios estudados.

Aos empresários e funcionários das empresas que forneceram as demoradas entrevistas, indispensáveis à análise aqui efetuada.

À Universidade do Oeste de Santa Catarina pelos mapas fornecidos e às bibliotecas e instituições onde foram realizadas as investigações bibliográficas.

Aos membros da banca examinadora Dr. Silvio Antonio Ferraz Cario, Dr. José Ronal Moura de Santa Inez, M. Sc. Ivo Sostisso, pelas contribuições e sugestões em vista a melhorar esta dissertação.

A todos, colegas, amigos e familiares.

À Joaçaba, cidade natal, sua história, sua indústria, sua gente, que tanto me motivaram a realizar este trabalho.

(...) o urbano é uma forma pura: o ponto de encontro, o lugar de uma congregação, a simultaneidade. Esta forma não tem nenhum conteúdo específico, no entanto, tudo se acomoda e vive nela. É uma abstração, mas contrariamente a uma entidade metafísica, é uma abstração concreta, ligada a prática.

Henri Lefebvre.

RESUMO

A análise do espaço urbano pela atividade industrial deve levar em conta as diversas forças econômicas atuantes no espaço, suas transformações ao longo do tempo e suas implicações sociais e urbanas. Em Joaçaba, historicamente, as primeiras empresas surgiram na área central atual, local em que também se deu a gênese da cidade, com a atividade industrial concentrada na extração de madeira e erva-mate. A indústria vinculada ao que era desenvolvido no campo, logo deu lugar a outros setores, como o metalúrgico e o mecânico que se estabeleceram associados à estrutura produtiva regional, baseada na pequena propriedade rural. A atual estrutura industrial joaçabense define estes setores, juntamente com o de produtos alimentares, como os mais representativos do município. O presente trabalho analisa a relação que a indústria estabelece com o município de Joaçaba - SC na produção e transformação do espaço, principalmente nas últimas três décadas do século XX. Busca na evolução dos setores industriais mais importantes, na localização das empresas, na reestruturação produtiva e na relação espacial, a compreensão para a lógica da dinâmica urbana dada a partir da indústria. Estuda as localizações industriais e conclui que o desenvolvimento industrial nas décadas de 1970 e 1980 propiciou o crescimento urbano municipal através da criação da maioria dos bairros municipais e de novas áreas destinadas à expansão urbana e à atividade industrial. Nos anos 90, as empresas surgem cada vez mais distantes do centro urbano, próximas aos eixos rodoviários de acesso ao município, e também nos locais destinados exclusivamente ao uso industrial como o Distrito Industrial e o Centro Empresarial Caetano Branco. Elas buscam vantagens locacionais, como o preço do terreno, isenções de impostos, redução nos custos dos transportes e facilidades de expansão do parque fabril. Neste período, destacam-se ainda algumas mudanças estruturais da indústria joaçabense, tendo ela passado por um período de rearranjos em seus processos produtivos em combate à queda do crescimento econômico. Desta maneira, o trabalho realiza uma investigação dos diferentes aspectos da reestruturação produtiva em algumas das principais empresas dos setores de alimentos e metal-mecânico. Através de entrevistas realizadas com empresários das empresas selecionadas e pertencentes a estes dois setores industriais, tem-se na década de 1990 o início de um amplo processo de reorganização industrial. O reflexo da abertura comercial é sentido pelas empresas joaçabenses através da queda nas vendas e como conseqüências são registradas demissões na indústria além da diminuição da capacidade produtiva das empresas. A reestruturação das empresas se dá com a intensificação de procedimentos como a terceirização nas empresas metal-mecânicas e a aquisição de máquinas mais modernas nas empresas dos dois setores estudados, em substituição aos equipamentos mais antigos. Tanto para se adequar aos novos paradigmas de desenvolvimento industrial como para buscar novos locais para sua instalação, a indústria joaçabense transforma o urbano e a paisagem formada é o resultado das diferentes funções assumidas pelos lugares.

ABSTRACT

The analysis of urban space by the industrial activity has to consider the diversity of economic factors acting on space, its transformations throughout time and its social and urban implications. In Joaçaba, historically, the first companies arose in the current central area, where the formation of the city also took place, with industrial activity focusing on the extraction of wood and erva-mate. The industry linked to what was coming from the agriculture soon gave place to other sectors, like metallurgy and mechanics which set up associated to the regional productive structure, based on small rural properties. Nowadays, the industrial structure of Joaçaba has these sectors as a base, along with the one from alimentary products, as the most representatives of the municipal district. The following dissertation analyses the relation that the industry establishes with the municipal district of Joaçaba – Santa Catarina on the production and transformation of the urban space, mainly on the last three decades of the 20th century. It searches on the evolution of the most important industrial sectors, on the location of companies, on the productive restructuring and the spacious relation, the understanding of the dynamic of the urban logics having the industry as a starting point. It studies the industrial locations and it concludes that the industrial development during the 1970's and 1980's enabled the municipal urban growth through the creation of the majority of areas and new places destined to the urban expansion and industrial activity. During the 1990's, the companies arose even more distant from the urban centre, near the roadways that give access to the municipal district, and also in areas exclusively destined to the industries such as the Industrial District and the Caetano Branco Business Centre. They seek locational advantages, as the price of land, taxes exemption, decrease on the transportation prices and facilities to expand the industrial area. During this period, some structural changes on the industrial side of Joaçaba stand out, having the industry being rearranged on the productive process to fight the decrease of the economic growth. Therefore, the research makes an investigation on the different aspects of the productive restructuring of some of the main companies from the alimentary and metal-mechanic sectors. Using interviews with business men from selected companies that belong to the industrial sectors just mentioned it follows that on the 1990's is the beginning of a wide process of industrial reorganization. The commercial opening was reflected on the Joaçaba companies by the decrease on the sales and as consequence, a number of demissions were registered on the industry as well as the decrease the companies' productive capacity. The companies' restructuring resulted from the intensification of procedures such as the outsourcing in the metal-mechanic companies and the purchase of modern machines on the companies from the two sectors above mentioned, to substitute the older equipment. To be able to adapt to the new industrial development parameters as well as to reach new places to establish itself, the Joaçaba's industry transformes the urban space and the current landscape is the result of the different functions assumed by the places.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Localização do município de Joaçaba nos contextos nacional, estadual e micro-regional.....	18
MAPA 2 – Localização das empresas entrevistadas nos estudos de caso.....	21
MAPA 3 – Área central: principais ruas, equipamentos urbanos e empresas.....	57
MAPA 4 – Localização das principais empresas industriais instaladas na cidade de Joaçaba até o final da década de 1960.....	62
MAPA 5 - Os bairros municipais criados até o final da década de 1960.	64
MAPA 6 – Algumas áreas de preservação no município de Joaçaba.	125
MAPA 7 – Ruas não registradas nos mapeamentos da Prefeitura Municipal de Joaçaba até 1979.....	127
MAPA 8 – Localização das principais empresas instaladas na cidade de Joaçaba nas décadas de 1970 e 1980.	130
MAPA 9 - Os bairros municipais.....	134
MAPA 10 – Localização das principais empresas industriais instaladas na cidade de Joaçaba na década de 1990 até 2005.	138
MAPA 11 – Localização das empresas industriais em atividade no município de Joaçaba - 2005.....	140

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- A estrada de ferro.	43
FIGURA 2- 1911 - Conclusão da estrada de ferro. Rede viação PR – SC.....	44
FIGURA 3 - Plataforma da Estação Herval. Passos Maia e Governador Adolfo Konder.....	49
FIGURA 4 - Vista aérea da Ponte Emílio Baumgartem.....	49
FIGURA 5 - Ponte Emílio Baumgartem em obras.....	50
FIGURA 6 - Joaçaba em 1925. Atual centro municipal.	52
FIGURA 7 - Joaçaba em 1938.	55
FIGURA 8 - Calçamento da Avenida XV de Novembro.	56
FIGURA 9 - Rua XV de Novembro esquina com Rua Sete de Setembro – 1942.	56
FIGURA 10 - A antiga prefeitura de Joaçaba.	58
FIGURA 11 - Praça Adolfo Konder e Prefeitura Municipal na Avenida XV de Novembro com Igreja Matriz ao fundo - 1960.....	58
FIGURA 12 - Máquinas modernas e automáticas para a fabricação de farinha da empresa Specht Produtos Alimentícios Ltda.....	100
FIGURA 13 - Linha de produção da Francisco Lindner S/A Indústria e Comércio. .	101
FIGURA 14 - O produto final da Specht Produtos Alimentícios Ltda. ainda dentro da linha de produção.	104
FIGURA 15 - Máquinas produzidas pela Maqtron Importação e Exportação Ltda. .	105
FIGURA 16 – Vista panorâmica da cidade de Joaçaba – 2005.	117

FIGURA 17 – Loja de materiais de construção Bonato no centro de Joaçaba.	119
FIGURA 18 – O moinho antes pertencente à empresa Bonato S/A Ind. Com. com a parte inferior ocupada por lojas comerciais.....	119
FIGURA 19 – Concessionária de veículos nas antigas instalações da empresa Romano Massignan S/A Ind. Com.	120
FIGURA 20 – Prédios do parque fabril da empresa Romano Massignan S/A Ind. Com. A Concessionária de veículos está localizada no lado esquerdo dos prédios abandonados.....	120
FIGURA 21 - Vista aérea do entorno da empresa Specht Produtos Alimentícios Ltda. – o centro de Joaçaba. Foto tirada das instalações da empresa.	123
FIGURA 22 - Vista aérea do centro de Joaçaba. Em destaque, empresa Francisco Lindner S/A Indústria e Comércio.....	123
FIGURA 23 - O entorno da empresa Wieser, Pichler & Cia. Ltda., também no centro da cidade.....	124
FIGURA 24 - Cooperativa Rio do Peixe – Coperio, às margens da BR 282.	131
FIGURA 25 - Vista parcial do Distrito Industrial de Joaçaba.	142
FIGURA 26 - Empresa Aurora – Cooperativa Central Oeste Catarinense localizada no Distrito Industrial de Joaçaba.	143

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - População Economicamente Ativa dos Setores Econômicos na micro-região da AMMOC.....	66
GRÁFICO 2 - Evolução da População Economicamente Ativa no município de Joaçaba, e área conurbada.....	71
GRÁFICO 3 - Evolução da População Economicamente Ativa por setores econômicos no município de Joaçaba.	72
GRÁFICO 4 - Evolução do Número de Funcionários nos setores industriais mais importantes do município de Joaçaba: de 1970 – 2003.....	81
GRÁFICO 5 - Evolução do Valor da Transformação Industrial total e Valor Adicionado total do setor industrial no município de Joaçaba.....	84
GRÁFICO 6 - Evolução do Valor da Transformação Industrial e Valor Adicionado dos setores industriais mais importantes no município de Joaçaba.....	85
GRÁFICO 7 - Evolução do Valor Adicionado dos setores da indústria nos municípios de Joaçaba e Herval D'Oeste 1990-2000.	90
GRÁFICO 8 - Evolução da população urbana e total na micro-região da AMMOC.....	109
GRÁFICO 9 - Evolução populacional do município de Joaçaba e área conurbada.....	110
GRÁFICO 10 - Evolução populacional do município de Joaçaba.	113
GRÁFICO 11 - Evolução da população rural total na micro-região da AMMOC e área conurbada à Joaçaba.....	114

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Evolução dos municípios desmembrados de Joaçaba.....	47
TABELA 2 - Quantidade e valor da produção industrial de atividade no município de Joaçaba – 1955.....	60
TABELA 3 - Estabelecimentos, pessoal ocupado e valor da produção industrial Catarinense e Joaçabense - 1950 e 1960.....	60
TABELA 4 - Amostragem das principais empresas industriais instaladas na cidade de Joaçaba até o final da década de 1960.....	62
TABELA 5 - População Economicamente Ativa dos Setores Econômicos na micro-região da AMMOC.....	66
TABELA 6 - Evolução da Participação da População Economicamente Ativa total na micro-região da AMMOC.....	67
TABELA 7 - Evolução da Participação da População Economicamente Ativa na micro-região da AMMOC no setor agropecuário.....	68
TABELA 8 - Evolução da Participação da População Economicamente Ativa na micro-região da AMMOC no setor industrial.....	69
TABELA 9 - Evolução da Participação da População Economicamente Ativa na micro-região da AMMOC no setor comercial e de serviços.	70
TABELA 10 - Evolução da População Economicamente Ativa nos municípios de Joaçaba, Herval D'Oeste e Luzerna.....	70
TABELA 11 - Evolução da População Economicamente Ativa no município de Joaçaba.....	72
TABELA 12 – Número de estabelecimentos e pessoal ocupado dos setores industriais de Joaçaba – 2003.....	73
TABELA 13 - Número de Estabelecimentos e Pessoal Ocupado nos Setores Industriais do município de Joaçaba: 1970 – 1975 – 1980.	77
TABELA 14 - Número de Estabelecimentos e Pessoal Ocupado nos Setores Industriais do município de Joaçaba: 1985 – 1990.	78
TABELA 15 - Número de Estabelecimentos e Pessoal Ocupado nos Setores Industriais do município de Joaçaba: 1995 – 2000.	79
TABELA 16 - Valor da Transformação Industrial dos setores da indústria no município de Joaçaba - de 1970 a 1980 (valores em reais corrigidos)	82
TABELA 17 - Valor Adicionado dos setores da indústria no município de Joaçaba - de 1990 a 2003 (valores em reais corrigidos)	83
TABELA 18 – Participação dos Setores Industriais mais importantes no total do Valor Adicionado (%).....	87
TABELA 19 - Valor Adicionado dos setores da indústria no município de Herval D'Oeste – 1990 e 1995 (valores em reais corrigidos)	89
TABELA 20 - Taxas de crescimento das populações urbana e total dos municípios da micro-região da AMMOC.....	108
TABELA 21 - Evolução populacional nos municípios da micro-região da AMMOC.....	109
TABELA 22 - Evolução populacional do município de Joaçaba com distritos pertencentes – 1920 a 2000.....	111
TABELA 23 - Evolução da população rural nos municípios da micro-região da AMMOC.....	113
TABELA 24 - Taxas de crescimento da população rural dos municípios da micro-região da AMMOC.....	115

TABELA 25 - Amostragem das principais empresas industriais instaladas na cidade de Joaçaba nas décadas de 1970 e 1980.....	128
TABELA 26 – Bairros e Loteamentos aprovados nas décadas de 1970, 1980 e 1990 no município de Joaçaba.	132
TABELA 27 - Amostragem das principais empresas industriais instaladas na cidade de Joaçaba na década de 1990 em atividade.....	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMMOC – Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense

COOPERIO – Cooperativa Rio do Peixe.

CIBRAZEM – Companhia Brasileira de Armazenamento

HISA – Hidráulica Industrial S.A.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IETESP – Instituto de Estudos Tecnológicos, Econômicos, Sociais e Políticos

INPC – Índice Nacional de Preços ao Consumidor

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

PEA – População Economicamente Ativa

P & D – Pesquisa e Desenvolvimento

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

SINDITRIGO – Sindicato das Indústrias do Trigo

UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO	23
1.1. Espaço e sociedade	24
1.2. Indústria e espaço urbano	26
1.3. Espaço e capital	29
1.4. O papel do Estado na produção do espaço urbano	34
1.5. Economia e espaço: as transformações ocorridas a partir da década de 1970	37
2. CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO: DA FORMAÇÃO DA MICRO-REGIÃO DO MEIO OESTE CATARINENSE À GÊNESE E DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL	43
2.1. A estrada de ferro na região contestada.	43
2.2. A guerra do Contestado.	45
2.3. A criação dos municípios.....	46
2.4. A colonização do Meio Oeste Catarinense.....	47
2.5. A pequena propriedade rural.....	50
2.6. Gênese e desenvolvimento industrial Joaçabense	52
2.6.1. A contribuição dos imigrantes e os capitais rural e comercial no desenvolvimento das atividades produtivas	52
2.6.2. Crescimento urbano e localização industrial.....	55
3. CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA DE JOAÇABA	65
3.1. População e atividades econômicas – o contexto geral da AMMOC e o município de Joaçaba	65
3.2. Os setores industriais joaçabenses.....	73
3.2.1. A evolução dos setores industriais: número de estabelecimentos e empregos	76
3.2.2. Dados econômicos: os valores da transformação industrial e adicionado dos setores industriais.....	81
3.2.3. A economia e os setores industriais na área conurbada de Joaçaba. ...	88

3.3. Reestruturação produtiva – Estudos de caso.....	90
3.3.1. Organização administrativa: as crises econômicas e as readaptações industriais	91
3.3.2. Terceirização	95
3.3.3. Funcionários	96
3.3.4. Tecnologia e Maquinário.....	98
3.3.5. Matérias Primas.....	102
3.3.6. Produção e Mercado.....	103
4. AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS	107
4.1. A urbanização e a evolução populacional nos municípios da micro-região da AMMOC	107
4.2. A cidade se expande: a indústria busca novas localizações e o urbano se transforma	115
4.2.1. O centro urbano atual: lugar da indústria e das atividades do terciário – comércios e serviços.....	117
4.2.2. A transformação da malha urbana sob a industrialização das últimas três décadas do século XX.....	125
4.2.2. O período recente e a lógica da Localização Industrial: o Distrito Industrial e o Centro Empresarial Caetano Branco	135
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A INDÚSTRIA JOAÇABENSE NAS TRÊS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: CRESCIMENTO, REESTRUTURAÇÃO E PRODUÇÃO ESPACIAL URBANA.....	146
6. REFERÊNCIAS.....	153
7. ANEXOS	157
7.1. ANEXO 1 – Questionário aplicado nas entrevistas	157
7.2. ANEXO 2 – Relação das empresas com baixa de atividades no município de Joaçaba – 1990-2003	161

INTRODUÇÃO

A realidade urbana é, antes de tudo, o resultado de uma apropriação social e espacial em que os agentes responsáveis determinam a formação do espaço. O trabalho aqui proposto pretende analisar a lógica da produção e transformação do espaço urbano entendida como resultado do desenvolvimento das atividades produtivas, em especial a atividade industrial.

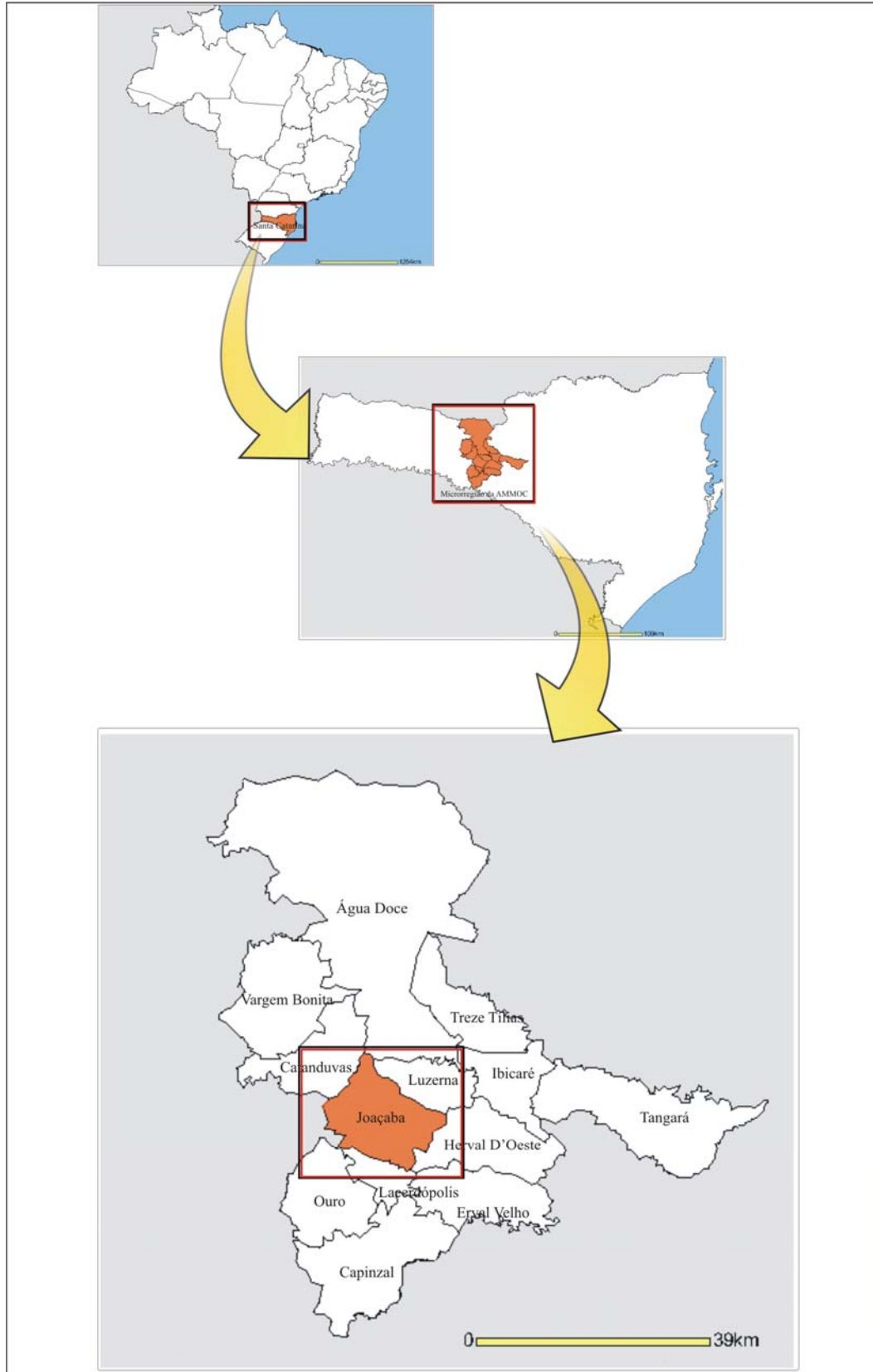
O município de Joaçaba fundado no ano de 1917 tem área de 243 Km², e está localizado na região fisiográfica do Vale do Rio do Peixe, na micro-região do Meio Oeste Catarinense. O processo de desenvolvimento regional pode explicar a presença de uma forte área industrializada no Vale do Rio do Peixe. A estrutura da malha com a divisão do território em pequenas propriedades coloniais policulturas (IBGE, 1977), propiciou as bases para a implantação das primeiras indústrias condicionadas, inicialmente, ao que era desenvolvido no campo. O excedente gerado nas mãos dos pequenos proprietários impulsionou o surgimento das primeiras indústrias - alimentar e extrativa - e deu suporte ao aparecimento de outras – metalúrgica e mecânica.

O fator posição geográfica do município de Joaçaba que se situa no centro de sua micro-região acabou por gerar uma região homogênea de atividades produtivas. Tendo o município atingido um desenvolvimento econômico maior em relação aos demais municípios da micro-região a cidade recebe todos os dias um número elevado de pessoas das cidades vizinhas que necessitam utilizar os serviços nela oferecidos. A localização privilegiada também atraiu e centralizou os serviços administrativos do governo estadual, transformando Joaçaba num importante centro regional do meio oeste catarinense. O setor terciário desempenha um papel importante para a economia regional, uma vez que municípios vizinhos a Joaçaba têm no turismo uma de suas principais atividades. Entre os atrativos turísticos que contribuem para o desenvolvimento da integração regional nos municípios estão o turismo rural e a exploração da gastronomia típica dos colonizadores e imigrantes.

Por se situar geograficamente no centro de sua micro-região e por apresentar os setores econômicos mais desenvolvidos que o restante dos municípios, Joaçaba

desenvolve as principais atividades produtivas realizadas regionalmente. A micro-região da AMMOC (Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense) é composta por 13 municípios - Água Doce, Capinzal, Catanduvás, Erval Velho, Herval D'Oeste, Ibicaré, Joaçaba, Lacerdópolis, Luzerna, Ouro, Tangará, Treze Tílias e Vargem Bonita (Mapa 01) - que mantêm uma interdependência em relação às áreas urbanas e rurais ultrapassando seus limites geográficos. Muitos municípios têm suas economias baseadas nas atividades primárias e continuam essencialmente rurais enquanto outros, a partir do setor agrícola desenvolveram atividades ligadas à indústria, como por exemplo, a produção de frangos e suínos para a indústria frigorífica. Os municípios mais desenvolvidos industrialmente como Joaçaba, Herval D'Oeste e Capinzal apresentam alto grau de urbanização e concentram as principais atividades de comércio e serviços. Estas diferenças e semelhanças fazem com que cada município mantenha suas próprias características e economias interdependentes e acarreta um alto grau de circulação de pessoas, mercadorias e serviços. Desta maneira, os municípios podem ser considerados como parte de uma região homogênea.

A relação que a indústria estabelece com a cidade, com a produção e a transformação do espaço é a principal análise que se propõe este trabalho. Na identificação das transformações sócio-espaciais e tendo como contribuição a atividade industrial para a transformação da malha urbana do município de Joaçaba, buscar-se-á caracterizar as principais empresas joaçabenses. Serão analisadas a evolução dos setores industriais mais importantes, a localização das empresas e sua relação espacial, o fator indutor para as novas localizações, a dinâmica estabelecida entre os setores industriais e a inserção das indústrias no tecido urbano. O foco da pesquisa será a compreensão do processo de produção e transformação do espaço do município de Joaçaba e de que maneira isso se refletiu na formação espacial e atingiu socialmente a população, considerando sua inserção regional e seu papel na divisão territorial do trabalho.



MAPA 1 – Localização do município de Joaçaba nos contextos nacional, estadual e micro-regional.

Fonte: IBGE – site www.ibge.com.br

Adaptações do autor.

Dentro do tema geral do desenvolvimento urbano, pretende-se fazer uma periodização ressaltando as últimas três décadas do século XX principalmente a década de 1990, onde ocorreu o período da reestruturação produtiva nas empresas devido às políticas de inserção na economia mundial globalizada. São três os períodos destacados neste trabalho. O primeiro corresponde ao contexto histórico da micro-região do Meio Oeste Catarinense abrangendo desde a ocupação regional inicial dada pela construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, as disputas de terras, a formação dos municípios e a colonização do território.

No município de Joaçaba destacam-se sua fundação, o desenvolvimento inicial e o surgimento paralelo da atividade industrial até o final da década de 1960, onde ocorre a inserção das empresas mais tradicionais na área onde hoje está localizado o centro urbano municipal. A localização industrial principalmente no centro da cidade caracterizou a inserção industrial até este período trazendo o desenvolvimento urbano no local através da criação de equipamentos urbanos utilizados pela população que residia e trabalhava nas proximidades. Neste período a cidade registrou a ocorrência das emancipações distritais, perdendo assim parte de seu território e população. Nisso, a população municipal joaçabense teve forte crescimento até os anos 50 e na década seguinte, data de um maior número de desmembramentos, apresentou índices menores em razão destes acontecimentos. Até a década de 1960 a maioria da população residia no campo.

Nas décadas de 1970 e 1980 pode-se destacar a expansão urbana e a implantação industrial fora da área central, e se por um lado isso ocorreu aos poucos, de forma ainda tímida, de outro contribuiu para a formação de novos bairros municipais em áreas fora do centro urbano atual. Um grande número de empresas instalou-se na cidade, principalmente na década de 1970, acompanhando o ritmo brasileiro de industrialização.

A última fase industrial abordada neste trabalho inicia-se na década de 1990 e registra desemprego no setor industrial do município de Joaçaba com a diminuição da População Economicamente Ativa. Tendo contrariamente o Valor Adicionado municipal industrial aumentado em relação à década passada, aponta-se uma alteração na relação entre emprego e capital em virtude de uma reorganização tecnológica nas empresas. Sendo assim, coloca-se não como questão primeira, mas

como questão a ser respondida para que seja compreendida a relação que a indústria estabelece com a cidade, de que maneira isso se refletiu no urbano. Nota-se que além de haver uma mudança na lógica interna das empresas, elas passam a buscar outras localizações distantes do centro urbano em direção aos eixos rodoviários municipais.

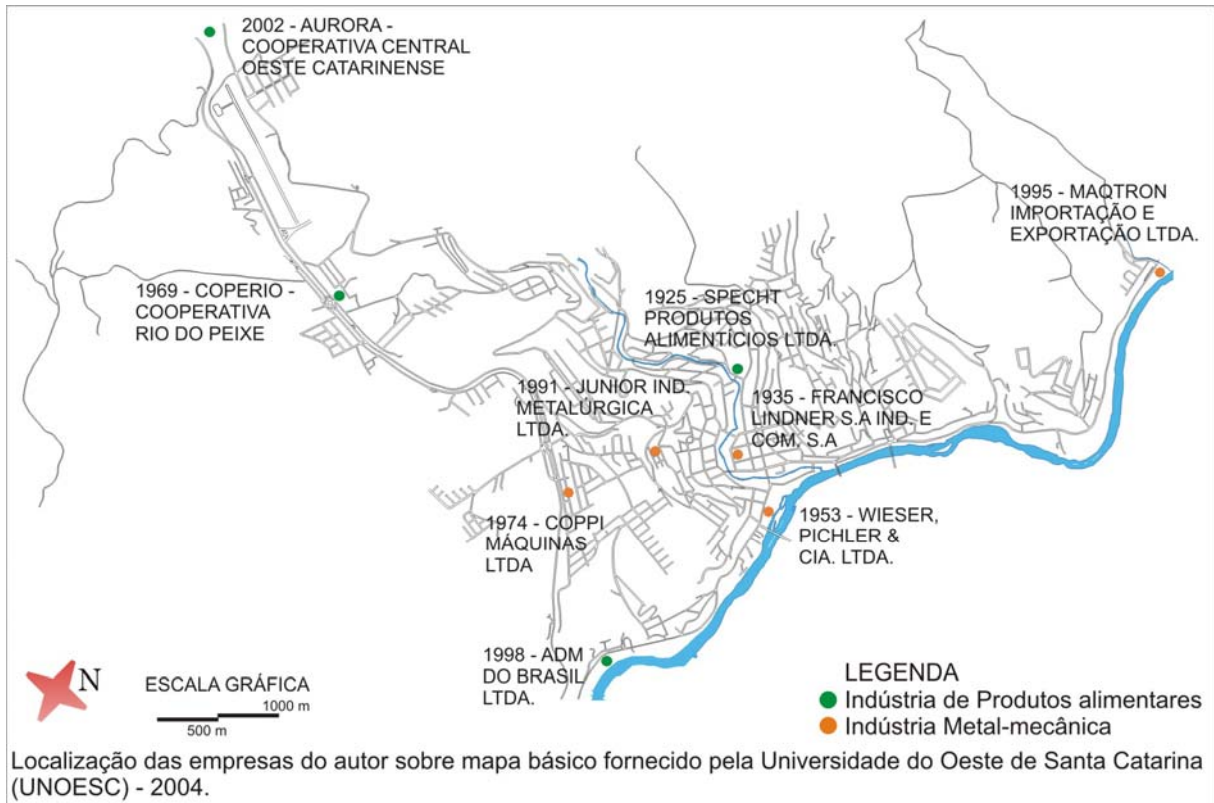
Em vista de compreender a indústria joaçabense, seus modos e paradigmas de desenvolvimento local, processos industriais, de gerenciamento, a ocorrência ou não de medidas visando a reestruturação produtiva a partir dos anos 1990, as relações com os funcionários, com o entorno imediato e como o município de Joaçaba, utilizou-se o método de análise baseado em estudos de caso através da realização de entrevistas nas empresas¹. Ressalta-se que de forma nenhuma se pretende abranger todas as peculiaridades da indústria joaçabense a cerca deste assunto, pelo contrário, o objetivo é justamente demonstrar as variadas formas de como se deu este processo nas empresas analisadas demonstrando assim, um alto grau de complexidade existente se forem comparadas as respostas obtidas.

Como a base agrícola do município de Joaçaba deu suporte ao desenvolvimento das primeiras indústrias alimentares e como a indústria metal-mecânica nasceu e se desenvolveu ligada a esse setor, os estudos de caso foram direcionados para estes dois setores industriais. Foram selecionadas empresas do município pertencentes a estes setores, tanto tradicionais como atuais, com grande representatividade regional, nacional e mundial. (Quadro 1, mapa 2)

Quadro 1 - Empresas entrevistadas

Indústria de Produtos Alimentares	ADM do Brasil Ltda.
	Cooperativa Central Oeste Catarinense – Aurora
	Coperio – Cooperativa Rio do Peixe
	Specht Produtos Alimentícios Ltda.
Indústria Metal - mecânica	Coppi Máquinas Ltda.
	Francisco Lindner S/A Indústria e Comércio
	Junior Indústria Metalúrgica Ltda.
	Maqtron Importação e Exportação Ltda.
	Wieser, Pichler & Cia. Ltda.

¹ Foram realizadas entrevistas aos empresários das empresas no período de 26 de julho a 05 de agosto de 2005. Somente uma entrevista não pode ser realizada pessoalmente, sendo que as informações foram recebidas via e-mail.



MAPA 2 – Localização das empresas entrevistadas nos estudos de caso

Fonte: Mapa – Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC.

Elaboração e adaptações do autor.

Procurou-se entrevistar especialmente os diretores das empresas, sendo eles fundadores das mesmas ou com algum vínculo com estas. (Francisco Lindner S/A Ind. Com., Wieser, Pichler & Cia Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Maqtron Importação e Exportação Ltda., Specht Produtos Alimentícios Ltda.).

Entre os critérios para selecionar as empresas, além do setor a que pertencem como já foi destacado, está o número de funcionários totais e não terceirizados das empresas. O número de funcionários é um dado importante, pois através dele pode-se classificar as indústrias quanto ao seu porte. Sendo assim, consideraram-se como micro-empresas aquelas com até 19 funcionários (Maqtron Importação e Exportação Ltda. – 19), pequena empresa de 20 a 99 funcionários (Junior Indústria Metalúrgica Ltda. – 37, ADM do Brasil Ltda.– 74, Coppi Máquinas Ltda.– 80, Specht Produtos Alimentícios Ltda.- 90), média empresa de 100 a 499 funcionários (Wieser, Pichler & Cia Ltda.– 100, Francisco Lindner S/A Ind. Com. –

170, Aurora – Cooperativa Central Oeste Catarinense – 217, Coperio – Cooperativa Rio do Peixe – 320)².

No plano teórico, este trabalho foi realizado com a contribuição de Henri Lefebvre (O Direito à Cidade) na sua discussão sobre a problemática urbana relacionada com a atividade industrial. Em Alain Lipietz (O Capital e seu Espaço) e Manuel Castells (Questão Urbana) procuraram-se os conceitos referentes à produção do espaço social, também verificada em Milton Santos (Espaço e Método, Pensando o Espaço do Homem). Não se restringindo a esses autores também se buscou a compreensão da relação entre a economia industrial e a formação espacial através das transformações do capitalismo monopolista na visão marxista dos autores como David Harvey (A Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural) e Jean Lojkin com suas idéias sobre o Estado (O Estado Capitalista e a Questão Urbana). As transformações trabalhistas foram analisadas segundo o enfoque de Harry Braverman (Trabalho e Capital Monopolista) e as transformações econômicas nacionais através de Maria da Conceição Tavares (Destrução não criadora: memórias de um mandato popular contra a recessão, o desemprego e a globalização subordinada). Estes autores além de outros utilizados neste trabalho representam enorme contribuição no plano teórico e na compreensão da produção do espaço urbano.

Quanto ao município de Joaçaba e região, pode-se destacar Alexandre Muniz de Queiroz, autor do “Álbum Comemorativo do Município de Joaçaba” e que representa um importante documento publicado sobre a história do município. Como é deficiente a bibliografia sobre a região, este trabalho pretende também contribuir de forma a amenizar esta lacuna bibliográfica existente para a compreensão das transformações na estrutura interna do espaço urbano de Joaçaba, através da análise das relações complexas entre a expansão dos processos econômicos e suas repercussões espaciais.

² Utilizou-se a classificação do Ministério do Trabalho.

1. A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

A produção do espaço, amplamente discutida entre os autores que procuraram desvendar a realidade urbana, tem neste trabalho a proposta de uma análise sobre a lógica da formação do urbano a partir das atividades produtivas, em especial o setor secundário.

O tema do objeto, que busca encontrar uma relação entre a industrialização e a urbanização requer o uso de recortes históricos e teóricos para o bom entendimento do trabalho. Para isso, faz-se necessário buscar referências e termos conceituais desenvolvidos pelos autores que buscaram compreender a organização espacial urbana tendo como ponto de partida o modo de produção capitalista e tudo o que ele acarreta sobre a dinâmica espacial, as relações de produção, as forças produtivas, a sociedade.

Segundo Marx (1982:4), “quando se trata, pois, de produção, trata-se da produção em um grau determinado de desenvolvimento social, da produção de indivíduos sociais”. Não se trata de uma produção sem instrumentos, sem trabalho passado, acumulado, sem o capital que aparece também como um instrumento da produção. Conforme Marx (1982:5), “(...) a produção não é apenas uma produção particular, mas sempre ao contrário, certo corpo social, sujeito social que exerce sua atividade numa totalidade maior ou menor de ramos de produção”.

Esse autor considera a produção o início de um processo dividido em etapas que almejam o consumo, ou seja, o final deste processo. Desta maneira, a produção já é parte do consumo. Entre estes dois pontos, estão a distribuição e a troca, sendo que a primeira é determinada como momento determinado pela sociedade e a outra como momento determinado pelos indivíduos. (MARX, 1982:7).

A idéia apresentada por ele é a de que:

(...) na produção, os membros da sociedade apropriam-se [produzem, moldam] dos produtos da natureza para as necessidades humanas; a distribuição determina a proporção dos produtos de que o indivíduo participa; a troca fornece-lhe os produtos particulares em que queira converter a quantia que lhe coube pela distribuição; finalmente no

consumo, os produtos convertem-se em objetos de desfrute, de apropriação individual. (MARX, 1982:7).

Sendo assim, produção, distribuição, troca e consumo formam o processo produtivo que foi referido anteriormente, onde “(...) a produção é a generalidade; distribuição e troca, a particularidade; e consumo a individualidade (...)”. (MARX, 1982:7). A produção, neste caso, é sempre determinada pela sociedade, ou seja, ela cria objetos a partir das necessidades dos indivíduos.

Dando continuidade, neste aspecto, têm-se as contribuições dos autores na compreensão do espaço enquanto estrutura social, como mencionado a seguir.

1.1. ESPAÇO E SOCIEDADE

A relação entre espaço e sociedade na idéia de Milton Santos é entendida considerando o espaço como instância da própria sociedade. Desta maneira, a produção espacial é resultado da produção social, isto é: “a essência do espaço é social”. E dando continuidade, “o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual”. (SANTOS, 1985:01).

A configuração espacial é dada então se levando em consideração os elementos geográficos distribuídos sobre o território e a forma como a sociedade interage com eles, podendo utilizá-los da maneira como melhor lhe convier. O produto desta utilização que para a sociedade tem propósitos específicos é a transformação do espaço.

Corroborando, Lipietz (1988:23) diz que a concepção da estrutura espacial concreta é o resultado da concepção da estrutura social. O espaço concreto, que ele denomina de espaço social ou sócio-econômico, é um “concreto-do-pensamento, que reproduz no pensamento a realidade social na sua dimensão espacial”.

O autor coloca que a seu ver “o espaço sócio-econômico concreto pode ser analisado em termos de articulação das espacialidades próprias às relações definidas nas diferentes instâncias dos diferentes modos de produção presentes na

formação social”. (LIPIETZ, 1988:24). Isto é, a questão de como o espaço está organizado deve ser abordada partindo-se da sociedade que faz uso deste espaço e o transforma de acordo com suas aspirações e necessidades.

É preciso compreender bem que o espaço sócio-econômico concreto se apresenta, ao mesmo tempo, como articulação dos espaços analisados, como um produto, um reflexo da articulação das relações sociais e, enquanto espaço concreto já dado, como um constrangimento objetivo que se impõe ao desenvolvimento das relações sociais. Diremos que a sociedade recria seu espaço sobre a base de um espaço concreto, sempre já dado, herdado do passado. (LIPIETZ, 1988:24).

Esta modificação consciente do espaço pela sociedade se dá buscando uma perspectiva de desenvolvimento na articulação com os modos de produção. Para Lipietz, (1988:28) esta articulação, em sua dimensão espacial, permite explicar a existência de regiões desigualmente desenvolvidas. Sendo assim, são as relações sociais que, à medida que têm uma dimensão espacial, “polarizam” o espaço social. A “região” aparece assim como produto das relações inter-regionais e estas como uma dimensão das relações sociais”.

(...) não sendo a “geografia humana” senão o desenvolvimento espacial das estruturas sociais (econômicas, políticas, ideológicas), a diferenciação dos espaços concretos (regionais ou nacionais) deve ser abordada a partir da articulação das estruturas sociais e dos espaços que elas engendram. Estes espaços diferenciados só podem ser definidos a partir de uma análise concreta das estruturas sociais que lhes conferem uma individualidade; quanto às próprias diferenças (e às relações inter-regionais), elas devem ser apreendidas a partir de diferenças nos tipos de dominância e nos modos de articulação entre os modos de produção. As relações inter-regionais são, antes de mais nada, relações sociais. (LIPIETZ, 1988:33).

Castells (1983:14), na sua análise urbana e de formação das cidades, apresenta que a questão do processo de urbanização está geralmente calcada numa perspectiva evolucionista em que se desdobram os elementos da formação social precedente, sendo as formas de implantação espacial as expressões mais claras destas transformações. Este autor reforça as idéias defendidas pelos outros autores anteriormente citados, de que “é necessário estudar a produção das formas espaciais a partir da estrutura social da base”.

Explicar o processo social que está na base da organização do espaço não se reduz a situar o fenômeno urbano no seu contexto. Uma problemática sociológica da urbanização deve considerá-la enquanto processo de

organização e de desenvolvimento, e, por conseguinte, partir da relação entre forças produtivas, classes sociais e formas culturais (dentre as quais o espaço). Uma investigação deste tipo não pode processar-se unicamente no abstrato: deve, com a ajuda de seus instrumentos conceituais, explicar situações históricas específicas, bastante ricas para que apareçam as linhas de força do fenómeno estudado, a organização do espaço. (CASTELLS, 1983:15).

Mas Castells vai mais além. Considerar a cidade como projeção da sociedade no espaço, é ao mesmo tempo, segundo ele, fundamental e uma afirmação muito elementar.

O espaço é um produto material em relação com outros elementos materiais – entre outros, os homens, que entram também em relações sociais determinadas, que dão ao espaço (bem como aos outros elementos da combinação) uma forma, uma função, uma significação. Portanto, ele não é uma pura ocasião de desdobramento da estrutura social, mas a expressão concreta da cada conjunto histórico no qual uma sociedade se especifica. (CASTELLS, 1983:146).

Sendo assim, o espaço não é estruturado, não está organizado ao acaso e os processos sociais ligados a ele são os resultados de cada período da organização social. Para estudá-lo é preciso de um lado, elaborar instrumentos teóricos do saber da realidade urbana, e por outro, analisá-lo particularmente fazendo alusão aos seus momentos históricos. (CASTELLS, 1983).

1.2. INDÚSTRIA E ESPAÇO URBANO

Castells (1983) coloca a questão da utilização de definições teóricas necessárias ao bom entendimento de uma análise da estrutura urbana. Sendo este trabalho sobre o tema industrial e urbano, é pertinente que levemos em consideração alguns conceitos básicos.

Primeiramente é preciso tratar sobre o termo urbanização que se refere à constituição das formas espaciais específicas das sociedades humanas, caracterizadas pela concentração significativa das atividades e das populações num espaço determinado e restrito. A noção do urbano que geralmente aparece como sendo a oposição do rural pertence à ideologia calcada na sociedade tradicional/sociedade moderna e é definida pela sua distância em relação à

sociedade moderna. A diferenciação entre cidades e aldeias coloca o problema que para Castells (1983:24) situa-se na diferenciação das formas espaciais da organização social. Para ele “a impossibilidade de encontrar um critério empírico de definição do urbano é apenas a expressão de um movimento teórico”.

(...) em vez de falar de urbanização, trataremos do tema da produção social das formas espaciais. No interior desta problemática, a noção ideológica de urbanização refere-se ao processo pelo qual uma proporção significativamente importante da população de uma sociedade concentra-se sobre certo espaço, onde se constituem aglomerados funcional ou socialmente interdependentes do ponto de vista interno, e numa relação de articulação hierarquizada (rede urbana). (CASTELLS, 1983:28).

Fazendo equivaler os processos de urbanização e industrialização surge a tendência da análise da urbanização como sendo uma correspondência entre o meio técnico de produção (definido pela atividade industrial) e uma forma específica de organização espacial, ou seja, a cidade, definida de acordo com sua forma e sua densidade. (CASTELLS, 1983).

“A urbanização ligada à primeira revolução industrial e inserida no desenvolvimento do tipo de produção capitalista, é um processo de organização do espaço”. (Castells, 1983:23). Neste caso são decompostas as estruturas sociais agrárias ocorrendo a emigração da população para os centros urbanos preexistentes, fornecendo a mão de obra necessária para a atividade industrial. Num segundo momento registra-se a passagem de uma economia doméstica, com base no artesanato para a manufatura e mais tarde para o complexo fabril, concentrando a mão de obra e criando um mercado consumidor. Está instalado o meio industrial e tudo o que ele necessita para prosperar.

A indústria incorpora o espaço urbano e passa a ser elemento dominante de sua paisagem. Este domínio, “expressão da lógica capitalista” representa a organização espacial com base no mercado e nas relações sociais de produção e reprodução da força de trabalho.

Na relação entre a industrialização e urbanização apresentada por Lefebvre (1991:3), o processo de industrialização é tratado como o ponto de partida para se expor a “problemática urbana”. Para ele, sem contestação, o processo industrial, é há um século e meio o responsável pelas transformações sociais. Nesta reflexão ele

lembra que a cidade preexiste à industrialização e faz alusão às criações urbanas anteriores a ela, como a cidade arcaica (grega ou romana, ligada à posse de escravos) e a cidade medieval (inserida em relações feudais).

Com o início do processo industrial e o nascimento do capitalismo concorrencial, as cidades arcaicas quase desaparecem para ressurgirem e retomarem seu desenvolvimento em torno dos mercados que ocupam os antigos núcleos urbanos. Estes centros são centros de vida social e política onde se acumulam riquezas, conhecimentos e técnicas (obras de arte, monumentos). (LEFEBVRE, 1991).

A industrialização pressupõe a ruptura desse sistema urbano implicando na desestruturação das estruturas estabelecidas. O sistema urbano é afetado em virtude da expansão do volume de trocas e da produção mercantil. Também são sentidas pela cidade a passagem do capitalismo comercial e bancário e da produção artesanal para a produção industrial e para o capitalismo concorrencial. (LEFEBVRE, 1991).

O autor também aborda a questão da localização da indústria que no princípio tem a tendência de se instalar fora das cidades, próximas às fontes de energia, meios de transporte, matérias-primas. Ao mesmo tempo, o ambiente urbano permite que estejam concentrados os meios de produção, as ferramentas e a mão de obra. (LEFEBVRE, 1991). Com isso, a localização distante da cidade passa a ser vista como uma mera condicionante locacional antiga, quando ainda não estão desenvolvidas as técnicas aplicadas à indústria, como o exemplo, da indústria têxtil que precisava se instalar próxima aos cursos d'água para a geração de energia necessária ao processo produtivo.

Não sendo satisfatória para os “empresários” a implantação fora das cidades, desde que possível, a indústria se aproxima dos centros urbanos. Inversamente, a cidade anterior à industrialização acelera o processo (em particular, ela permite o rápido crescimento da produtividade). A cidade, portanto, desempenhou um papel importante do take off (Rostow), isto é, na arrancada da indústria. As concentrações urbanas acompanharam as concentrações de capitais no sentido de Marx. Desde então a indústria devia produzir seus próprios centros urbanos, cidade, aglomerações industriais ora pequenas (Le Cresot), ora médias (Saint-Etienne), às vezes gigantes (Ruhr, considerada como “conurbação”). Seria necessário voltar para a deterioração da centralidade e o caráter urbano nessas cidades. (LEFEBVRE, 1991:08).

Esta apropriação da rede urbana pela indústria faz com que sejam rompidos os núcleos antigos sem que seja impedido o fenômeno da expansão urbana. Como consequência deste processo o urbano se instala através das cidades operárias, aglomerações e subúrbios, numa transformação radical do espaço. Industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento acabam por remanejar as cidades, pois, “a industrialização não produz apenas empresas (operários e chefes de empresas), mas sim estabelecimentos diversos, centros bancários e financeiros, técnicos e políticos”. (LEFEBVRE, 1991:09).

Um aspecto que deve ser destacado num trabalho como este diz respeito ao tecido urbano, não apenas como sendo uma descrição morfológica e limitado a ela, mas como suporte das relações sociais e urbanas, do modo de viver da população que reside no urbano. Lefebvre (1991:11) aborda esta questão com a análise partindo das cidades onde, “observa-se a ampliação não apenas das periferias fortemente povoadas, como também das redes (bancárias, comerciais, industriais) e da habitação (residências secundárias, espaços e locais de lazer, etc.)”.

Esta é a cidade que se mostra a partir da indústria, onde são encontrados elementos e valores, objetos e sistemas que formam o tecido urbano. A cidade por si só é a representação social do espaço urbano.

1.3. ESPAÇO E CAPITAL

O espaço é aqui entendido como resultante do modo de produção capitalista em interação com a sociedade, sendo ele o produto da dinâmica de um desenvolvimento desigual e constituído de expressões espaciais da concentração dos meios de produção e dos meios de reprodução da força de trabalho, assim como da distribuição de mercadorias solicitadas pelo mercado que se desenvolve a partir deste processo de acumulação capitalista. (CASTELLS, 1983).

Conforme Marx (1982:192), “o ponto de partida do capital é o proprietário de mercadoria, de dinheiro, em resumo, o capitalista”. O capitalista, proprietário do capital, de onde o dinheiro sai e para onde o dinheiro volta, transforma-o em capital

e este assume um movimento característico tanto no processo de produção quanto no de circulação.

Isso expressa tanto a metamorfose real – a mercadoria transformando-se nas condições de sua produção e as condições de produção novamente em formas de mercadoria: a reprodução – como também a metamorfose formal – a mercadoria transformando-se em dinheiro, e o dinheiro, em mercadoria. Finalmente, a multiplicação do valor, $D - M - D'$. Mas se o valor primitivo cresce no processo, sempre permanece nas mãos do mesmo capitalista. Somente mudam as formas daquilo que tem na mão, como dinheiro, mercadoria ou como forma do próprio processo de produção. (MARX, 1982:191).

O autor continua defendendo a idéia de que no capitalismo, confrontam-se apenas duas espécies de compradores e vendedores, procura e oferta; onde de um lado está a classe de capitalistas e de outro a dos emprestadores ou compradores. (MARX, 1982).

O capitalismo na teoria de Harvey (1992:166) é orientado para o crescimento. Segundo ele, uma taxa equilibrada de crescimento é essencial para que o sistema capitalista prospere. Assim, os lucros podem ser garantidos e a acumulação sustentada. Isso significa que o capitalismo tem que orientar o preparar o crescimento em valores reais sem levar em conta as conseqüências sociais, políticas, geopolíticas ou ecológicas. A crise, em contrapartida, ocorre com a falta de crescimento.

O crescimento em valores reais se apóia na exploração do trabalho vivo na produção. Isso não significa que o trabalho se aproprie de pouco, mas que o crescimento sempre se baseia na diferença entre o que o trabalho obtém e aquilo que cria. Por isso, o controle do trabalho, na produção e no mercado, é vital para a perpetuação do capitalismo. O capitalismo está fundado, em suma, numa relação de classe entre capital e trabalho. Como o controle do trabalho é essencial para o lucro capitalista, a dinâmica da luta de classes pelo controle do trabalho e pelo salário de mercado é fundamental para a trajetória do desenvolvimento capitalista. (HARVEY, 1992:166).

Corroborando e abordando a questão do trabalho no capital monopolista, Braverman (1987:54) coloca que a produção capitalista é um intercâmbio de relações, mercadorias e dinheiro, mas que sua diferença específica situa-se na compra e venda da força de trabalho. Para esse fim, em primeiro lugar, os trabalhadores são separados dos meios com os quais a produção é realizada, e só podem ter acesso a eles vendendo sua força de trabalho a outros. Em segundo

lugar, o emprego do trabalhador torna-se a expansão de uma unidade de capital pertencente ao empregador. O processo de trabalho começa, portanto, com um contato ou acordo que estabelece as condições de venda da força de trabalho pelo trabalhador e sua compra pelo empregador.

O que distingue a força de trabalho humano é, portanto, não sua capacidade de produzir um excedente, mas seu caráter inteligente e proposital, que lhe dá infinita adaptabilidade e que produz as condições sociais e culturais para ampliar sua própria produtividade, de modo que seu produto excedente pode ser continuamente ampliado. Do ponto de vista do capitalista, esta potencialidade multilateral dos seres humanos na sociedade é a base sobre a qual efetua-se a ampliação do seu capital. (BRAVERMAN, 1987:58).

Para o capitalista é fundamental o controle sobre o processo de trabalho. Historicamente este controle situava-se nas mãos do trabalhador, mas com a “alienação progressiva dos processos de produção”, foram para o capitalista apresentando-se como o problema da “gerência”. (BRAVERMAN, 1987:59).

A gênese deste processo está no capitalismo industrial quando um significativo número de trabalhadores é empregado por um único capitalista. “No início, o capitalista utiliza o trabalho tal como lhe vem das formas anteriores de produção, executando os processos de trabalho tal como eram executados antes”. (BRAVERMAN, 1987:61). A divisão manufatureira do trabalho surgiu como princípio inovador do modo capitalista de produção e a divisão do trabalho permaneceu o princípio fundamental da organização industrial.

A divisão do trabalho na indústria capitalista não é de modo algum idêntica ao fenômeno da distribuição de tarefas, ofícios ou especialidades da produção através da sociedade, porquanto, embora todas as sociedades conhecidas tenham dividido seu trabalho em especialidades produtivas, nenhuma sociedade antes do capitalismo subdividiu sistematicamente o trabalho de cada especialidade produtiva em operações limitadas. Esta forma de divisão do trabalho torna-se generalizada apenas com o capitalismo. (BRAVERMAN, 1987:70).

Assim, a divisão social do trabalho é aparentemente inerente característica do trabalho humano tão logo ele se converte em trabalho social, isso é, trabalho executado na sociedade e através dela. Mais que todo o movimento para a organização da produção em sua base moderna e a revolução técnico-científica, baseada na utilização sistemática da ciência para a mais rápida transformação da

força de trabalho em capital, devem-se articular estes fatos ao espaço, local onde se dão todas estas transformações e à estrutura social, base de toda esta organização. Sendo o desenvolvimento capitalista decorrente do capitalismo monopolista, ele “abrange o aumento de organizações monopolistas no seio de cada país capitalista, a internacionalização do trabalho, o imperialismo, o mercado mundial e o movimento mundial do capital, bem como as mudanças na estrutura do poder estatal”. (BRAVERMAN, 1987:215).

Estes fatos mostram a tendência à transformação do espaço determinada do ponto de vista do modo de produção e das atividades econômicas. Desta maneira, passa a existir uma homogeneização do espaço fazendo com que sejam verificadas zonas geográficas mais ou menos favoráveis à atividade industrial. Para um estudo urbanístico, este fato é fundamental, uma vez que a necessidade de mão de obra leva a empresa a se instalar num meio urbano favorável. Como consequência, a classe trabalhadora fará surgir os equipamentos sociais e culturais (escolas, lojas, supermercados) e desta maneira, estará transformando constantemente o espaço em que vive.

Com isso, é necessário destacar a existência de um antagonismo onde de um lado está o subdesenvolvimento das regiões menos equipadas em infra-estruturas urbanas (meios de circulação materiais e meios de consumo coletivos) e, do outro, o congestionamento urbano, a aglomeração de “megalópoles” onde estão concentrados os mais variados e densos meios de comunicação e de consumo coletivos. Estas últimas permitirão que no seu interior se reproduza um processo de diferenciação espacial entre as zonas mais bem equipadas, as zonas residenciais de classes dominantes e as zonas menos equipadas, cuja distância em relação às primeiras tende sempre a crescer.

Considerando o acima exposto e relacionando com esta proposta de trabalho é importante destacar a teoria de François Perroux (1970) que trata do conceito de pólo de crescimento através da análise do crescimento econômico concreto, que segundo ele não se traduz nem pelo circuito estacionário³, nem pelo equilíbrio

³ G. Cassel desenhou o modelo duma economia em crescimento regular e sem variações de proporção e fluxos. A população cresce, a produção global cresce na mesma proporção sendo constante o fluxo de bens de produção e consumo. Em resumo, a economia é em cada período a

estático⁴. Conforme Perroux, que defende a ocorrência de variações estruturais dentro da economia, o surgimento de uma indústria nova ou o crescimento de uma indústria já existente propagam-se por intermédio dos preços, fluxo e antecipações.

Sendo assim, a origem de novas empresas industriais que irão caracterizar o pólo estariam na possibilidade de novas invenções baseadas nos produtos de uma ou de um grupo de indústrias que elaboraram o esboço inicial. O fato que ele coloca é que: “o crescimento não ocorre em toda parte ao mesmo tempo: manifesta-se com intensidades variáveis, em pontos ou pólos de crescimento; propaga-se segundo diferentes vias e com efeitos finais variáveis no conjunto da economia”. (PERROUX, 1970:100).

Dando continuidade, Perroux salienta que a concentração territorial dada pelas condições econômicas define uma articulação de indústrias de acordo com a natureza de suas atividades (indústria-chave). Este fator provoca ainda, a expansão e o crescimento dos conjuntos movidos e do espaço urbano.

Num pólo industrial complexo geograficamente concentrado e em crescimento, registram-se efeitos de intensificação das atividades econômicas devidos à proximidade a aos contatos humanos. A concentração industrial cria tipos de consumidores de consumo diversificado e progressivo, em comparação com os dos meios agrícolas rurais. Surgem e encadeiam-se necessidades coletivas (alojamento, transportes, serviços públicos). (PERROUX, 1970:108).

Inserido nesta estrutura, o município de Joaçaba sempre foi considerado como pólo industrial regional onde o surgimento e crescimento de um grupo de empresas levaram ao aparecimento de outras. A concentração de bens de capitais e meios humanos fez com que se desenvolvessem atividades econômicas, um mercado em constante crescimento e um espaço produzido a partir destes elementos. No entanto, é importante destacar que atualmente esse conceito de pólo regional pode ser questionado, uma vez que alguns municípios já estão caminhando sozinhos, apresentando índices de desenvolvimento superiores aos de Joaçaba.

réplica exata da economia do período anterior, somente as quantidades são multiplicadas por determinado coeficiente.

⁴ J. Schumpeter elaborou um sistema de crescimento onde, população, produção e capital aumentam de período para período exatamente nas mesmas proporções.

O que se pode destacar, é que em primeiro lugar, não se está diante de um grande centro industrial, nem por isso menos importante, em vista à análise que se pretende efetuar. Depois, que nem sempre o desenvolvimento do município de Joaçaba – e pode-se dizer regional - foi ascendente, tendo sofrido as conseqüências de uma economia que se transformou, principalmente nas últimas décadas do século XX. E é justamente nesse ponto que se pretende buscar as respostas desta investigação.

1.4. O PAPEL DO ESTADO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Outro enfoque que se deve dar importância numa análise como esta se refere à intervenção pública no sentido desta garantir o pleno desenvolvimento do espaço social podendo ou não estar associada com a iniciativa privada. Para Lojkine (1981:19) a urbanização é uma forma desenvolvida da divisão social do trabalho e assim sendo é um dos determinantes fundamentais do Estado. Portanto, bem mais do que campo de aplicação da política estatal, o urbano é, principalmente, um momento necessário de análise que não pode ser deixado de lado.

Na formulação de sua problemática, esse autor procura não restringir a análise do Estado a um “domínio” empírico particular, sendo que a análise de sua intervenção na urbanização capitalista contemporânea deve estar baseada na determinação do vínculo entre a elaboração da política estatal, de um lado, e, de outro, na socialização das forças produtivas e das relações de produção. Na medida em que as formas de urbanização são, antes de mais nada, formas da divisão social e territorial do trabalho, elas estão no centro da contradição atual entre as novas exigências do progresso técnico e das leis de acumulação do capital. (LOJKINE, 1981:121).

Não considerar a urbanização como elemento-chave das relações de produção, reduzi-la ao domínio do “consumo”, do “não-trabalho”, opor reprodução da força de trabalho – pela urbanização – a dispêndio do trabalho vivo – na empresa – é, ao contrário, retomar um dos temas dominantes da ideologia burguesa segundo a qual só é “produtiva” a atividade de produção de mais-valia. Ora, a nosso ver, as formas contraditórias do desenvolvimento urbano, do modo como são refletidas e acentuadas pela política estatal, são justamente a revelação do caráter ultrapassado da maneira capitalista de medir a rentabilidade social através apenas da acumulação do trabalho morto. (LOJKINE, 1981:122).

Neste sentido, “a intervenção estatal é a forma mais elaborada, mais desenvolvida, da resposta capitalista à necessidade de socialização das forças produtivas” e desta maneira é possível definir as políticas urbanas dos estados capitalistas desenvolvidos como “contratendências produzidas pelo próprio modo de produção capitalista para regular, atenuar os efeitos negativos – no nível do funcionamento global das formações sociais – da segregação e da mutilação capitalistas dos equipamentos urbanos”. (LOJKINE, 1981:169).

Lipietz (1988:149), coloca que a relação entre o Estado e o espaço não deve ser somente entre a instituição política e a espacialidade do político, mas que é preciso compreender que, “se o espaço social é a dimensão espacial da sociedade considerada como totalidade, como comunidade material, como produto da atividade coletiva, independente das atividades particulares, e impondo-se a cada uma delas como uma força estranha”, então ele mantém uma relação específica com o Estado formado pelas instituições que representam o interesse coletivo. Sendo assim, o Estado desempenha o papel principal no espaço social concreto e, para começar, na sua delimitação geográfica.

O autor insiste na questão de que não é a força - dominação e exploração⁵ - que faz o Estado, mas pelo contrário, são as relações de produção que determinam a existência do Estado e o uso da força. Nisso tudo, é importante que se compreenda que “são as contradições que as espacialidades próprias das relações de produção encerram que determinam a eficácia da espacialidade política e sua articulação às outras espacialidades: mais precisamente, as funções de organização do território e de ação regional”. (LIPIETZ, 1988:150).

Sendo assim, as funções das instituições e dos centros de poder político no desdobramento do espaço sócio-econômico consistem em assegurar as condições econômicas, políticas e ideológicas da reprodução de cada um dos modos, à medida que as condições desta reprodução não estão totalmente incluídas economicamente, além de intervir diretamente para acelerar, inibir ou reverter os processos de articulação dos modos de produção presentes na formação social. Ou

⁵ Aqui o autor refere-se à Marx e Engels, onde a existência do “Estado separado” deriva da divisão do trabalho e, secundariamente, da existência de uma (ou várias) classe dominante. Desse modo, o Estado torna-se da (ou das) classe dominante o instrumento para dividir, controlar e domar as classes dominadas. (LIPIETZ, 1988:150).

seja, a intervenção da instância política consiste na (re) produção da espacialidade dos modos de produção (em particular do modo capitalista), remetendo à noção de organização do território e na articulação espacial dos modos de produção, isto é, na evolução das estruturas sociais regionais. (LIPIETZ, 1988:152).

A intervenção do Estado é tratada por Harvey (1992:118) levando-se em consideração muito mais os aspectos econômicos do que espaciais. De modo geral, este autor aponta que a regulamentação do Estado é necessária para compensar as falhas de mercado, evitar a concentração de poder e mercado, fornecer bens coletivos e infra-estrutura, assim como impedir os surtos especulativos.

Harvey esclarece que as formas de regulamentação estatal variavam muito entre os países capitalistas, mas que até a década de 1970 o Estado tinha como obrigação controlar os ciclos econômicos com uma combinação apropriada de políticas fiscais e monetárias em vista a atender o fordismo⁶, principalmente após o término da Segunda Guerra Mundial.

Essas políticas eram dirigidas para as áreas de investimento público – em setores como o transporte, os equipamentos públicos etc. – vitais para o crescimento da produção e do consumo de massa e que também garantiam um emprego relativamente pleno. Os governos também buscavam fornecer um forte complemento ao salário social com gastos de seguridade social, assistência médica, educação, habitação etc. Além disso, o poder estatal era exercido direta ou indiretamente sobre os acordos salariais e os direitos dos trabalhadores na produção. (HARVEY, 1992:129).

Dessa maneira, é notável que os governos nacionais criassem tanto um “crescimento econômico estável como um aumento dos padrões materiais de vida através de uma combinação de estado do bem-estar social, administração econômica keynesiana e controle de relações de salário”. (HARVEY, 1992:130). Como o fordismo dependia exclusivamente do consumo em massa, cabia ao Estado garantir a perpetuação desse sistema levando à população os benefícios dele.

A partir da década de 1970, com as mudanças econômicas e a globalização, o papel do estado também foi enfraquecido, num primeiro momento devido a maior autonomia dada ao sistema bancário e financeiro. O Estado teve de se tornar mais

⁶ Sistema de produção implantado por Henry Ford em 1914. Em sua visão, produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho. (HARVEY, 1992).

“empreendedor”, conter os movimentos sociais e regular as atividades do capital corporativo no interesse da nação além de atrair investimentos de capitais transnacionais e globais. (HARVEY, 1992).

Embora possa ter havido variações substanciais de país para país, há fortes evidências de que as modalidades, os alvos e a capacidade de intervenção estatal sofreram uma grande mudança a partir de 1972 em todo o mundo capitalista, pouco importando a tendência ideológica do governo no poder (...). Isso não significa, porém, que o intervencionismo estatal tenha diminuído de modo geral, visto que em alguns aspectos – em particular no tocante ao controle do trabalho -, a intervenção do Estado alcança hoje um grau bem mais fundamental. (HARVEY, 1992:161).

Tudo isso nos leva à problemática das atividades econômicas, que não influíram apenas sobre o papel do Estado na produção do espaço, mas também sobre os modos e práticas que se modificaram profundamente a partir de 1970 na transição do fordismo para a cumulação flexível, como mencionado a seguir.

1.5. ECONOMIA E ESPAÇO: AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS A PARTIR DA DÉCADA DE 1970

A análise do espaço urbano de uma cidade com tradição na atividade industrial deve levar em conta não somente as relações capitalistas ali existentes, mas também as diversas forças econômicas atuantes no espaço, suas transformações ao longo do tempo - partindo-se do geral para o particular - e suas implicações sociais e urbanas.

No período que se pretende analisar, ou seja, a partir da década de 1970 a economia mundial passou por um período de recessão e uma mudança no processo de acumulação. As décadas de 70 e 80 foram um conturbado período de reestruturação econômica e de reajustamento social e político. No espaço social, uma série de novas experiências nos domínios da organização industrial e da vida social e política começou a tomar forma (1992:140). Essas experiências representam a passagem para um novo regime de acumulação que Harvey (1992:140) caracteriza como “acumulação flexível”.

A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (...).

As transformações atingiram também o mercado de trabalho que passou por uma radical transformação. Diante das incertezas criadas pelo mercado, do aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro, a classe trabalhadora foi prejudicada pelo enfraquecimento do poder sindical ocasionando um grande contingente de mão de obra excedente (desempregados e subempregados). A criação destes “empregos flexíveis” marca a atual tendência dos mercados de trabalho: “(...) reduzir o número de trabalhadores “centrais” e empregar cada vez mais uma força de trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos quando as coisas ficam ruins”. (HARVEY, 1992:144).

Ao mesmo tempo, as empresas tiveram que lidar com uma capacidade ociosa de seus parques fabris e além de serem obrigadas a racionalizar e intensificar o controle do trabalho tiveram de contar com processos de reestruturação produtiva. As mudanças decorrentes da nova organização industrial, conforme Harvey (1992:140) deu oportunidades para a formação de pequenos negócios através de empresas subcontratadas, permitindo que sistemas mais antigos de trabalho reflorescessem. Além disso, outras transformações foram verificadas:

Novas técnicas e formas organizacionais de produção puseram em risco os negócios de organização tradicional, espalhando uma onda de bancarrotas, fechamento de fábrica, desindustrialização e reestruturações que ameaçou até as corporações mais poderosas. A forma organizacional e a técnica gerencial apropriadas à produção em massa padronizada em grandes volumes nem sempre eram convertidas com facilidade para o sistema de produção flexível (...). (HARVEY,1992:146).

Dessa maneira, as economias de escala da era fordista foram substituídas pelas de escopo devido à crescente capacidade da indústria de produzir uma maior variedade, a preços mais baixos e em lotes menores. O ritmo de inovação dos

produtos também foi acelerado, reduzindo em contrapartida o tempo de giro de produtos em nome da lucratividade capitalista. (HARVEY,1992:148).

Boddy (1990:44) a esse respeito discorre que o novo regime de acumulação do capital propiciou o surgimento dos distritos industriais, formando novos espaços industriais numa tendência à reaglomeração da atividade econômica. “A geografia da acumulação flexível caracteriza-se pelo surgimento de novos complexos de produção localizados. Esses novos distritos industriais são o corolário espacial do novo regime pós-fordista de acumulação”. (BODDY, 1990:47).

Não menos importante que a análise econômica mundial, deve ser apresentada a ocorrência dos fatos apontados no âmbito nacional. No Brasil, o período de 1973-1980 correspondeu ao crescimento da produção industrial brasileira se comparado com a economia do mundo capitalista. Segundo Tavares (1999:200), desde meados da década de 1970 que a indústria brasileira vinha aumentando as exportações usando o câmbio e o financiamento interno e externo. “O coeficiente de exportação da indústria manufatureira evoluiu de 8,5% em 1980 para 19,8% em 1993. Esse último é superior aos coeficientes de aberturas do Japão e dos Estados Unidos, que eram 13% em 1992”.

No início dos anos 80, após a fase de expansão das atividades, a situação da economia brasileira começou lentamente a sofrer os efeitos da crise econômica mundial. O segundo “choque” do petróleo, em 1979, e a falta de medidas político-institucionais visando à continuidade do processo de substituição de importações demarcaram a mudança no panorama econômico. A partir de 1981, a produção interna refletiu tais mudanças com sucessivas quedas na taxa de crescimento da indústria de transformação no Brasil.

A abertura comercial e a desregulação cambial e financeira, que se verificaram sobretudo a partir da década de 1980, foram impostas pelos países centrais e suas grandes empresas e bancos em busca de maiores espaços livres para sua atuação global. Esse movimento geral de desregulação provocou fortes processos de desindustrialização e sucessivas crises cambiais que atingiram os países e regiões mais frágeis do mundo. (TAVARES, 1999:77).

Desse período em diante, a economia brasileira foi marcada pela queda acentuada da demanda interna, da produção industrial e da ampliação das margens

de ociosidade das instalações. “O Brasil resistiu a duras penas às pressões de uma abertura comercial descontrolada, e isso deveu-se em boa medida à existência de uma estrutura industrial mais integrada, baseada no tripé capital estrangeiro, nacional e estatal”. (TAVARES, 1999:78). A autora salienta ainda que para esta resistência foi fundamental o apoio de muitas filiais transnacionais aqui instaladas.

A década de 1990 correspondeu à abertura do mercado nacional, a valorização da moeda nacional, e a globalização generalizada, levando as empresas brasileiras a competir acirradamente com os produtos importados. A desigualdade de condições com relação às técnicas produtivas, de gerência e organização, deixou a indústria brasileira em difícil situação. A recessão generalizada cobrava por parte das indústrias a revisão e superação dos processos produtivos dos anos 80.

O “pecado original” do câmbio sobrevalorizado e da abertura comercial descontrolada desdobrou-se em vários pecados capitais: déficit em transações correntes do balanço de pagamentos, juros escorchantes, déficit público gigantesco, inadimplência generalizada, crise agrícola e desindustrialização, todos destruidores e limitantes do crescimento global futuro. Finalmente chegam as três pragas contemporâneas: desemprego estrutural, crise bancária e explosão do endividamento público nas três órbitas do governo. (TAVARES, 1999:93).

A política antiinflacionária destinada a “derrotar a inflação” não conseguiu assegurar a estabilidade. A abertura econômica abrupta, a sobrevalorização cambial e os altos juros buscando assegurar os preços a qualquer custo, instabilizaram as demais variáveis macroeconômicas (nível de atividade, consumo, investimento e balanço de pagamentos) e desmantelaram parte da indústria sem torná-las mais competitivas. (TAVARES, 1999:205).

Neste sentido, a grande concorrência internacional, que atingiu níveis até antes desconhecidos, forçou as empresas a se modernizarem, na busca de maior competitividade e elas passaram a adotar procedimentos visando à reestruturação de seus parques fabris contando com altos investimentos em renovação tecnológica e organizacional. Esta reorganização produtiva incluiria não apenas o redimensionamento de quadros, de postos de trabalho, fechamento de instalações, mas também a adoção de políticas de gerência no controle das empresas e adoção de novas práticas associadas ao controle de qualidade dos produtos. (CASTRO, 2001).

No caso joaçabense, que teve sua gênese industrial vinculada ao setor primário da economia, muitas empresas tiveram que se readaptar mudando até mesmo sua linha de produção uma vez que o mercado passou a exigir novos equipamentos e máquinas para o uso agrícola, por exemplo. Pode-se dizer que a cidade de Joaçaba acompanhou esta fase da indústria nacional apresentando semelhanças e diferenças. Muitas empresas, após a reestruturação industrial puderam retomar seu crescimento, enquanto outras, por não se adaptarem à nova ordem mundial, não conseguiram sobreviver e tiveram que encerrar suas atividades.

Depois de abordar a questão espacial e sua articulação com o sistema econômico, devem ser levadas em consideração as transformações espaciais ocorridas em virtude desses acontecimentos.

Santos salienta que “a nova estrutura da acumulação tem um efeito sobre a organização do espaço, visto que ela agrava a disparidades tecnológicas e organizacionais entre lugares e acelera o processo de concentração econômica e geográfica”. (SANTOS, 1982:15).

Hoje quando se fala de espaço total, fala-se de uma multiplicidade de influências superpostas: mundiais, nacionais, regionais, locais: o espaço é maciço, contínuo, indivisível. Tão indivisível quanto a sociedade total, de que ele é território e com a qual sua relação é igualmente indivisível. A região aparece como um espaço de convivência, um quadro a utilizar para a reprodução das relações sociais. Lugares, subespaços, nada mais são do que espaços funcionais. (SANTOS, 1982:18).

As condições atuais do crescimento capitalista criaram uma forma particular de organização do espaço, indispensável à reprodução das relações econômicas, sociais e políticas. Desta maneira, “a paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social”. (SANTOS, 1986:38).

Conforme Santos (1985), na medida em que a economia se altera profundamente, e aqui podem ser destacadas as transformações verificadas a partir dos anos 1970, ocorre uma mudança das condições de organização urbana e da vida urbana propriamente dita. Desse modo, é o espaço correspondente, que pode ser tanto o local quanto o regional, que vai de repente conhecer novas formas de

articulação, da mesma maneira que as relações interurbanas passam a ter uma natureza até então desconhecida.

A análise dessas mudanças, que são tanto espaciais como econômicas, culturais e políticas, pode ser feita, como sugerimos antes, de um ponto de vista de diversas instâncias da produção, isto é, da produção propriamente dita, da circulação, da distribuição e do consumo, mas também pode tomar como parâmetro outras categorias, por exemplo, as consagradas estruturas da sociedade, isto é, a estrutura política, a estrutura econômica, a estrutura cultural-ideológica, à qual acrescentamos o que chamamos de estrutura espacial. (SANTOS, 1985:46).

Dessa maneira, pretende-se efetuar essa análise espacial e urbana no município de Joaçaba, considerando as transformações aqui apontadas e quem sabe, apresentado bases para futuros questionamentos.

2. CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO: DA FORMAÇÃO DA MICRO-REGIÃO DO MEIO OESTE CATARINENSE À GÊNESE E DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL

2.1. A ESTRADA DE FERRO NA REGIÃO CONTESTADA.

A ocupação do Meio Oeste Catarinense teve seu início a partir da construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul no início do século XX. Sua construção partiu da preocupação do governo brasileiro em garantir essa parte do território, uma vez que a Argentina passou a reivindicar estas terras de enorme importância geopolítica, comprometendo a segurança nacional brasileira. Dessa disputa, surgiu a “Questão das Missões”, arbitrada em 1895 com vitória brasileira, assegurando para o território nacional a área correspondente a pouco mais de um terço do atual Estado de Santa Catarina. (QUEIROZ, 1967).

A construção da ferrovia em 1908, além de beneficiar economicamente o país, possibilitou a colonização da área que era cortada por ela, merecendo destaque para a região do Vale do Rio do Peixe. (Figura 1). Trabalhadores contratados vindos de todo território brasileiro acabaram permanecendo na região, onde ergueram suas casas e organizaram suas comunidades.



FIGURA 1- A estrada de ferro.

Fonte: arquivos da Biblioteca Pública Municipal de Joaçaba.

A partir de 1911, a Brazil Railway Company, que pela construção da via férrea adquiriu o direito de concessão das terras numa faixa de 15 km de cada lado da ferrovia, ordenou a desocupação dos terrenos demarcados a fim de começar o processo de colonização. Iniciam-se então as expulsões dos colonos do Vale do Rio do Peixe, sem serem respeitadas as posses das famílias que já residiam no local.

Para a exploração e exportação madeireiras, a Brasil Raiwlay Company criou a Southern Brazil Lumber & Colonization Company, com uma empresa em Três Barras, em 1909, e outra em Calmon, no Vale do Rio do Peixe. Estas serrarias estavam dotadas de moderna tecnologia e produziam em larga escala à medida que a ferrovia avançava. (PIMENTA, 1984).



FIGURA 2- 1911 - Conclusão da estrada de ferro. Rede viação PR – SC.

Fonte: arquivos da Biblioteca Pública Municipal de Joaçaba.

Obtendo o Brasil ganho de causa na questão de limites com a República Argentina, ficou a região do Meio Oeste contestada entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, que na busca por vantagens, vendiam grandes extensões de terra a grandes companhias e políticos influentes, expropriando os caboclos primitivos, moradores das glebas. (IBGE, 1959).

2.2. A GUERRA DO CONTESTADO.

Em 1912 deflagrou-se o conflito social conhecido como a Guerra do Contestado também conhecida como Guerra dos Fanáticos, e durante anos o Meio Oeste Catarinense foi campo de batalha entre os caboclos “fanáticos” que ocupavam a região e os grandes latifundiários que viam na recém construída ferrovia, as possibilidades de aumento de riqueza da região. (IBGE, 1959).

Diversos fatores contribuíram para a eclosão do conflito, que aparece sob a forma religiosa na figura do monge José Maria do Santo Agostinho, ex-soldado e desertor da Polícia Paranaense, de maus antecedentes e que se dizia sobrinho e continuador do monge já falecido João Maria, com fama de santidade e que realizara curas milagrosas entre 1890 e 1900 nos estados do sul do país.

Aproveitando-se da disputa entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, da falta de policiamento, do espírito de fanatismo religioso e da falta de instrução e ignorância dos nativos, o monge conseguiu reunir ao seu redor um grande número de caboclos e começou a implantar em toda região um clima de insegurança e terror. (QUEIROZ, 1967). Os caboclos, em sua maioria, eram ex-trabalhadores da ferrovia, formados por um contingente marginal, desempregados, imigrantes e liberados de outras frentes de trabalho e pelos colonos desalojados de suas terras pela Brazil Railway Co.

Diversas batalhas sucederam-se dando vantagens aos jagunços que conheciam a região. A morte do monge José Maria no combate do Irani pelas forças legalistas encorajou os “fanáticos” que protegidos por novos líderes fortificaram-se e combatiam avidamente contra as forças legalistas.

O ideal contra a república, para o caboclo a responsável pela sua situação de miséria, motivou a luta que se prolongou por três anos seguidos e envolveu cerca de 20.000 homens. O conflito que custou à nação mais do que despesas materiais chegando a abalar a própria estrutura e segurança nacional teve fim a 4 de abril de 1915 quando caiu o último reduto dos “fanáticos”.

Finalmente, a 20 de outubro de 1916, verificou-se a assinatura de acordo sobre os limites contestados entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. À Santa

Catarina coube a posse definitiva do território contestado, e foi somente a partir desta data que a região do Meio Oeste Catarinense começou a se desenvolver.

2.3. A CRIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

Em 25 de agosto de 1917 foi criado o município de Cruzeiro, atual Joaçaba, juntamente com os de Chapecó, Porto União e Mafra, dividindo-se assim o território antes contestado, em quatro grandes municípios, cada um deles desdobrados posteriormente, em inúmeros outros, que são os que atualmente compõem o Oeste, o Meio Oeste e parte da região Norte do Estado de Santa Catarina.

Na época da criação do município de Cruzeiro localizado na margem direita do rio do Peixe havia apenas umas casas de madeira e alguns ranchos e, na outra margem ficava a estação do Herval, cujo território pertencia ao município de Campos Novos. (QUEIROZ, 1967).

Devido às facilidades proporcionadas pela ferrovia e com o desenvolvimento da região do Meio Oeste Catarinense, existe um processo gradativo de desmembramentos municipais. A inserção da região na economia nacional, com a comercialização do excedente gerado pelas atividades rural e agropecuária deu suporte aos distritos para que buscassem sua emancipação junto ao município sede. O surgimento da atividade frigorífica seguida pelo avanço do processo de industrialização no centro-sul do país respondeu ao processo de unificação da região no mercado nacional. Datam dessa época os frigoríficos Perdigão (1934), em Videira, Ouro (1938), em Capinzal e Pagnoncelli (1942), em Herval D'Oeste. (PIMENTA, 1984).

Do antigo município de Cruzeiro, que a partir de 1943 passou a denominar-se Joaçaba⁷, foram desmembrados inúmeros distritos, total ou parcialmente, direta ou indiretamente e em épocas diversas. Na tabela 1 apresenta-se a evolução dos municípios desmembrados e suas respectivas datas de criação.

⁷ O decreto n. 941 de 31 de dezembro de 1943 regulamenta que o município de Cruzeiro passaria a denominar-se Joaçaba, palavra que em tupi-guarani quer dizer “encruzilhada” ou “cruzeiro”, segundo uns, e “Cruz dos Índios”, segundo outros. (QUEIROZ, 1967).

TABELA 1 - Evolução dos municípios desmembrados de Joaçaba.

Ano de fundação	Municípios
Década de 1930	
1934	Concórdia
1934	Porto União
1935	Seara
Década 1940	
Municípios	
1943	Caçador
1943	Videira
1948	Tangará
1949	Piratuba
Década 1950	
Municípios	
1953	Herval D'Oeste
1956	Itá
1958	Água Doce
1958	Ponte Serrada
Década 1960	
Municípios	
1961	Arroio Trinta
1961	Salto Veloso
1962	Ibicaré
1962	Pinheiro Preto
1963	Catanduvas
1963	Ipira
1963	Ipumirim
1963	Irani
1963	Jaborá
1963	Lacerdópolis
1963	Ouro
1963	Peritiba
1963	Presidente Castelo Branco
1963	Treze Tílias
1963	Xavantina
Década 1990	
Município	
1997	Luzerna

Fonte: Queiroz, 1967.

Elaboração e alterações do autor.

2.4. A COLONIZAÇÃO DO MEIO OESTE CATARINENSE.

A ocupação do Meio Oeste Catarinense anterior ao ano de 1916, resultou das correntes de povoamento originárias dos campos do Rio Grande do Sul e do interior do estado de Santa Catarina, em decorrência da crise da atividade pecuária. Após 1916, e com o advento da ferrovia foram se estabelecendo os primeiros povoados no Vale do Rio do Peixe, sendo a “Colônia Bom Retiro” o primeiro núcleo em torno da estação do mesmo nome, próxima a atual cidade de Joaçaba. A este núcleo sucederam-se numerosos outros pelo Vale abaixo. (PIMENTA, 1984).

A colonização do Meio Oeste Catarinense mantinha interesses sobre a hegemonia comercial e política destas terras necessitando a ocupação imediata. Várias empresas de colonização surgiram nesta época, a primeira delas pelo comando do engenheiro Henrique Hacker, de nacionalidade alemã e residente em São Paulo, que atraído pela qualidade das terras delineou um plano de colonização. Hacker, com o apoio dos senhores Abramo Eberle, Dr. Rudolfo Ahrons, Augusto Scherer, Adelino Sassi, Hugo Gerdau e outros todos do Rio Grande do Sul, constituíram em 1916 a “Sociedade Territorial Sul Brasileira H. Hacker & Cia” intensificando o comércio das terras no Meio Oeste Catarinense. (QUEIROZ, 1967). Muitas dessas terras foram vendidas a famílias descendentes de migrantes, principalmente italianos, contando com alemães e poloneses que deixaram suas colônias no Rio Grande do Sul e se instalaram em lotes coloniais.

A colonização rapidamente estabeleceu-se devido à fertilidade das terras associada à facilidade de escoamento e comercialização da produção ocasionada pela estrada de ferro. Em 1923, a “Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ghilardi & Cia” completou a colonização do Rio do Peixe, formando os municípios de Capinzal, Piratuba e Concórdia. (QUEIROZ, 1967).

O clima de insegurança estabelecido em virtude da Guerra do Contestado entravava o desenvolvimento regional. Em 1924 foi nomeado pelo governador do Estado, o Coronel Manoel dos Passos Maia para o cargo de Delegado regional de Polícia, com sede em Cruzeiro e jurisdição em todo o Oeste. (Figura 3). Queiroz (1967) acrescenta que “Passos Maia era um homem experimentado e infundia confiança ao caboclo, como ao colono, vindo na sua grande maioria dos municípios riograndenses de Guaporé, Caxias e Antonio Prado”. Desta maneira foi restabelecida a ordem e novas correntes migratórias afluíram para a região entre os anos de 1926 e 1930.



FIGURA 3 - Plataforma da Estação Herval. Passos Maia e Governador Adolfo Konder.

Fonte: arquivos da Biblioteca Pública Municipal de Joaçaba.

Em 1926 o Presidente da República em excursão pelo Sul do país visitou Joaçaba e mandou construir uma ponte sobre o Rio do Peixe ligando o município de Joaçaba a Herval D'Oeste. (Figuras 4 e 5). Esta ponte inaugurada em 1930 que recebeu o nome do engenheiro catarinense Emílio Baumgarten, autor do projeto e cálculos, contribuiu para o desenvolvimento de Joaçaba e região, uma vez que a transposição do rio do Peixe era feita num precário sistema de balsa. (QUEIROZ, 1967).

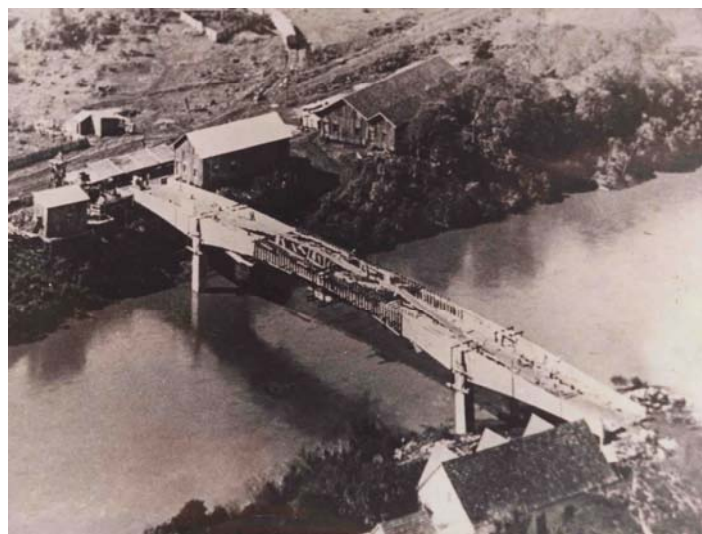


FIGURA 4 - Vista aérea da Ponte Emílio Baumgarten

Fonte: arquivos da Biblioteca Pública e Municipal de Joaçaba.

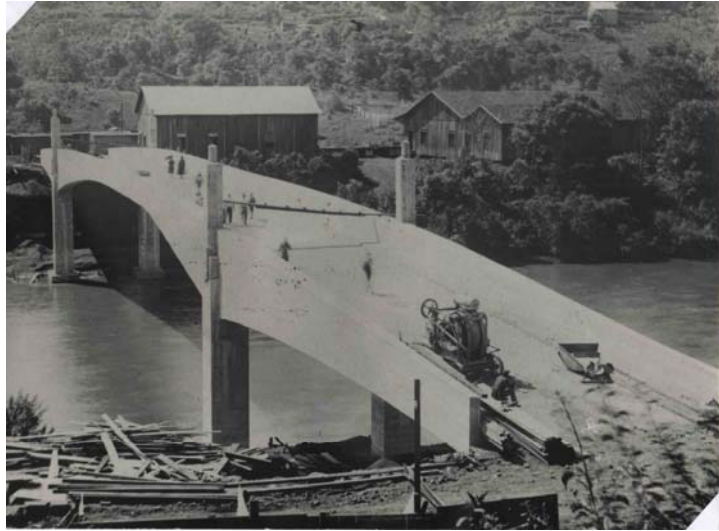


FIGURA 5 - Ponte Emílio Baumgartem em obras

Fonte: arquivos da Biblioteca Pública e Municipal de Joaçaba.

2.5. A PEQUENA PROPRIEDADE RURAL

No Vale do Rio do Peixe, predomina a estrutura fundiária regional, baseada na pequena propriedade rural e no trabalho familiar, contrariando o desenvolvimento dos estabelecimentos rurais no restante do país onde a concentração territorial fez-se norma. (PIMENTA, 1984).

A divisão do território em pequenas propriedades rurais é uma característica do ponto de vista de sua incidência regional no Meio Oeste Catarinense. Nesse modo, o trabalhador direto é proprietário da terra e possuidor dos seus meios de produção. Ele escolhe a destinação dos meios e os emprega ele próprio, uma vez que a finalidade da produção é a reprodução simples da unidade de exploração. (LIPIETZ, 1988).

Os lotes dos colonos da região do Meio Oeste Catarinense transformaram-se rapidamente em pequenas propriedades, onde o pequeno produtor passou a fornecer matérias primas e alimentos para o mercado nacional. As principais atividades realizadas em nível regional pelos pequenos produtores estavam voltadas em maior número ao setor primário com o cultivo de milho, feijão, mandioca, batata, soja, trigo, suinocultura e pecuária.

Grande parte do que era produzido na pequena propriedade era utilizado para a subsistência e consumo próprio do produtor e de seus familiares, e comercializado localmente⁸. Com o aumento da produção mercantil, os recursos excedentes passaram a ser fornecidos às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo sendo que esta prática de comercialização aliada a uma especialização produtiva das atividades agrícolas começava a provocar uma diferenciação social entre os pequenos produtores (colonos ricos e colonos pobres) além de margens de lucro nas mãos dos comerciantes locais.

No que se refere à atividade industrial, esta estava inicialmente concentrada na extração de madeira e erva-mate. Outras atividades concentravam-se nas áreas centrais urbanas em pequenas oficinas mecânicas de reparos de máquinas e artesanatos agrícolas que passaram a gerar manufaturas e equipamentos para o comércio em geral.

Nessa estrutura, o espaço regional começava a caracterizar-se com a acumulação dos excedentes gerados nas mãos dos primeiros proprietários rurais abastados, comerciantes e industriais locais, dando suporte ao desenvolvimento das atividades produtivas na região. Muitas empresas tiveram seu surgimento vinculado ao setor de implementos agrícolas, ou seja, com uma forte ligação ao setor primário da economia. É mister destacar também a presença das agroindústrias na região que têm como fator comum a origem na pequena propriedade rural e que propiciou o reconhecimento de um pólo frigorífico regional de carne suína e avícola.

Até a década de 1930 Joaçaba era uma pequena cidade sem apresentar quaisquer fatores de crescimento urbano e econômico. Em contrapartida, após esta data, ocorreu a instalação das primeiras empresas industriais acarretando o desenvolvimento das demais atividades - comerciais e de serviços. Neste cenário, foram também incorporados os equipamentos e a infra-estrutura urbana.

⁸ Entre os capitais comerciais regionais pode-se citar Fuganti, Bonato e Fontana, entre outros.



FIGURA 6 - Joaçaba em 1925. Atual centro municipal.

Fonte: arquivos da Biblioteca Pública e Municipal de Joaçaba.

2.6. GÊNESE E DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL JOAÇABENSE

2.6.1. A contribuição dos imigrantes e os capitais rural e comercial no desenvolvimento das atividades produtivas

Como se mostrou no processo de ocupação da região Meio Oeste Catarinense, observa-se o início de uma pequena acumulação de capital que teve origem na expansão agrícola. Esta acumulação primitiva ligada num primeiro momento ao cultivo de lavouras de trigo, alfafa e arroz impulsionaram a exploração da madeira e erva-mate de forma sistemática e predatória seguida pela atividade tritícola que permitiu no caso do município de Joaçaba o surgimento da atividade industrial. Paralelamente desenvolveu-se o setor metal-mecânico que se tornaria um dos mais dinâmicos do município, e neste setor deve ser destacada a contribuição dos imigrantes para o desenvolvimento industrial.

Os primeiros imigrantes foram acolhidos na terceira década do século XX e muitos dos que se fixaram na região, dentre eles italianos e alemães trouxeram consigo experiência e conhecimentos técnico – industriais. Em 1934, sob a chefia do ex-ministro da Agricultura da Áustria, Andréas Thaler, chegou a Joaçaba uma leva de imigrantes da região do Tirol que se instalou em Treze Tílias, região onde os

imigrantes puderam encontrar um ambiente geográfico semelhante ao de sua terra de origem. Nos anos seguintes, inúmeros outros imigrantes chegaram em busca de melhores condições de vida, uma vez que a Europa era assolada pela Segunda Guerra Mundial. (QUEIROZ, 1967).

Na primeira leva de imigrantes, destacaram-se os irmãos Lindner, Francisco e Rudolf, que ao se mudarem para Joaçaba instalaram uma pequena oficina mecânica. O progresso da indústria criada por eles acompanhou o do município e a Francisco Lindner S/A Indústria e Comércio é uma das mais importantes no setor da indústria mecânica estadual. (QUEIROZ, 1967). O pioneirismo destes imigrantes e outros tantos que desenvolveram a atividade industrial do município de Joaçaba e região deve ser destacado, pois eles propiciaram a criação de inúmeras empresas e, aliados à mão de obra local, formaram a base do capital industrial joaçabense.

Desta maneira, pode-se acrescentar que o capital da indústria joaçabense veio da poupança e do trabalho familiar. Os imigrantes europeus dispunham de pequenas somas em dinheiro que foram aos poucos sendo investidos na indústria e somados a outras empresas constituíram um diversificado parque industrial.

A Francisco Lindner S/A Indústria e Comércio, fundada no ano de 1935 surgiu vinculada à atividade tritícola, assim como a Caetano Branco & Filhos Ltda. instalada em 1944. De acordo com Pimenta (1984), a Caetano Branco & Filhos Ltda., empresa do ramo de implementos agrícolas surgiu a partir da colonização do Vale do Rio do Peixe baseada no pequeno proprietário rural e passou a fabricar máquinas pequenas, de baixo custo e fácil manuseio. Sua produção vinculava-se essencialmente ao sucesso da pequena propriedade rural.

Dessa maneira, a produção do trigo nas pequenas propriedades criou inúmeras oportunidades para o surgimento das primeiras empresas e rapidamente destacaram-se outras ligadas à atividade, especialmente as de máquinas agrícolas e industriais. Introduzido no Estado de Santa Catarina pelos açorianos em 1920, o trigo chegou ao Vale do Rio do Peixe em 1920, época do surgimento dos primeiros moinhos. Em 1938, o incentivo criado pelo presidente da República Getúlio Vargas determinou a distribuição de sementes e a fixação de um preço mínimo ao cereal

fazendo com que a partir da década de 1940 Joaçaba e região se destacassem no cenário tritícola (IETESP – UNOESC)⁹.

A circulação de riquezas provenientes da triticultura, associada às vantagens de armazenamento e transporte, propiciaram o surgimento de inúmeras atividades, atraindo para a região de Joaçaba investimentos em várias frentes. Dessa, maneira o urbano foi sendo constituído e um exemplo disso é o início das atividades do Banco do Brasil em 1940, como a principal instituição financeira na época.

No ano de 1950, a grande Joaçaba possuía 41 moinhos¹⁰ e o Banco do Brasil fornecia, através de carteira subsídios para os agricultores: crédito aos pequenos, distribuição de sementes e máquinas agrícolas e obrigatoriedade de aquisição de cotas nacionais. Em razão do crescimento da atividade tritícola foi fundado em 1952 o SINDITRIGO – Sindicato da Indústria do Trigo de Santa Catarina. Neste ano, Joaçaba teve uma safra aproximada de 300 mil sacos (18 mil toneladas). A grande produção fez com que em 1957 o Ministério da Agricultura construísse um grande armazém – CIBRAZEM – junto à linha férrea da Estação do Herval utilizando a ferrovia no escamento da produção. Por ocasião do decreto/lei que dava ao governo federal o monopólio na comercialização do trigo em grão, e para atingir as exigências legais, foi criada em 1969 a COOPERIO – Cooperativa Tritícola do Rio do Peixe Ltda., que além de facilitar a comercialização fazia a distribuição do cereal entre os produtores (IETESP).

A presença destas primeiras empresas, em especial a mecânica e a alimentar vai caracterizar também o processo de ocupação e urbanização das áreas. O espaço não aparece como uma região industrial, nem com centros industriais específicos, mas é caracterizado por empresas isoladas e auto-suficientes, que vão organizando o espaço regional com todas as outras atividades surgindo posteriormente.

Se anteriormente o espaço regional era visto apenas através dos pequenos produtores, com o início do processo de industrialização já começava a se praticar

⁹ IETESP – UNOESC JOAÇABA: Instituto de Estudos Tecnológicos, Econômicos, Sociais e Políticos. Data em pesquisa.

¹⁰ A grande Joaçaba correspondia à cidade e Joaçaba e seus distritos. Joaçaba sozinha possuía 7 moinhos, sendo que atualmente só um está em funcionamento (Segundo Luiz Fett da Specht Produtos Alimentícios Ltda.).

uma significativa divisão social do trabalho na dinâmica regional, com as empresas no centro das relações humanas.

2.6.2. Crescimento urbano e localização industrial inicial

Na década de 1930 a vida urbana do município de Joaçaba concentrava-se na área central da cidade e começava a se organizar primeiramente com a construção de vias e dos equipamentos urbanos como a construção da Igreja Matriz Santa Terezinha do Menino Jesus em 1930 na Avenida Santa Terezinha. (Figura 7). Nas principais ruas - Avenida XV de Novembro, Ruas Sete de Setembro (Figuras 8 e 9), Avenida Rio Branco e Getúlio Vargas (Mapa 3) - foram se agrupando os estabelecimentos comerciais e industriais juntamente com os equipamentos urbanos. O Clube 10 de Maio, famoso por seus encontros sociais e denominado de “elegante e aristocrático”, foi fundado em 1934 na área onde hoje é o centro da cidade. O Clube Cruzeiro fundado no mesmo ano, inaugurou sua nova sede social também na área central no ano de 1954. Os dois continuam exercendo nos dias atuais as funções para que foram construídos, ou seja a de promover encontros, bailes, eventos, etc.

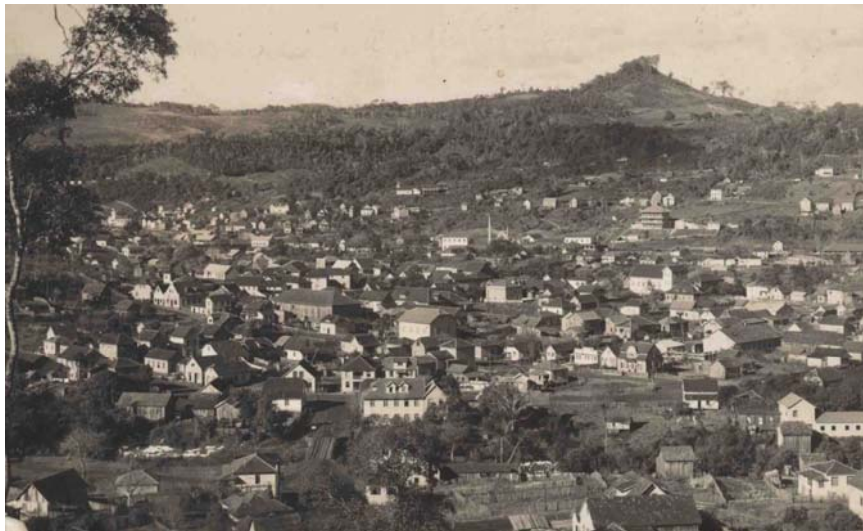


FIGURA 7 - Joaçaba em 1938.

Fonte: arquivos da Biblioteca Pública e Municipal de Joaçaba.

Entre as empresas industriais mais tradicionais que dividiam o espaço central com os equipamentos urbanos criados inicialmente, estavam Bonato S/A Indústria e Comércio (1923), Francisco Lindner, S/A Indústria e Comércio (1935), Empresa Gráfica Cruzeiro Ltda. (1938), Romano Massignan S/A Indústria e Comércio (1942).



FIGURA 8 - Calçamento da Avenida XV de Novembro.

Fonte: arquivos da Biblioteca Pública e Municipal de Joaçaba.

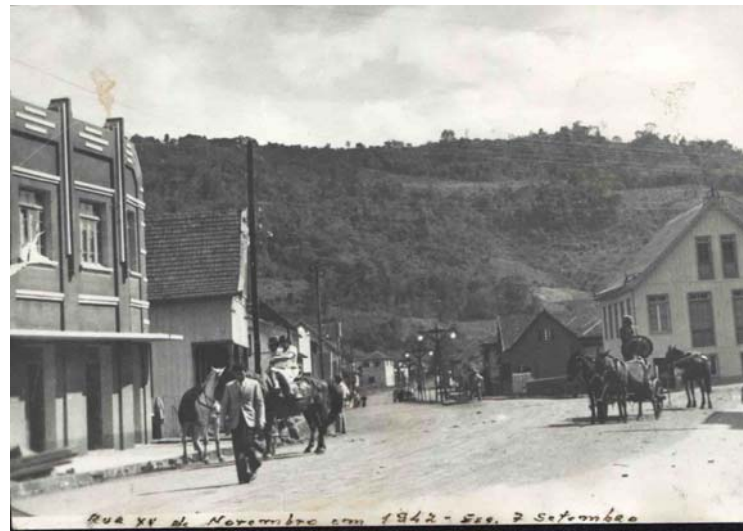
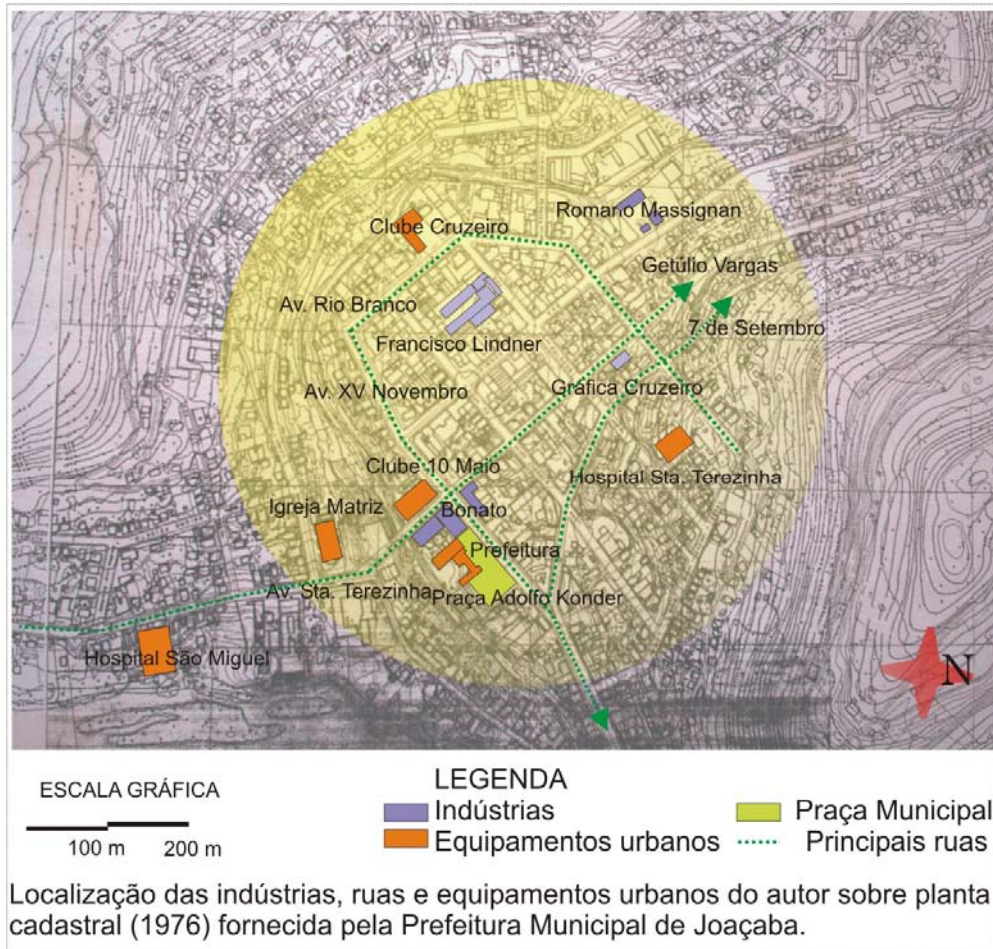


FIGURA 9 - Rua XV de Novembro esquina com Rua Sete de Setembro – 1942.

Fonte: arquivos da Biblioteca Pública e Municipal de Joaçaba.



MAPA 3 – Área central: principais ruas, equipamentos urbanos e empresas.

Fonte: Mapa: Prefeitura Municipal de Joaçaba.

Alterações do autor.

A primeira prefeitura municipal construída por volta de 1928 (Figura 10) e incendiada em setembro de 1943 foi substituída pelo atual paço municipal inaugurado em 1953. A nova prefeitura localizou-se na Avenida XV de Novembro, a principal avenida do centro atual, na praça Adolfo Konder criada no ano de 1958 e que tem seu nome em homenagem ao ex-governador que foi o primeiro a visitar o município de Joaçaba. (JORNAL CRUZEIRO DO SUL, 1994). (Figura 11).



FIGURA 10 - A antiga prefeitura de Joaçaba.

Fonte: arquivos da Biblioteca Pública e Municipal de Joaçaba.



FIGURA 11 - Praça Adolfo Konder e Prefeitura Municipal na Avenida XV de Novembro com Igreja Matriz ao fundo - 1960

Fonte: arquivos da Biblioteca Pública e Municipal de Joaçaba.

Na década de 1940, Joaçaba mantinha uma liderança industrial e comercial em todo o oeste catarinense. (DALL'IGNA e HEINSFELD, 2001). Transformou-se rapidamente em município polarizador de sua micro-região devido à maioria dos municípios integrantes da AMMOC (Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense) apresentarem economias baseadas nas atividades primárias (agricultura e pecuária) e infra-estrutura econômica e social deficiente, bem como economias urbanas (indústria, comércio e prestação de serviços) pouco

diversificadas. Ou seja, as empresas industriais que inicialmente se inseriram nos municípios da micro-região, eram em sua maioria, tradicionalmente extrativistas – madeira e erva-mate -, enquanto que as atividades do terciário limitavam-se ao atendimento das necessidades básicas da população.

Contando com um contingente populacional bastante elevado – 48.299 habitantes em 1950 (IBGE, 1959) - Joaçaba era formada por um conjunto de oito vilas que posteriormente desmembraram-se e conquistaram sua emancipação político-administrativa. Na época em que foi realizado o censo demográfico, a população urbana era de 9.211 habitantes distribuídos nas nove aglomerações urbanas que formavam o município. A de Joaçaba correspondia a 6.750 habitantes, ou seja, mais de 70% do total, e o restante era referente à população urbana das vilas de Água Doce, Catanduvas, Herciliópolis, Ibicaré, Irani, Jaborá, Luzerna e Ponte Serrada.

Atuando como centro de sua micro-região e apresentando os setores econômicos mais desenvolvidos que o restante dos municípios, Joaçaba atraiu e centralizou as principais atividades realizadas em nível regional recebendo todos os dias um número elevado de pessoas das aglomerações e cidade vizinhas que necessitavam utilizar os serviços nela oferecidos. Desta maneira, a cidade foi adquirindo uma vida urbana bastante complexa, principalmente a partir da década de 1940. No esporte foi criado o Cruzeiro Atlético Clube em 1941. A primeira rádio surgiu em 1945. Foi criado o Hospital Santa Terezinha, em 1946, o Aeroclube em 1949, o Rotary Clube em 1951, a Sociedade Cultural Scajho em 1953, o Lions Clube em 1959, e muitos outros equipamentos que intensificaram a maneira dos habitantes de vivenciar sua cidade.

Na década de 1950 a base econômica do município era constituída pela agricultura. Em 1957 a produção agrícola atingiu a cifra de Cr\$ 292.072.330,00, muito acima da industrial que correspondeu a Cr\$ 101.145.815,00 dois anos antes. No que se refere a produtos transformados ou não de origem animal, a produção atingiu em 1956 o valor de Cr\$ 38.398.546,00, sendo os principais produtos, banha, ovos e leite. (IBGE, 1959). A produção de banha no estado no ano de 1950 chegou a 4.672 toneladas e Joaçaba foi responsável por 237 toneladas, ou seja, 5% do total.

A Zona de Joaçaba¹¹, classificação do IBGE na época do Recenseamento Geral de 1950, foi a maior produtora de banha com 1.054 toneladas, correspondendo a 22,50% do total do estado de Santa Catarina. (IBGE, 1956). Neste aspecto, ressalta-se a importância das atividades primárias na economia do município.

O setor da indústria que mais se destacou foi o madeireiro com a produção de pinho serrado, pranchas e tábuas num total de 55.480 m³, avaliados em Cr\$ 35.241.228,00 no ano de 1955. (IBGE, 1959). No estado de Santa Catarina este valor chegou a 485.121.000,00 no censo de 1950. (IBGE, 1956). Em 1956 o município dispunha de 67 estabelecimentos industriais, um destinado à produção de papel, três de farinha de trigo e 43 serrarias. O município de Joaçaba era, neste período, um dos maiores produtores de pinho da América Latina. (IBGE, 1959). Outros setores da indústria também apresentaram grandes quantidades e valores de produção como a de alimentos a de papel e a mecânica. (Tabela 2).

TABELA 2 - Quantidade e valor da produção industrial de atividade no município de Joaçaba – 1955.

Indústria	Quantidade	Valor (Cr\$)
Indústria de pinho serrado, pranchas, tábuas	55.480 m ³	35.241.228,00
Caixas de madeira desarmadas	5.720 m ³	16.137.000,00
Farinha de trigo	3.894.442 Kg.	26.552.653,00
Papel para embrulho	1.701.445 Kg.	23.386.043,00
Trilhadeiras	596 unidades	10.326.445,00

Fonte: IBGE – Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1959.

Na tabela 3 tem-se o número total dos estabelecimentos industriais do Estado de Santa Catarina e do município de Joaçaba nos anos de 1950 e 1960, o pessoal ocupado e o valor da produção industrial.

TABELA 3 - Estabelecimentos, pessoal ocupado e valor da produção industrial Catarinense e Joaçabense - 1950 e 1960.

1950	Estabelecimentos	Pessoal ocupado	Valor da produção (Cr\$ 1000)
Santa Catarina	5.080	44.526	2.555.824

¹¹ Formavam a Zona de Joaçaba em 1950 os municípios: Caçador, Capinzal, Concórdia, Joaçaba, Piratuba, Tangará e Videira.

Joaçaba	101	1.164	84.632
1960	Estabelecimentos	Pessoal ocupado	Valor da produção (Cr\$ 1000)
Santa Catarina	5.914	57.708	13.033.605
Joaçaba	114	1.225	558.742

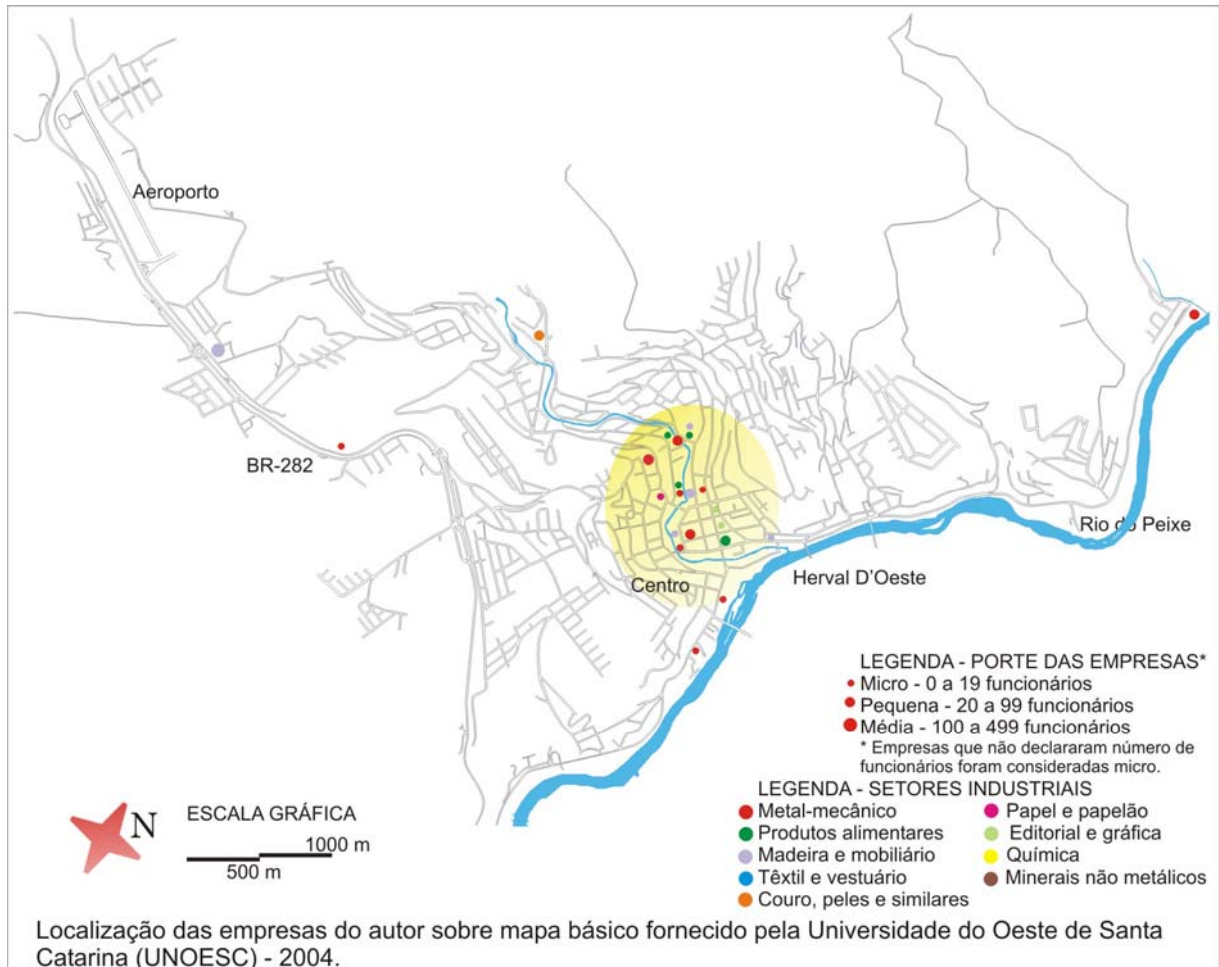
Fonte: IBGE – Censo Industrial de 1950 e 1960.

Percebe-se que até a década de 1960 um grande número de empresas se instalou no município de Joaçaba. No estado de Santa Catarina a indústria joaçabense manteve nas duas décadas analisadas pouco menos de 2% do total do número de estabelecimentos, mas o valor da produção passou de 3,3% do total estadual em 1950 para 4,2% no ano de 1960.

Na medida em que se inseriam no tecido urbano, as empresas foram promovendo a expansão urbana do município. Até a década de 1960 na área central do município estavam localizadas as empresas mais tradicionais além dos principais estabelecimentos de comércio e serviços. A maioria das empresas do setor metal-mecânico ocupava esta área central assim como empresas dos ramos de alimentos, madeira, editorial e gráfica; sendo que algumas destas apoiavam-se nas características urbanas do centro. A inserção industrial tanto nesta área, hoje central e urbana, certamente foi condicionada pelos aspectos geográficos do município que, por se situar em uma região de fundos de vale apresenta grandes níveis topográficos formando uma paisagem que limita a ocupação urbana. O rio do Peixe e seus afluentes também devem ser citados neste aspecto, tanto para limitar a localização industrial como para direcionar àqueles que necessitavam se instalar próximas aos cursos d'água. A localização das empresas mais afastadas do centro – uma madeireira, uma de couros, e uma mecânica-, pode ser explicada devido às ligações destes ramos industriais com as atividades primárias. (Mapa 4).

No ano de 1967, conforme Queiroz (1967), após cinquenta anos de sua fundação, a indústria do município de Joaçaba estava representada por fábricas de grandes e pequenos portes, apresentando um parque industrial bastante diversificado. Destacavam-se os ramos de motores (Famobra e RL-Lindner), de máquinas agrícolas e industriais (Lindner, Vencedora e Triton), de turbinas hidráulicas (HISA), pasta mecânica, moinhos de trigo, bronzinas, esquadrias de ferro

e de madeiras, de móveis, bebidas, beneficiamento de erva-mate, arroz e milho, de produtos têxteis e inúmeros outros. (Tabela 4).



MAPA 4 – Localização das principais empresas industriais instaladas na cidade de Joaçaba até o final da década de 1960.

Fonte: Mapa: Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC

Empresas: cadastros FIESC e fontes diversas

TABELA 4 - Amostragem das principais empresas industriais instaladas na cidade de Joaçaba até o final da década de 1960.

Ano de Fundação década 1920	Nome da empresa	Setor industrial	N. operários (1967)
1923	Bonato S/A Ind. Com	alimentos	26
1925	Spech Produtos Alimentícios Ltda.	alimentos	15
década 1930	Nome da empresa	Setor industrial	N. operários
1935	Francisco Lindner S/A Ind. Com.	mecânica	82

1938	Empresa Gráfica Cruzeiro Ltda.	gráfica	7
década 1940	Nome da empresa	Setor industrial	N. operários
1942	Romano Massignan S/A Ind. Com.	alimentos	14
1943	Empório de Couros S/A	couros, peles	36
1944	Caetano Branco S/A Ind. Com.	mecânica	73
1945	Romano Massignan S/A Ind. Com.	madeira	76
1949	Conserto Mecânica	mecânica	
década 1950	Nome da empresa	Setor industrial	N. operários
1950	Hidráulica Industrial SA	mecânica	45
1951	Grando, Argenta & Cia. Ltda	madeira	
1951	Madeira Marcelinense S/A Ind. Com.	madeira	
1951	Empresa Jornalística Joaçaba	editora	
1953	Wieser, Pichler & Cia Ltda	metalúrgica	
1953	Moinhos Trigoflor - Indústria e pecuária Ltda	alimentos	11
1953	Madeira Tupi Ltda.	madeira	
1955	Mecânica Breda	mecânica	
1959	Indústria de Produtos Alimentícios Joaçaba S/A	alimentos	14
1959	Indústria de Embalagens Joaçaba S/A	papel	
década 1960	Nome da empresa	Setor industrial	N. operários
1963	Avelino Bragagnolo S/A Ind. e Com.	madeira	
1963	Femda - Fábrica de esquadrias metálicas Ltda	metalúrgica	
1968	Lusbra Implementos Ltda	mecânica	13
1969	Vidrofer Ind. E Com. Ltda	metalúrgica	
1969	Coperio – Cooperativa Rio do Peixe Ltda.	alimentos	

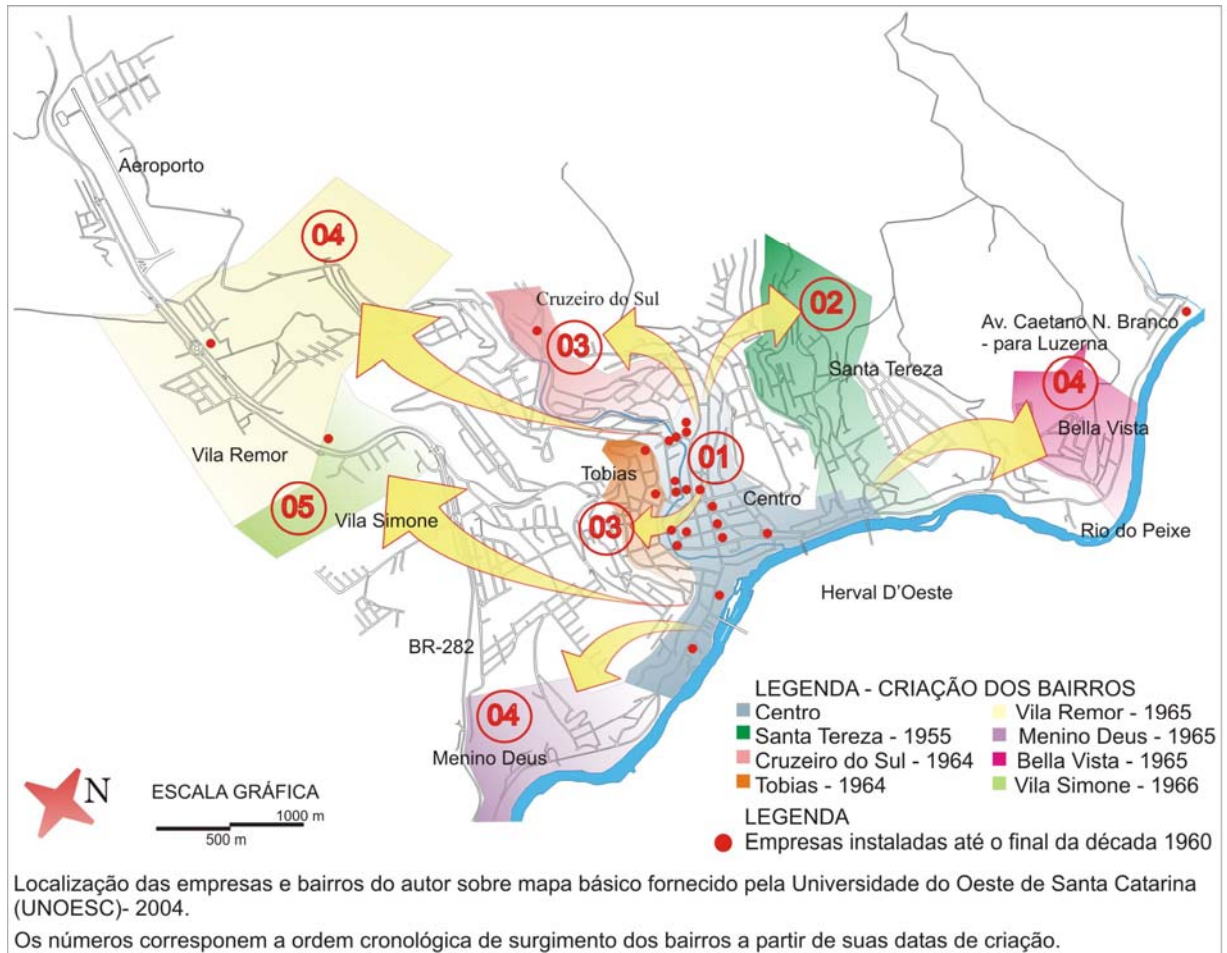
Fonte: Cadastro Industrial FIESC e fontes diversas

Os bairros municipais criados a partir do desenvolvimento industrial inicial estavam localizados em três áreas distintas no município de Joaçaba. Uma no centro atual, formada pelo bairro do mesmo nome e gênese da cidade, e pelos bairros Cruzeiro do Sul e Tobias criados em 1964 e Menino Deus em 1965¹². Uma vez que o centro concentrava praticamente todas as empresas industriais, pode-se concluir que estes bairros localizados próximos a ele destinavam-se quase que exclusivamente ao abrigo da mão de obra dos trabalhadores e conseqüentemente aos locais de moradia da população joaçabense. (Mapa 5).

Os bairros Santa Tereza de 1955 e Bela Vista de 1965, mais afastados do centro à nordeste do município de Joaçaba no sentido Luzerna, por não apresentarem empresas industriais podem também ter surgido com estas mesmas características. A área situada à oeste, próxima à rodovia BR – 282, formada pelos

¹² Segundo informações do Sr. Ari Lovatel antigo morador do bairro Menino Deus.

bairros Vila Remor de 1965¹³ e Vila Simone, criado em 1966 pode ter se desenvolvido a partir da indústria, sendo que cada bairro tem uma empresa instalada.



MAPA 5 - Os bairros municipais criados até o final da década de 1960.

Fonte: Mapa: UNOESC – Universidade do Oeste Catarinense.

Localização e data de criação dos bairros: Arquivo Morto da Prefeitura Municipal de Joaçaba.

A configuração espacial do município até o final da década de 1960, mostra a influência da indústria na produção do espaço urbano em algumas áreas distintas. A princípio, até esta década evidencia-se uma relação indústria-bairro uma vez que a maior parte das empresas localizava-se na área central de Joaçaba que foi se desenvolvendo inicialmente e proporcionando o desenvolvimento de seu entorno imediato e de outras áreas através da criação posterior dos bairros e das empresas industriais.

¹³ Segundo informações da Sra. Irene Ballan antiga moradora do bairro Vila Remor.

3. CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA DE JOAÇABA

3.1. POPULAÇÃO E ATIVIDADES ECONÔMICAS – O CONTEXTO GERAL DA AMMOC E O MUNICÍPIO DE JOAÇABA

De acordo com Marx (1996), o trabalho de cada indivíduo ou grupo de indivíduos é trabalho social no sentido de que ele contribui para as necessidades da sociedade. Essas necessidades exigem todo o tipo de diferentes produtos - não só vários tipos de alimentos, mas também vestuário, meios de transporte, instrumentos necessários na produção e assim por diante. Isto quer dizer que é necessário que existam diferentes tipos de trabalho para satisfazer todas as necessidades da sociedade. Com o desenvolvimento da divisão do trabalho e a especialização da produção tem-se que cada produtor não pode satisfazer suas necessidades a partir de sua própria produção.

Assim sendo, na análise da relação entre a urbanização e as atividades produtivas proposta neste trabalho é fundamental considerar a população economicamente ativa dos setores econômicos, ou seja o trabalho realizado não só pela indústria, mas também pelas atividades primária e terciária. Desta maneira, pode ser verificada a expansão e o crescimento dos setores, ao mesmo tempo em que se mostram os efeitos contrários. Como forma de proporcionar uma visão geral do recorte territorial, trabalhar-se-á esta questão com base em dados micro-regionais, municipais e da área conurbada para que possam ser efetuadas comparações relevantes nesta pesquisa.

Num primeiro momento será analisada a População Economicamente Ativa¹⁴ dos setores econômicos (PEA rural e PEA urbana) e também a PEA total, para serem compreendidas as participações dentro dos setores e o movimento geral dentro da micro-região da AMMOC. A tabela 5 e o gráfico 1 mostram que o movimento total do emprego na micro-região apresentou crescimento assim como o

¹⁴ De acordo com o IBGE “compõem a População economicamente Ativa as pessoas que trabalharam nos doze meses anteriores à data do censo, mesmo que na referida data estivessem desempregadas, em gozo de licença ou férias, ou presas aguardando julgamento. Também foram consideradas nesta condição as pessoas de 10 anos e mais, que na data do censo estivessem procurando trabalho pela primeira vez”.

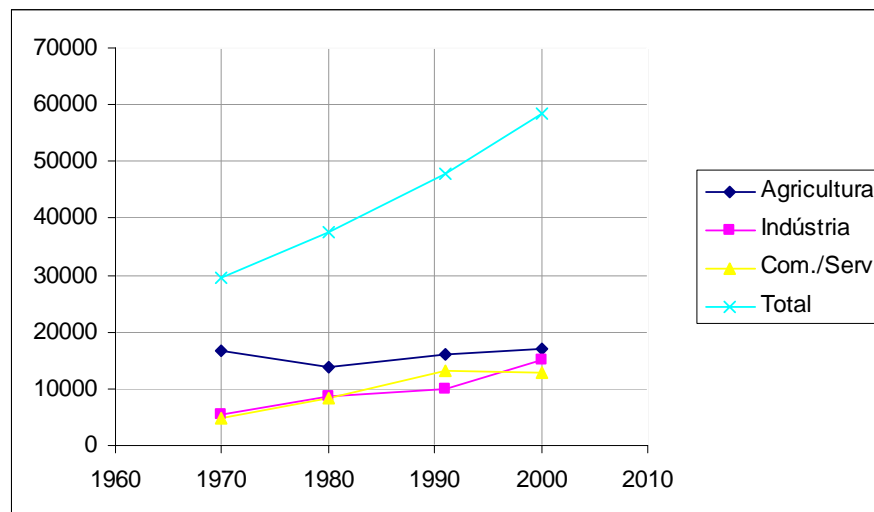
setor secundário. O setor primário apresentou uma queda do número de trabalhadores rurais entre 1970 e 1980 para nas décadas seguintes apresentar aumento. Os setores de comércio e serviços e também os serviços administrativos tiveram a PEA crescente até a década de 1990 para na década seguinte diminuir o número de trabalhadores.

TABELA 5 - População Economicamente Ativa dos Setores Econômicos na micro-região da AMMOC.

Setor econômico	1970	1980	1991	2000
Agricultura	16.617	13.807	15.947	16.897
Indústria	5.368	8.602	10.071	14.980
Comércio e Serviços	4.882	8.502	13.224	13.001
Serviços Administrativos	1.782	3.533	5.566	3.604
Outros	812	2.994	3.125	9.852
Total	29.461	37.438	47.933	58.334

Fonte: IBGE – Censos Demográficos

GRÁFICO 1 - População Economicamente Ativa dos Setores Econômicos na micro-região da AMMOC.



Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

A tabela a seguir apresenta a evolução da PEA total nos municípios da AMMOC nos últimos trinta anos. Como verificado anteriormente, neste período o número de trabalhadores dos setores econômicos (agricultura, indústria, comércio,

serviços e serviços administrativos) apresentou crescimento gradativo. De maneira geral os municípios tiveram oscilações no número da PEA não podendo se chegar a uma conclusão que envolva a todos. Parece que somente o município de Capinzal se desenvolveu neste aspecto. Herval D'Oeste permaneceu praticamente estável, e alguns pequenos municípios tiveram sua participação acrescida acompanhando o crescimento da PEA total ao longo dos anos. Outros apresentaram decréscimo e outros ainda mantiveram o crescimento até certa data para depois diminuírem o número total de pessoas ativas. Este foi o caso do município de Joaçaba que até os anos 90 apresentou crescimento ascendente e a partir de então passou a diminuir o número de trabalhadores e conseqüentemente seu percentual dentro da AMMOC, evidenciando o declínio do município neste aspecto considerando-se a micro-região na última década do século XX.

TABELA 6 - Evolução da Participação da População Economicamente Ativa total na micro-região da AMMOC.

Municípios	1970		1980		1991		2000	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Água Doce	2.461	8,35%	2.526	6,74%	2.798	5,84%	3.252	5,56%
Capinzal	2.083	7,07%	4.179	11,14%	5.661	11,81%	9.241	15,79%
Catanduvas	2.342	7,95%	3.535	9,43%	4.654	9,71%	3.639	6,22%
Erval Velho	1.685	5,72%	1.777	4,74%	1.608	3,35%	1.985	3,39%
Herval D'Oeste	4.074	13,82%	5.817	15,51%	7.398	15,43%	8.680	14,83%
Ibicaré	1.587	5,39%	1.501	4,00%	1.696	3,54%	1.881	3,21%
Joaçaba	6.974	23,67%	9.808	26,15%	12.799	26,70%	10.961	18,73%
Lacerdópolis	898	3,05%	700	1,87%	1.081	2,26%	2.744	4,69%
Luzerna	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	1.132	1,93%
Ouro	1.720	5,84%	2.540	6,77%	3.586	7,48%	3.767	6,44%
Tangará	4.444	15,08%	3.832	10,22%	5.148	10,74%	4.065	6,95%
Treze Tílias	1.201	4,08%	1.285	3,43%	1.506	3,14%	2.579	4,41%
Vargem Bonita	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	2.195	3,75%
Total	29.469	100,00%	37.500	100,00%	47.935	100,00%	58.523	100,00%

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

No setor primário, com relação à População Economicamente Ativa – PEA (Tabela 7) nota-se que a base agrícola desempenhou papel fundamental na economia dos municípios analisados. O setor primário permaneceu praticamente estável em relação ao número de trabalhadores de 1970 a 2000 e não foi ultrapassado por nenhum outro setor da atividade econômica. Municípios fora da

área conurbada à Joaçaba como Água Doce, Capinzal e Tangará foram os que apresentaram maior percentual da PEA no setor agrícola. O município de Joaçaba foi ao longo das últimas três décadas do século XX diminuindo relativamente sua PEA neste setor.

TABELA 7 - Evolução da Participação da População Economicamente Ativa na micro-região da AMMOC no setor agropecuário*.

Municípios	1970		1980		1991		2000	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Água Doce	1.790	10,77%	1.290	9,34%	1.537	9,64%	1.696	10,04%
Capinzal	881	5,30%	1.001	7,25%	889	5,57%	1.752	10,37%
Catanduvas	1.042	6,27%	710	5,14%	1.172	7,35%	1.178	6,97%
Erval Velho	1.188	7,15%	1.127	8,16%	828	5,19%	783	4,63%
Herval D'Oeste	1.734	10,44%	1.329	9,63%	1.305	8,18%	1.077	6,37%
Ibicaré	1.281	7,71%	1.040	7,53%	1.036	6,50%	1.058	6,26%
Joaçaba	2.069	12,45%	1.850	13,40%	2.482	15,56%	1.148	6,79%
Lacerdópolis	710	4,27%	474	3,43%	687	4,31%	899	5,32%
Luzerna	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	428	2,53%
Ouro	1.307	7,87%	1.687	12,22%	2.106	13,21%	1.563	9,25%
Tangará	3.652	21,98%	2.681	19,42%	3.217	20,17%	1.878	11,11%
Treze Tílias	963	5,80%	618	4,48%	688	4,31%	1.062	6,29%
Vargem Bonita	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	829	4,91%
Total	16.617	100,00%	13.807	100,00%	15.947	100,00%	16.897	100,00%

* Agricultura = atividades agropecuárias, pecuária, silvicultura, de extração vegetal e pesca.

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

O número de trabalhadores do setor secundário nos municípios integrantes da AMMOC apresentou um ritmo crescente no período analisado. (Tabela 8). Até os anos 1990 o município de Joaçaba acompanhou este ritmo, mas a partir de então teve o número diminuído. No entanto, o setor continuou apresentando crescimento da PEA a nível micro-regional e este fato pode ser explicado com o aumento gradativo do número de trabalhadores no município de Capinzal que passou de 9,93% em 1970 para 26,68% em 2000. Joaçaba passou de 29,45% do total da PEA no secundário em 1970 para 15,93% em 2000, ou seja, pode-se dizer que parte do percentual antes pertencente ao município de Joaçaba foi transferido para o município de Capinzal - que foi o que mais se desenvolveu no período - e distribuído entre os outros municípios que também exprimiram crescimento, porém em número menor .

TABELA 8 - Evolução da Participação da População Economicamente Ativa na micro-região da AMMOC no setor industrial*.

Municípios	1970		1980		1991		2000	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Água Doce	375	6,99%	604	7,02%	277	2,75%	451	3,01%
Capinzal	533	9,93%	1.703	19,80%	2.253	22,37%	3.997	26,68%
Catanduvas	930	17,32%	1.878	21,83%	1.562	15,51%	1.044	6,97%
Erval Velho	275	5,12%	174	2,02%	173	1,72%	470	3,14%
Herval D'Oeste	1.029	19,17%	1.201	13,96%	1.637	16,25%	2.459	16,42%
Ibicaré	147	2,74%	103	1,20%	189	1,88%	327	2,18%
Joaçaba	1.581	29,45%	2.157	25,08%	2.683	26,64%	2.387	15,93%
Lacerdópolis	43	0,80%	73	0,85%	102	1,01%	666	4,45%
Luzerna	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	20	0,13%
Ouro	109	2,03%	158	1,84%	524	5,20%	890	5,94%
Tangará	279	5,20%	355	4,13%	470	4,67%	879	5,87%
Treze Tílias	67	1,25%	196	2,28%	201	2,00%	533	3,56%
Vargem Bonita	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	599	4,00%
Total	5.368	100,00%	8.602	100,00%	10.071	100,00%	14.980	100,00%

* Indústria = indústria de transformação, outras atividades industriais.

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

Os dados apresentados evidenciam que Joaçaba perdeu a hegemonia da PEA na indústria e que o município de Capinzal passou a concentrar o maior número de trabalhadores neste setor em virtude principalmente da atividade agroindustrial desenvolvida neste município. O município de Herval D'Oeste que forma a área conurbada de Joaçaba ultrapassou a PEA industrial joaçabense em 2000 também por causa do incremento da atividade agroindustrial praticada pelo mesmo grupo atuante em Capinzal (Grupo Perdigão S/A.).

Paralelamente ao crescimento da PEA no setor industrial pode-se associar o desenvolvimento também no terciário, o que implica em fator de expansão urbana (Tabela 9). Joaçaba, que sempre manteve a situação de município pólo micro-regional tinha em 1970, 46,27% dos trabalhadores nas atividades de comércio e serviços e ao longo das décadas analisadas foi diminuindo este percentual sem, porém perder sua hegemonia. No ano 2000 o município concentrou 23,59% das atividades terciárias devendo-se ainda somar a este número, o percentual pertencente à Herval D'Oeste, ou seja, 22,40%. Sendo assim, esta região homogênea concentrava praticamente a metade das atividades urbanas realizadas regionalmente.

TABELA 9 - Evolução da Participação da População Economicamente Ativa na micro-região da AMMOC no setor comercial e de serviços*.

Municípios	1970		1980		1991		2000	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Água Doce	187	3,83%	256	2,99%	556	4,20%	562	4,32%
Capinzal	429	8,79%	790	9,23%	1.669	12,62%	1.796	13,81%
Catanduvas	183	3,75%	544	6,35%	1319	9,97%	738	5,68%
Erval Velho	140	2,87%	223	2,60%	311	2,35%	394	3,03%
Herval D'Oeste	915	18,74%	1.959	22,88%	2.663	20,14%	2.912	22,40%
Ibicaré	70	1,43%	192	2,24%	279	2,11%	270	2,08%
Joaçaba	2.259	46,27%	3.396	39,66%	4.458	33,71%	3.067	23,59%
Lacerdópolis	99	2,03%	85	0,99%	189	1,43%	560	4,31%
Luzerna	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	125	0,96%
Ouro	174	3,56%	410	4,79%	544	4,11%	655	5,04%
Tangará	310	6,35%	449	5,24%	895	6,77%	701	5,39%
Treze Tílias	116	2,38%	258	3,01%	341	2,58%	507	3,90%
Vargem Bonita	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%	393	3,02%
Total	4.882	100,00%	8.562	100,00%	13.224	100,00%	13.001	100,00%

*Comércio e serviços = comércio de mercadorias, transportes e comunicações, prestação de serviços.

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

Relacionando agora os dados apresentados sobre o objeto deste estudo, cabe efetuar uma análise particular da População Economicamente Ativa dos setores econômicos no município de Joaçaba, devendo-se associar os municípios que formam a área conurbada, ou seja, os municípios de Herval D'Oeste e Luzerna¹⁵. Esta análise é fundamental uma vez que os três municípios mantêm relações que vão além de seus limites geográficos e de suas fronteiras político-administrativas estabelecidas. (Tabela 10 e Gráfico 2).

TABELA 10 - Evolução da População Economicamente Ativa nos municípios de Joaçaba, Herval D'Oeste e Luzerna.

Setor Econômico	1970	1980	1991	2000
Agropecuária	3.803	3.179	3.787	3.124
Indústria	2.610	3.358	4.320	5.512
Comércio/Serviços	3.174	5.355	7.121	6.539
Serviços Administrativos	989	1.983	3.165	2.194

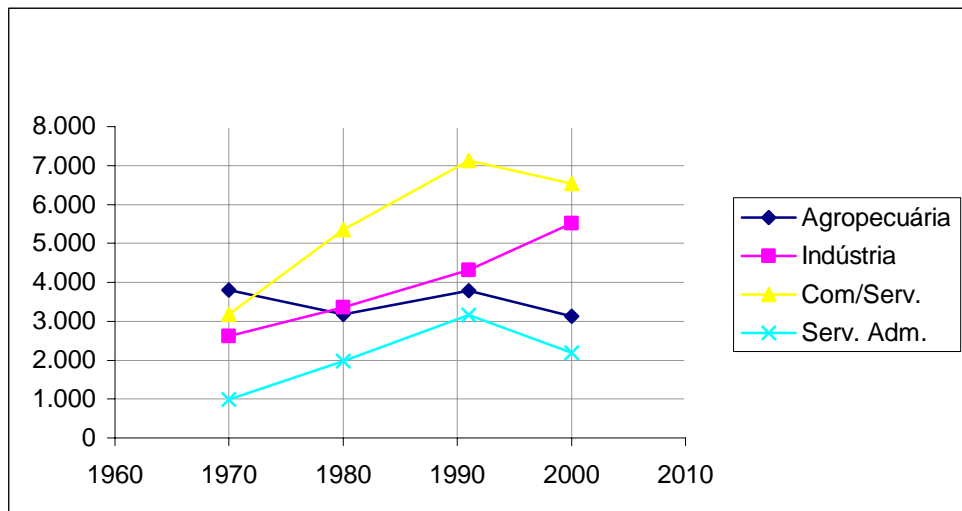
¹⁵ Luzerna, neste caso tem pouca importância, e por este motivo as referências se darão em maior grau ao município de Herval D'Oeste.

Outros	470	1.748	1.802	5.017
Total	11.046	15.623	20.195	22.386

Fonte: IBGE - Censos Demográficos.

Nesta área o número da PEA no setor primário manteve-se praticamente estável de 1970 a 2000. O secundário apresentou crescimento e o terciário decresceu a partir da década de 1990¹⁶. O número total de trabalhadores também apresentou crescimento gradativo.

GRÁFICO 2 - Evolução da População Economicamente Ativa no município de Joaçaba, e área conurbada.



Fonte: IBGE - Censos Demográficos.

Com relação ao município de Joaçaba, a tabela 11 e o gráfico 3 apresentam o movimento geral do emprego nos setores econômicos do município e verifica-se que houve crescimento do emprego até 1990 e depois deste período, declínio dele em todos os setores econômicos, em menor grau na indústria. Então, se Joaçaba sozinha apresentou declínio do número de trabalhadores em todos os setores econômicos a partir de 1991, e se os dados correspondentes à área conurbada mostraram o aumento da PEA industrial, pode-se aferir a ocorrência do crescimento industrial em outro município, mais precisamente, Herval D'Oeste. Ou seja, pode ter

¹⁶ Não se sabe a causa do desemprego do terciário e se ele tem alguma relação com a indústria ou mesmo com os setores indústrias, fato esse que foge do foco deste estudo neste momento.

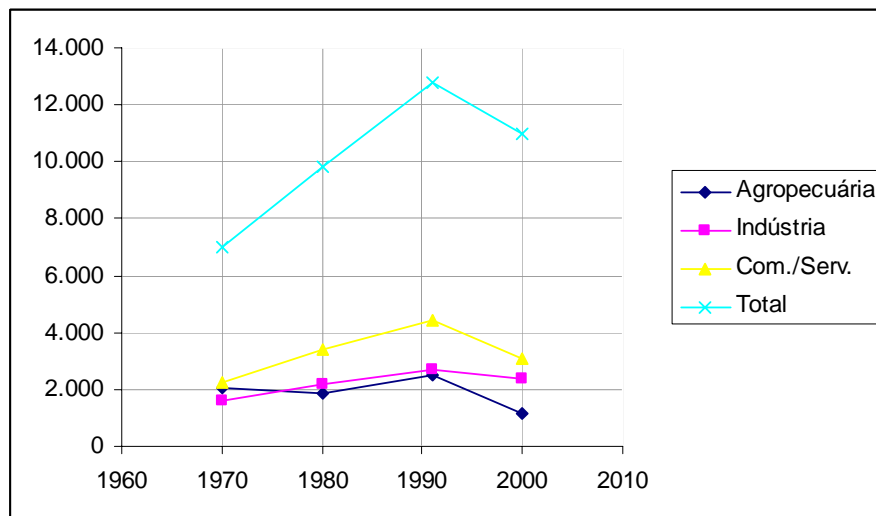
havido neste caso, uma mudança de localização acentuada dos trabalhadores industriais, ou seja, um deslocamento intermunicipal pendular.

TABELA 11 - Evolução da População Economicamente Ativa no município de Joaçaba.

Setor Econômico	1970	1980	1991	2000
Agropecuária	2.069	1.850	2.482	1.148
Indústria	1.581	2.157	2.683	2.387
Comércio e Serviços	2.259	3.396	4.458	3.067
Serviços Administrativos	708	1.322	2.177	1.251
Outros	356	1.082	998	3.108
Total	6.973	9.807	12.798	10.961

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

GRÁFICO 3 - Evolução da População Economicamente Ativa por setores econômicos no município de Joaçaba.



Fonte: IBGE - Censos Demográficos.

Para a verificação deste fato e se isso realmente prosseguiu até o período recente, têm-se os dados da RAIS¹⁷ referentes ao ano de 2003. Os dados mostram que passado o período mais conturbado da economia – a década de 1990 -, a PEA

¹⁷ A base de dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE é seguramente a fonte mais ampla e precisa de dados sobre o Mercado de trabalho formal, uma vez que todos os estabelecimentos oficialmente registrados são obrigados a informá-los anualmente ao MTE.

industrial joaçabense se recompôs de alguma forma. Neste ano, o número de trabalhadores totais da indústria correspondeu a 1.846 contra 1.430 do município vizinho, Herval D'Oeste. Este dado é importante e a comparação entre estes municípios será melhor tratada no item seguinte, na continuação da discussão aqui levantada.

3.2. OS SETORES INDUSTRIAIS JOAÇABENSES

A estrutura industrial joaçabense formou-se a partir de setores primários como o madeireiro e a produção da erva mate e evoluiu para setores produtores de insumos básicos como a indústria metalúrgica de bens de consumo e a indústria de produtos alimentícios, consolidando mais tarde os setores da mecânica e a diversificação de outras atividades industriais.

A atual estrutura industrial mantém as especializações identificadas e define os setores mais importantes do município concentrados atualmente na indústria de produtos alimentares e na indústria metal-mecânica. Segundo a base de dados da RAIS, em 2003 Joaçaba registrou 142 estabelecimentos industriais e destes, 20, ou 14,08%, pertenciam ao setor de alimentos e 66 estabelecimentos, ou 46,47%, ao das indústrias metalúrgica e mecânica. O número de pessoal ligado a estes setores mostrou-se também bastante significativo, sendo que a indústria de produtos alimentares empregou 541 funcionários (29,30% do total) e a metal-mecânica 946, ou 51,24% dos 1.846 funcionários. (Tabela 12).

TABELA 12 – Número de estabelecimentos e pessoal ocupado dos setores industriais de Joaçaba – 2003.

Setores da indústria	Estabelecimentos	Pessoal Ocupado
Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	20	541
Fabricação de produtos têxteis	6	47
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	8	62
Preparação e fabricação de couros artefatos e artigos	1	240
Fabricação de produtos de madeira	8	58
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	3	79
Edição, impressão e reprodução de gravações	11	41
Fabricação de produtos químicos	3	25
Fabricação de artigos de borracha e plástico	2	33

Fabricação de produtos de minerais não metálicos	5	46
Metalurgia básica	1	29
Fabricação de produtos de metal - exclusive maquinas e equipamentos	37	261
Fabricação de maquinas e equipamentos	19	318
Fabricação de maquinas, aparelhos e materiais elétricos	3	15
Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicação.	1	1
Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	6	34
Fabricação de moveis e indústrias diversas	8	16
Total	142	1.846

Fonte: RAIS – 2003.

Segundo Braverman (1987), uma das características da empresa moderna é a tendência do capital a aglomerar-se em imensas unidades. Isso acontece pela concentração de capital que Marx definia como o resultado natural do processo acumulativo: cada capital aumenta e com ele aumenta a escala de produção que ele realiza. Dessa maneira, a centralização do capital, altera a distribuição dos capitais existentes, reunindo capitais já constituídos – ou empresas, por meio da destruição de sua independência individual, expropriação do capitalista pelo capitalista, transformando os muitos capitais pequenos em uns poucos grandes.

No entanto, esta estrutura do sistema capitalista não é verificada no município de Joaçaba, uma vez que uma das características da indústria joaçabense é a presença de um grande número de micro e pequenas empresas. De acordo com os dados de 2003, 123, mais de 85% das 142 empresas eram consideradas micro (com até 19 funcionários), 17 eram pequenas (de 20 a 99 funcionários) e 02 médias (de 100 a 499 funcionários)¹⁸. A importância destas micro e pequenas empresas se faz notar quando se verifica o total de pessoal empregado, uma vez que juntas elas absorviam mais de 75% da mão de obra do setor secundário joaçabense.

Nos levantamentos obtidos nos estudos de casos através das entrevistas nas empresas, têm-se a maioria delas classificada como média (Wieser, Pichler & Cia. Ltda. – 100, Francisco Lindner S/A Com. Ind. – 170, Aurora – Cooperativa Central Oeste Catarinense - 217, Coperio – Cooperativa Rio do Peixe - 320) e pequena empresa (Junior Indústria Metalúrgica – 37, ADM do Brasil Ltda. – 74, Coppi

¹⁸ Utilizou-se a classificação do Ministério do Trabalho.

Máquinas Ltda. – 80, Specht Produtos Alimentícios Ltda. - 90), com apenas uma micro empresa (Maqtron Importação e Exportação Ltda. – 19)¹⁹. Neste aspecto não foram contabilizados os funcionários terceirizados, pois este dado será tratado num item específico mais adiante. Quanto ao número de funcionários que trabalham na parte administrativa das empresas, a maioria apresentou número menor ou igual a 10% (Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, ADM do Brasil Ltda., Specht Produtos Alimentícios Ltda., Francisco Lindner S/A Com. Ind. e Wieser, Pichler & Cia. Ltda.), e devido às diferenças entre as empresas não se pode chegar a uma conclusão geral. O que se percebe é que por se tratar de um estudo de caso nas empresas mais representativas do município, estes dados fogem da característica geral da indústria joaçabense, sendo ela predominantemente constituída por micro empresas, com algumas pequenas e poucas médias. Contudo, procurou-se entrevistar as principais empresas para que pudessem ser respondidos todos os questionamentos.

Abordando a questão das micro e pequenas empresas, é importante considerar que a concentração destas empresas de um mesmo setor pode constituir um arranjo produtivo local, numa abordagem da literatura sobre aglomerações industriais com enfoque na especialização e localização das empresas.

Atualmente verifica-se uma convergência de visões entre as diversas escolas de pensamento, no sentido de que, na busca de um melhor entendimento sobre os fatores subjacentes ao melhor desempenho competitivo das empresas, o foco de análise deve-se centrar não apenas na empresa individual, mas principalmente na investigação das relações entre as firmas e entre estas e as demais instituições dentro de um espaço geograficamente delimitado. Evidentemente que, como decorrência, tal fato passa a orientar as novas formas de intervenção do Estado na promoção da política industrial e tecnológica. (CASSIOLATO e SZAPIRO:01)²⁰.

Esta idéia, centrada especialmente na concentração espacial e setorial das atividades produtivas dadas por sua localização caracteriza o conceito de aglomerações econômicas num determinado espaço territorial. A proximidade geográfica das empresas pode de um lado criar uma rede de ações conjuntas e de outro, aumentar a competitividade entre elas. Associa-se a isso o surgimento de distritos industriais e clusters, este último como sendo “uma concentração setorial e

¹⁹ Nota-se que estes dados já são apresentados diferentemente dos da RAIS, quando em 2003 havia apenas 02 empresas de médio porte. Isso se deve à atualização dos dados coletados em campo nas entrevistas no ano de 2005.

²⁰ Data em pesquisa.

espacial de firmas com ênfase em uma visão de empresas como entidades conectadas nos fatores locais para a competição em mercados globais”. (CASSIOLATO e SZAPIRO: 01). Os clusters abrigam indústrias e instituições com fortes ligações particulares, tanto horizontais como verticais.

Os arranjos produtivos locais fundamentam-se em questões que vão além da organização interna da empresas, das relações entre elas e entre as instituições. Além do papel do setor público e das políticas públicas, eles se apóiam em constantes inovações, mudanças tecnológicas e organização de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D).

Em Joaçaba, a concentração e a proximidade territorial dadas pelas condições econômicas definem uma articulação de empresas de acordo com a natureza de suas atividades – a indústria-chave de Perroux. Podem ser verificadas relações entre empresas de um mesmo setor através da subcontratação, principalmente entre as empresas do setor metal mecânico. Fora disso, segundo Chiocchetta (2001) as relações inter-firmas só ocorrem excepcionalmente, predominando a individualidade dos empresários mais tradicionais.

A proximidade geográfica, cultural e institucional das empresas do subsetor deveria levá-las de maneira mais acessível a relações mais estreitas, melhor informações e outras vantagens que são difíceis de se obter de forma isolada, ou seja, uma vantagem competitiva oriunda da concentração de habilidades e conhecimentos. (CHIOCCHETTA, 2001:75).

Sendo assim, é importante destacar neste ponto que a transformação dos setores mais importantes em verdadeiros clusters depende principalmente de políticas de desenvolvimento regional encorajando a eficiência coletiva, numa ação conjunta entre e empresas e poder público.

3.2.1. A evolução dos setores industriais: número de estabelecimentos e empregos

Depois de se fazer uma caracterização geral dos principais setores industriais do município de Joaçaba, é importante que se mostre a evolução destes setores no

decorrer do tempo aqui analisado, para que mais tarde seja compreendida a lógica de inserção da indústria no espaço urbano.

Com base nos dados dos Censos Industriais do IBGE referentes aos anos de 1970, 1975 e 1980 e na base de dados estatísticos da RAIS dos anos de 1985, 1990, 1995 e 2000 sobre o número de estabelecimentos industriais e pessoal ocupado, pode-se aferir uma evolução dos setores através dos períodos tratados. Os dados apresentados nas tabelas seguintes (13 e 14) evidenciam que até a década de 1980 houve aumento tanto de estabelecimentos industriais como de pessoal ocupado na indústria. Em 1985 o número de estabelecimentos diminuiu, mas o de funcionários aumentou²¹. Em 1990 houve aumento tanto de estabelecimentos como de empregos, se comparado aos anos seguintes.

TABELA 13 - Número de Estabelecimentos e Pessoal Ocupado nos Setores Industriais do município de Joaçaba: 1970 – 1975 – 1980.

Setores da indústria	1970		1975		1980	
	N. Estab.	N. Func.	N. Estab.	N. Func.	N. Estab.	N. Func.
Produtos alimentares	21	128	19	187	20	221
Mecânica	11	412	15	516	21	595
Madeira	10	245	21	379	15	386
Metalurgia	07	81	10	203	14	281
Produtos de minerais não metálicos	05	24	05	39	09	48
Mobiliário	08	55	07	55	06	67
Editorial e gráfica	03	22	05	39	07	57
Material Elétrico e de Comunicações	01	(x)	02	(x)	02	(x)
Papel e Papelão	01	(x)	02	(x)	03	127
Borracha	01	(x)	01	(x)	02	(x)
Couro e peles e produtos similares	01	(x)	01	(x)	01	(x)
Têxtil	01	(x)	00	(x)	01	(x)
Extração de minerais	01	(x)	00	(x)	00	(x)
Bebidas	01	(x)	00	(x)	00	(x)
Material de transporte	00	(x)	06	45	04	55
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	00	(x)	02	(x)	01	(x)
Química	00	(x)	00	(x)	02	(x)
Diversas	02	(x)	02	(x)	01	(x)

²¹ Neste ano, a base de dados que contabiliza as empresas com pelo menos um funcionário registrando somente os empregos formais, pode ter sido a causa do número de estabelecimentos menor que em 1980.

Total	74	967	98	1.463	109	1.837
--------------	-----------	------------	-----------	--------------	------------	--------------

Fonte: IBGE – Censos Industriais

(x) resultado omitido a fim de evitar identificação do informante.

TABELA 14 - Número de Estabelecimentos e Pessoal Ocupado nos Setores Industriais do município de Joaçaba: 1985 – 1990.

Setores da indústria	1985		1990	
	N. Estab.	N.Func.	N. Estab.	N. Func.
Extrativa Mineral	1	13	1	14
Indústria de Produtos Minerais não Metálicos	5	28	4	17
Indústria Metalúrgica	18	219	24	365
Indústria Mecânica	14	634	21	678
Indústria do Material Elétrico e de Comunicações	2	5	3	30
Indústria do Material de Transporte			1	12
Indústria da Madeira e do Mobiliário	19	368	15	112
Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	9	202	13	193
Ind. da Borracha, Fumo, Couros, Peles, Similares, Ind. Diversas	1	225	7	305
Ind. Química de Produtos Farmacêuticos, Veterinários, Perfumaria.			3	52
Indústria Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos	5	93	9	116
Indústria de Calçados	1		3	3
Indústria de Produtos Alimentícios, Bebidas e álcool Etílico	17	423	14	317
Total	92	2210	118	2.214

Fonte: RAIS – Bases Estatísticas.

A partir de 1995, houve uma mudança na classificação das atividades econômicas pela base de dados da RAIS, como se pode perceber na tabela 15. Por este motivo, apresentaram-se os dados referentes ao número de estabelecimentos e pessoal ocupado na indústria em três tabelas distintas, para que nenhuma informação fosse perdida. Nota-se que em 1995 o número de funcionários diminuiu em relação a 1990 registrando 277 postos de trabalho a menos. Em 2000, este número continuou declinando e Joaçaba teve neste ano, 1.407 empregados no setor secundário, 807 a menos que em 1990 quando o município registrou o maior valor.

De 1995 a 2000 o número de estabelecimentos do secundário permaneceu praticamente estável devendo ser ressaltada a ocorrência da emancipação do Distrito de Luzerna neste período. Como os dados não captam a categoria de

distritos é impossível saber quantos empregos e estabelecimentos industriais pertenciam à Luzerna na época de sua emancipação em 1997. Sabe-se apenas que em 2000, o município de Luzerna registrou 370 empregos e 42 estabelecimentos e no ano 2003 este número subiu para 479 postos de trabalho e 48 empresas industriais. Com estes valores pode-se ter uma idéia do secundário de Luzerna nestes aspectos, mostrando paralelamente a evolução do setor em Joaçaba.

TABELA 15 - Número de Estabelecimentos e Pessoal Ocupado nos Setores Industriais do município de Joaçaba: 1995 – 2000.

Setores da indústria	1995		2000	
	N. Estab.	N. Func.	N. Estab.	N. Func.
Produtos Alimentares e Bebidas	18	276	15	250
Produtos Têxteis	3	65	6	46
Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios	10	44	10	42
Couros e Artefatos e Artigos de Couro	2	267	1	220
Produtos de Madeira	8	59	11	36
Pastas, Papel e Produtos de Papel	5	131	4	118
Edição Impressão e Reprodução de Gravações	6	87	10	68
Produtos Químicos	1	31	2	16
Artigos de Borracha e Plástico	5	27	2	32
Produtos de Minerais não Metálicos	7	49	5	46
Metalurgia Básica	4	171	1	24
Produtos de Metal – Exclusive Máquinas e Equipamentos	31	278	31	174
Máquinas e Equipamentos	17	380	17	285
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	1	11	3	9
Fabricação e Montagem de Veículos Automotores, Reboques e Carrocerias	5	37	4	21
Móveis e Indústrias Diversas	9	24	8	20
Total	132	1937	130	1407

Fonte: RAIS – Bases Estatísticas.

Na evolução do número de empregos do secundário joaçabense houve um movimento ascendente até os anos 1990. A partir dessa década até o ano 2000, os números mostram a ocorrência de demissões na indústria considerando-se o número total de trabalhadores. O que se pode aferir é que a década de 1990 mostrou-se o período mais conturbado do secundário joaçabense, mas como foi mostrado anteriormente, os dados de 2003 apontam uma recuperação do setor industrial.

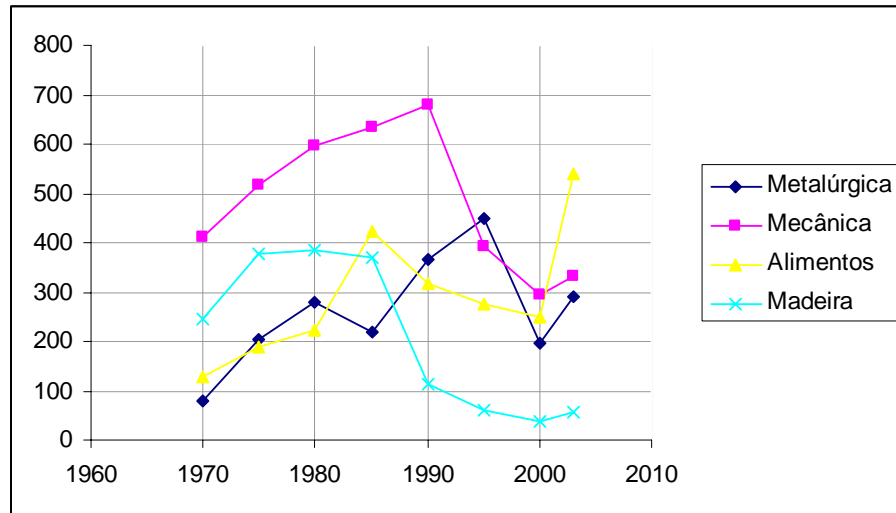
Falando-se dos números que apontam o “total” da indústria de Joaçaba, podem e devem ser destacados os setores industriais mais tradicionais que são também os mais representativos, uma vez que cada um em particular contribuiu a seu modo para a evolução geral do setor secundário. Particularmente, a indústria de produtos alimentares teve aumento do número de empregos até 1985 e queda dos valores de 1990 a 2000. Em 2003 o setor recuperou-se mostrando os maiores valores referentes ao número de funcionários desde o início dos anos 1970. O número de estabelecimentos manteve-se praticamente estável no período analisado.

Curiosamente, a indústria metalúrgica apresentou uma evolução distinta da mecânica. Esta teve aumento do número de empregos até 1990 para uma queda a partir de 1995 até 2000, enquanto a metalúrgica apresentou uma oscilação nos postos de trabalho com aumento em 1980, queda em 1985, novo aumento na década de 1990 e outra queda em 2000. Ou seja, na década de 1990, a indústria metalúrgica registrou demissões retardadas uma vez que o número de funcionários da mecânica caiu já a partir de 1990, na metalúrgica isso só ocorreu 5 anos depois. O número de estabelecimentos destes setores sofreu altas e baixas até a década de 1990 para permanecer estável até 2003.

Na atividade madeireira, uma das pioneiras do desenvolvimento industrial no município de Joaçaba, nota-se o aumento do número de trabalhadores até 1980 permanecendo estável 5 anos depois. A partir de 1990 houve uma queda abrupta dos empregos passando de 368 em 1985 para 112 em 1990 e apenas 36 em 2000. Os números de 2003 não apontam uma recuperação do setor como outrora, sendo que neste ano a indústria madeireira tinha 58 funcionários, correspondendo a 15% do valor que ela registrou no seu auge.

O Gráfico 4 mostra a evolução do número de pessoas ligadas aos setores industriais mais importantes do município de Joaçaba no período analisado. Destaca-se que todos os setores apresentaram queda do número de trabalhadores na década de 1990 até o ano 2000 e que passado este período, eles estão buscando uma recuperação.

GRÁFICO 4 - Evolução do Número de Funcionários nos setores industriais mais importantes do município de Joaçaba: de 1970 – 2003



Fonte: IBGE – Censos Industriais (1970, 1975 e 1980) e RAIS – Bases estatísticas (1985, 1990, 1995, 2000, 2003).

3.2.2. Dados econômicos: os valores da transformação industrial e adicionado dos setores industriais

No caso do valor da transformação industrial pode-se efetuar uma análise comparativa do valor da produção do setor secundário de Joaçaba com o estado de Santa Catarina. Desta maneira, segundo os dados dos censos industriais do IBGE, até o final da década de 1990, Joaçaba registra uma perda gradativa da participação no valor da produção industrial estadual passando de 1,15% em 1970 para 1,14% em 1975 e 0,90% em 1980.

Os dados a partir da década de 1990 referem-se aos valores adicionados gerados a partir de relatórios da Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina. São valores informados pelas empresas e a partir deles pode-se realizar da mesma forma uma análise comparativa, agora, porém dentro de um recorte menor, a micro-região da AMMOC. Sendo assim, a participação do município de Joaçaba foi a partir da década de 1990 caindo gradativamente. Em 1990 correspondeu a 51,24% do total do valor adicionado da AMMOC, em 1995 33,51% e no ano 2000 chegou a 13,92%. Em 2003 esse percentual continuou diminuindo registrando 13,56 %.

Neste aspecto, no entanto, faz-se uma ressalva para os valores referentes à atividade frigorífica realizada em nível regional e concentrada especialmente nos municípios de Capinzal e Herval D'Oeste. No último período analisado (2003), o Valor Adicionado da indústria de Capinzal correspondeu a mais de 40% do total de toda micro-região, sendo que do valor total municipal 92,64% foi graças à indústria de abate de aves e preparação e produção de carnes. O mesmo se deu no município vizinho à Joaçaba onde mais de 96% do valor adicionado total do município foi proveniente do abate de suínos e preparação de carnes e subprodutos. Nos dois casos, quem está por trás destes números é o grupo Perdigão S/A, que mantém unidades industriais em todo meio oeste catarinense.

Na análise específica do município de Joaçaba, foi preciso corrigir os dados para melhor se analisar os setores industriais e poder se efetuar uma comparação com os valores municipais. A tabela 16 mostra os dados dos censos industriais do IBGE de 1970, 1975 e 1980 convertidos em reais e corrigidos, aplicando-se os índices inflacionários do INPC²² (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) nos períodos a partir de 1979 até o ano 2000. A correção dos valores anteriores a esta data foi realizada seguindo os índices de inflação do Banco do Brasil. Os dados a partir da década de 1990 (Tabela 17) são da Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina e também foram corrigidos utilizando os mesmos critérios. Em razão dos cadastros neste órgão estadual terem iniciado a partir de 1987 e das informações econômicas serem guardadas a partir de 1990 não foi possível o acesso aos dados de 1985²³ pela inexistência dos mesmos.

TABELA 16 - Valor da Transformação Industrial dos setores da indústria no município de Joaçaba - de 1970 a 1980 (valores em reais corrigidos)

Setores da indústria	1970	1975	1980
Mecânica	8.870.553,61	17.905.914,94	15.161.100,75
Madeira	2.602.775,99	10.722.545,64	5.359.387,21

²² O INPC - Índice Nacional de Preços ao Consumidor é calculado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, São Paulo, Belém, Fortaleza, Salvador e Curitiba, além do Distrito Federal e do município de Goiânia. Mede a variação nos preços de produtos e serviços consumidos pelas famílias com rendas entre 1 e 8 salários mínimos. O período de coleta de preços vai do primeiro ao último dia do mês corrente e é divulgado aproximadamente após o período de oito dias úteis. Foi o índice oficial de inflação de 1979 a 1986.

²³ Segundo informações do Sr. Ari Pritsch da Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina.

Produtos alimentares	3.745.799,72	7.474.780,73	4.747.600,97
Metalurgia	1.087.003,72	3.817.024,74	3.849.167,25
Produtos de minerais não metálicos	180.987,73	656.450,75	966.721,22
Mobiliário	346.893,16	365.039,32	527.272,72
Editorial e gráfica	152.977,73	466.955,82	886.282,39
Material de transporte	(-)	553.371,71	565.764,03
Papel e Papelão	(x)	(x)	4.845.138,96
Total	16.986.991,65	41.962.083,65	36.908.435,50

Fonte: IBGE – Censos Industriais.

Correção dos valores do autor.

(x) resultado omitido a fim de evitar identificação do informante.

(-) o dado não existe.

TABELA 17 - Valor Adicionado dos setores da indústria no município de Joaçaba - de 1990 a 2003 (valores em reais corrigidos)

Setores da indústria	1990	1995	2000	2003
Produtos alimentares	1.361.962,46	4.013.764,35	23.995.152,00	31.041.321,00
Mecânica	6.023.420,08	12.917.042,58	5.738.780,00	12.552.042,00
Metalurgia	4.344.046,81	5.896.064,43	5.224.744,00	8.578.852,00
Couro e peles e produtos similares	8.399.162,66	3.704.110,59	2.235.040,00	5.543.639,00
Papel e Papelão	2.429.066,44	3.246.408,28	448.788,00	5.044.382,00
Química	155.680,27	107.330,57	3.765.521,00	2.960.121,00
Produtos de minerais não metálicos	96.013,83	1.119.832,30	849.524,00	830.133,00
Têxtil	414.479,84	665.122,91	800.559,00	753.645,00
Extração de minerais	163.568,36	325.089,83	331.868,00	369.598,00
Mobiliário	35.527,23	236.433,33	313.636,00	374.112,00
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	106.187,77	103.473,21	255.059,00	501.277,00
Madeira	164.841,30	379.590,92	98.557,00	618.174,00
Editorial e gráfica	523.096,49	2.089.761,97	45.760,00	6.180,00
Diversas*	6.288.365,05	15.219.324,42	981.692,60	7.264,00
Total	30.505.418,59	50.023.349,69	45.084.680,60	69.180.740,00

Fonte: Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina.

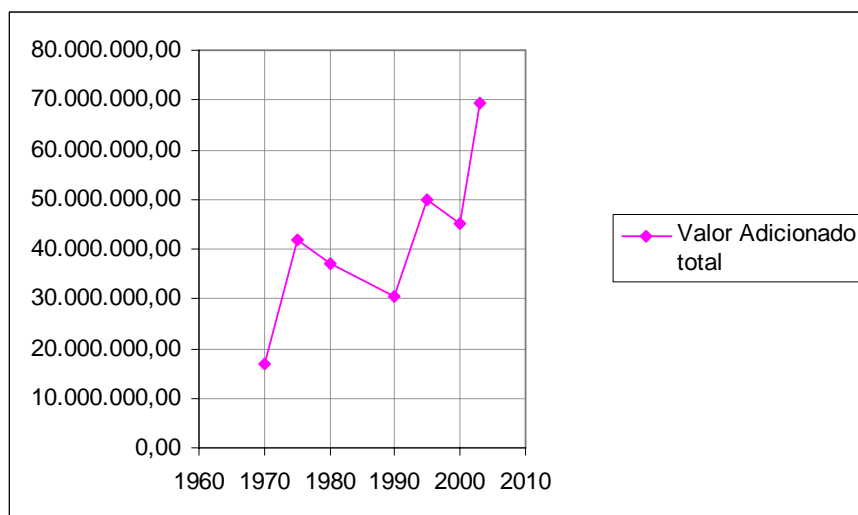
Correção dos valores do autor

* Diversas: outras atividades industriais e CNAE fiscal não classificada pela Secretaria da Fazenda.²⁴

²⁴ A CNAE (Classificação nacional da atividade econômica) é a base de dados utilizada atualmente pela Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina. Como as informações são da década de 1990, muitas empresas baixaram antes do ano 2000, ou seja, antes da utilização desta base de dados (CNAE FISCAL). Em razão disso, de acordo o órgão, a CNAE fiscal não classificada para os anos de 1990 e 1995 ficou muito elevada. Neste valor, estão ainda todas as empresas (indústria, comércio e serviços) que tinham em seu cadastro uma CNAE que não está mais na tabela ou que

Na evolução geral dos valores da transformação industrial e adicionado da indústria joaçabense evidencia-se a ocorrência de uma oscilação dos dados econômicos caracterizada por períodos de expansão e depressão a cada cinco anos. O gráfico 5 evidencia que de 1970 a 1980, houve um período de crescimento ascendente do valor da transformação industrial até a metade da década e outro de queda de 1975 a 1980. De 1980 a 1990 houve um período de crescimento, no entanto como os dados de 85 não foram disponibilizados não se pode dizer se ocorreu também um período de recessão nesta década. Na década de 1990, foram novamente registradas uma fase de expansão até 1995 e outra de depressão nos cinco anos seguintes, caracterizando sobremaneira os efeitos da abertura econômica no início dos anos 1990 sobre a indústria joaçabense. De 2000 a 2003 a indústria voltou a apresentar crescimento caracterizando os primeiros anos desta década.

GRÁFICO 5 - Evolução do Valor da Transformação Industrial total e Valor Adicionado total do setor industrial no município de Joaçaba.



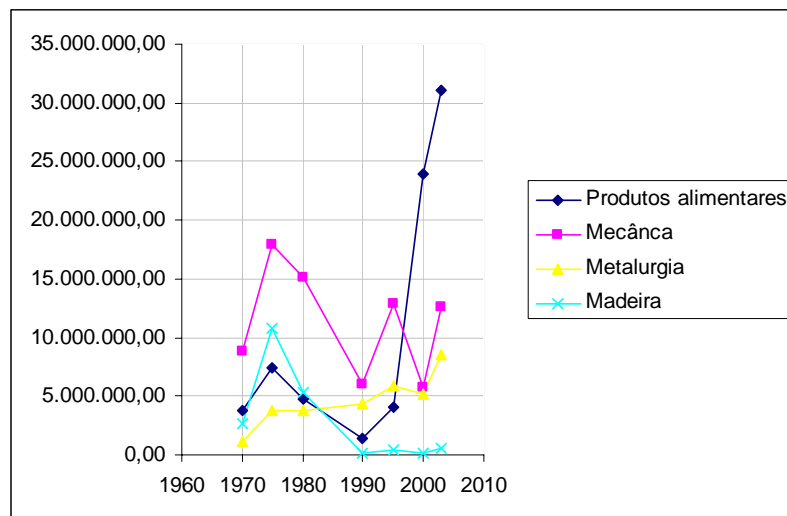
Fonte: IBGE – Censos Industriais e Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina

seu cadastro estava incompleto. Para separar as informações, seria necessário olhar empresa por empresa e verificar o histórico do cadastro e classificá-la. Seria um trabalho difícil e demorado. No entanto, para utilizar este dado na indústria e não simplesmente ignorá-lo foi inferida a participação deste valor no setor nas últimas décadas, correspondendo a aproximadamente 40% do valor total.

Em vista disso, a ocorrência destes momentos de crescimento e recessão da indústria de Joaçaba pode ter acontecido em virtude das mudanças e inovações tecnológicas por parte das empresas. Pode ter havido, neste caso, uma mudança na relação entre emprego de quantidade de trabalho e capital em virtude do incremento da tecnologia, uma vez que houve desemprego, principalmente nos anos 90, mas elevação dos valores da transformação industrial e adicionado.

No caso dos setores industriais mais importantes e tradicionais do município, cabe aplicar esta análise e verificar se eles tiveram o mesmo comportamento oscilatório dos valores da transformação industrial e adicionado totais neste espaço de tempo. (Gráfico 6).

GRÁFICO 6 - Evolução do Valor da Transformação Industrial e Valor Adicionado dos setores industriais mais importantes no município de Joaçaba.



Fonte: IBGE – Censos Industriais e Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina.

A indústria que menos sofreu oscilação foi a metalúrgica apresentando valores adicionados sempre superiores ao período anterior até o ano 2000 quando apresentou valores abaixo dos de 1995. Coincidentemente, se, se voltar aos dados referentes ao número de funcionários e estabelecimentos, percebe-se que o movimento deles foi exatamente igual ao dos valores adicionados a cada ano analisado. Os outros três setores a que se está dando importância (alimentos, mecânica e madeira) tiveram comportamentos bastante parecidos durante sua

evolução. Estes setores apresentaram grande oscilação dos valores adicionados e da transformação industrial ascendendo até 1975, e caindo abruptamente até o início da década de 1990. A partir de então, o setor de produtos alimentares apresentou somente valores crescentes e o setor madeireiro que tinha o segundo maior valor em 1980 entrou em decadência²⁵, recuperando-se um pouco no ano 2003, sem jamais atingir os valores do passado.

Neste sentido, é importante destacar que a decadência do setor madeireiro no município de Joaçaba acarretou mudanças em muitas empresas do setor. O estudo de caso constatou duas situações sendo que uma delas vivenciada pela empresa Wieser, Pichler & Cia. Ltda. ocorreu justamente na década de 1970 quando da crise do setor madeireiro na região. A empresa que tinha sua produção voltada a atender este setor teve que mudar totalmente de ramo passando a fabricar peças para máquinas.

Situação parecida foi verificada na Francisco Lindner S/A. Tendo alcançado grande prestígio na fabricação de implementos agrícolas como a trilhadeira²⁶, o ano de 1968 marcou a primeira crise das máquinas agrícolas ocasionando uma drástica diminuição da produção. De 300 trilhadeiras produzidas mensalmente a empresa passou a fabricar cerca de 6 ou 7, sendo que se manteve neste ritmo com algumas melhoras nos anos seguintes até o ano de 1973 quando a fabricação foi suspensa devido às bruscas mudanças das políticas governamentais que cortaram os financiamentos concedidos às máquinas agrícolas.

Tendo a indústria mecânica apresentado o mesmo movimento no valor adicionado total da indústria joaçabense, da qual fazem parte as empresas acima destacadas, pode-se num primeiro momento, aferir que este setor foi o responsável por este movimento geral. No entanto, ao longo do período analisado e principalmente a partir dos anos 1990, sua participação começou a declinar, e desta maneira, não se pode dizer que este setor sozinho foi o responsável pelo movimento geral. O que se percebe, é que a indústria madeireira praticamente desapareceu, e

²⁵ Segundo Campos (2004), a indústria de base madeireira ainda concentra-se fortemente na micro-região de Joaçaba constituindo uma área com forte especialização produtiva deste setor através da fabricação de pastas, papel e produtos do papel. Neste aspecto, ressalta-se que esse dado muito se deve aos outros municípios que compõem a região e não especificamente o município de Joaçaba,

²⁶ A trilhadeira, primeiro produto fabricado pela Francisco Lindner no segmento de implementos agrícolas é o equipamento mais antigo usado para a limpeza de cereais.

que as perdas de participação deste setor foram sendo absorvidas pela indústria de alimentos, que é atualmente a maior responsável pelos valores ascendentes. (Tabela 18). Esse fato coincide naturalmente com a vocação regional baseada nas atividades primárias e por outro lado, com as políticas governistas de basear a economia nacional no setor primário exportador.

A indústria de produtos alimentares, por exemplo, manteve uma coincidência entre o número de empregos e valor adicionado até a década de 1990, mas a partir de então e até o ano 2000, enquanto o valor adicionado se superava, o número de empregos caía e o de estabelecimentos também. O setor da mecânica também apresentou queda do número de funcionários de 1990 a 2000, caracterizando um período de demissões associado em parte ao incremento tecnológico nas empresas.

TABELA 18 – Participação dos Setores Industriais mais importantes no total do Valor Adicionado (%)

Setor	1970	1975	1980	1990	1995	2000	2003
Mecânica	52,21	42,67	41,07	19,74	25,82	12,72	18,68
Metalurgia	6,39	9,09	10,42	14,24	11,78	11,58	12,31
Alimentos	22,05	17,81	12,86	4,46	8,02	53,22	44,57
Madeira	15,32	25,55	14,52	0,54	0,75	0,21	0,88

Fonte: IBGE – Censos Industriais e Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina.

Buscando uma relação entre os dados de emprego e estabelecimentos com os da transformação industrial e valor adicionado, percebe-se que em nem todos os setores os reflexos do aumento ou diminuição dos valores apareceram no aumento ou diminuição de funcionários e estabelecimentos como ocorreu na indústria metalúrgica. Se por um lado houve desemprego geral na indústria na década de 1990 (só a metalurgia aumentou), de outro, o valor adicionado caiu somente na metade da década, em 1995.

As mudanças nas novas formas de emprego da década de 1990 através das quais se busca reduzir custos e aumentar a flexibilidade, levaram a um processo de intensificação do trabalho em todos os níveis da cadeia produtiva. As demissões no setor secundário nesta década podem estar associadas ao aumento de tecnologia, ao aumento da terceirização de atividades, à reorganização dos postos de trabalho e

à interrupção de linhas de produção nas empresas. Podem estar localizadas nas grandes, mas também nas empresas menores, já que estas, em grande número respondem por aproximadamente 75% do pessoal ocupado da indústria joaçabense.

3.2.3. A economia e os setores industriais na área conurbada de Joaçaba.

Com relação à área conurbada de Joaçaba, ou seja, analisando-se também os municípios de Herval D'Oeste e Luzerna, têm-se uma diminuição da participação de Joaçaba no valor adicionado total dos três municípios após 1995. Em 1990, Joaçaba era responsável por 61,38% e Herval D'Oeste por 35,02% do total do valor adicionado da área conurbada. Os dados do ano 2000 evidenciam claramente um movimento de transformação da participação desses dois municípios em relação à área conurbada, com Joaçaba apresentando 39,42% e Herval D'Oeste 55,40% do total do valor adicionado. No ano 2003, Joaçaba apresentou uma visível melhora percentual, com 43,49% do total do valor adicionado dos três municípios contra 50,67% do município de Herval D'Oeste.

Como Herval D'Oeste baseia-se quase que exclusivamente no setor industrial de produtos alimentares, a dinâmica industrial regional baseada nesse tipo de atividade fez com que houvesse maior desenvolvimento municipal onde eles aconteceram com maior intensidade. Em contrapartida, este setor destacou-se também no município de Joaçaba apresentando um grande aumento do valor adicionado, graças, sobretudo à produção de óleos vegetais em bruto (principalmente da empresa ADM do Brasil Ltda.). Em Herval D'Oeste o alto valor foi referente à atividade frigorífica como foi tratado anteriormente. Quer dizer, se Joaçaba é marcada pela diversificação industrial e pelo destaque de alguns setores, Herval D'Oeste tem o frigorífico como atividade dominante, e por isso a análise espacial acontecerá somente no município de Joaçaba. Na tabela 19 podem ser verificados os valores adicionados correspondentes ao município de Herval D'Oeste (os de Joaçaba podem ser buscados nas tabelas anteriores), uma vez que a participação de Luzerna neste caso é pouco significativa.

TABELA 19 - Valor Adicionado dos setores da indústria no município de Herval D'Oeste – 1990 e 1995 (valores em reais corrigidos)

Setores da indústria	1990	1995	2000	2003
Produtos alimentares	14.643.382,34	33.387.176,82	60.212.891,00	78.982.882,00
Mecânica	(-)	136.982,63	120.257,00	401.898,00
Metalurgia	81.946,47	795,18	(-)	319.252,00
Couro e peles e produtos similares	(-)	(-)	1.959.046,00	(-)
Papel e Papelão	(-)	(-)	4.734,00	(-)
Química	(-)	(-)	28.892,00	(-)
Produtos de minerais não metálicos	1.106,84	407,58	238.226,00	115.770,00
Têxtil	(-)	66.611,26	(-)	(-)
Madeira	38.903,02	(-)	(-)	654.194,00
Extração de minerais	139.581,34	148.968,93	156.773,00	103.790,00
Mobiliário	(-)	148.607,97	596.730,00	58.132,00
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	74.066,54	(-)	156.775,00	207.339,00
Editorial e gráfica	66.864,86	(-)	177.736,00	491.532,00
Diversas*	2.359.445,33	1.748.731,26	81.096,00	(-)
Total	17.405.296,74	35.638.281,63	63.733.156,00	81.334.789,00

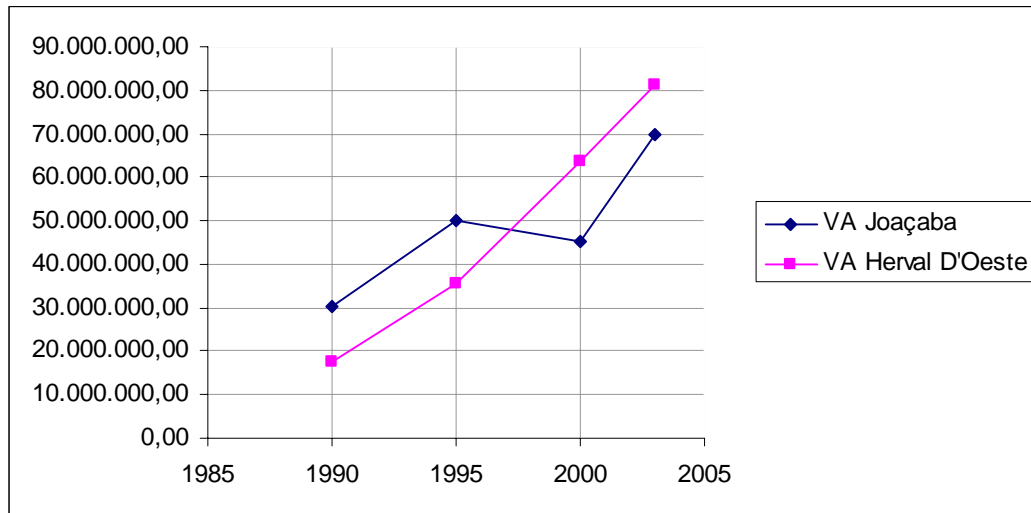
Fonte: Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina.

Diversas: outras atividades industriais e CNAE fiscal não classificada pela Secretaria da Fazenda ²⁷.

Comparando o valor adicionado total dos dois municípios da área conurbada (Gráfico 7), evidencia a oscilação do valor adicionado de Joaçaba como já foi destacado anteriormente. Sabe-se que os setores industriais mais importantes e tradicionais do município de Joaçaba contribuíram para que esse fato ocorresse. Em Herval D'Oeste como também já foi destacado, a evolução ascendente do Valor Adicionado deveu-se à indústria de alimentos, e pode-se notar pelas tabelas anteriores que os demais setores industriais não têm uma ocorrência permanente no município sendo registrados valores em alguns anos e em outros não.

²⁷ Como a participação do setor industrial de Herval D'Oeste é muito maior em relação ao setor de comércio e serviços, considerou-se a CNAE FISCAL não classificada referente ao secundário do município.

GRÁFICO 7 - Evolução do Valor Adicionado dos setores da indústria nos municípios de Joaçaba e Herval D'Oeste 1990-2000.



Fonte: Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina.

3.3. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA – ESTUDOS DE CASO

Diante do cenário econômico que se estabeleceu na década de 1970 e dos processos inovadores ocorridos no setor industrial brasileiro principalmente a partir dos anos 1990, tenta-se neste momento buscar uma relação entre a reestruturação produtiva protagonizada pelas empresas joaçabenses e suas repercussões sócio-espaciais. Não se tem o intuito de abordar a questão social além das empresas analisadas, mas sim, buscar a compreensão das transformações ocorridas em termos de vínculos estabelecidos entre as empresas, seus funcionários e o meio onde ela está inserida. Isso quer dizer, que a resposta para os questionamentos apontados a cerca deste assunto serão baseadas exclusivamente nos estudos de caso aplicados através das entrevistas nas empresas. Não corresponderá a uma visão característica e geral da indústria de Joaçaba, não se teriam elementos suficientes para isso, mas servirão de base, para quem sabe, serem formuladas novas indagações futuramente.

A maior preocupação deste estudo se volta a responder de que forma a reestruturação produtiva ocorreu nas empresas analisadas, se refletiu no espaço

urbano e se estabeleceu mudanças locacionais e relações entre as empresas estimulando, por exemplo, o surgimento de outras empresas do mesmo setor.

Em termos gerais, como dados concretos têm-se a listagem nominal das 104 indústrias que encerraram suas atividades no município de Joaçaba entre os anos de 1990 a 2003. (Anexo 2). Destaca-se o grande número de empresas do setor metal-mecânico (35), do setor de vestuário, calçados e artefatos de tecido (23) e do setor de produtos alimentares (12). Como são limitadas as informações a cerca das baixas industriais neste período, tentou-se investigar na Prefeitura Municipal as causas para tantas falências neste tempo. Segundo entrevista com o responsável pelo setor²⁸, as empresas ao encerrarem suas atividades não informam ao poder público municipal as causas de baixa nos cadastros da prefeitura, ficando sem respostas questões importantes como o número de desempregos criados a partir das falências e os setores industriais que mais desempregaram. Desta forma, na relação espacial buscar-se-á entender o movimento das empresas, se elas simplesmente fecharam ou se foram ocupadas por novas empresas.

3.3.1. Organização administrativa: as crises econômicas e as readaptações industriais

No desenvolvimento histórico do sistema capitalista, as empresas sempre buscaram formas gerenciais e administrativas que melhor solucionassem os problemas internos e externos decorrentes das atividades produtivas. No passado, as empresas adotavam métodos administrativos orientados principalmente pelos proprietários, fundadores das empresas. A eles cabia ordenar as operações, atribuir funções aos seus funcionários, analisar os custos de produção, vender os produtos, fazer pagamentos, etc. Mais recentemente, as empresas introduziram no processo de trabalho métodos orientados por profissionais especializados. “A gerência científica como é chamada significa um empenho no sentido de aplicar os métodos da ciência aos problemas complexos e crescentes do controle do trabalho nas empresas capitalistas em rápida expansão”. (BRAVERMAN, 1987:82).

²⁸ Foi entrevistado em 14/09/2005 o Sr. Eduardo, responsável pelo setor de Tributação da Prefeitura Municipal de Joaçaba.

O movimento de gerência científica iniciado por Taylor, nas últimas décadas do século XIX correspondeu ao desenvolvimento de métodos e organização do trabalho. De acordo com Braverman (1987), um aspecto do pensamento de Taylor era o seu conceito de controle: “uma necessidade absoluta para a gerência adequada à imposição do trabalhador da maneira rigorosa pela qual o trabalho pode ser executado.” (BRAVERMAN, 1987:86).

(...) os trabalhadores que são controlados apenas pelas ordens e disciplina gerais não são adequadamente controlados, porque eles estão atados aos reais processos de trabalho. Tão logo eles controlem o próprio processo de trabalho, empenharão esforços para realizar plenamente o potencial inerente à sua força de trabalho. (...) Para mudar esta situação o controle sob o processo de trabalho deve passar às mãos da gerência. As formas de gerência existentes antes do Taylorismo, a “gerência comum”, era considerada totalmente inadequada para conseguir estes resultados. (BRAVERMAN, 1987:94).

Braverman (1987) destaca ainda que o taylorismo é fundamentado em três princípios: 1) dissociação do processo de trabalho das especialidades dos trabalhadores, 2) concepção e execução devem tornar-se esferas separadas do trabalho e 3) a gerência terá o monopólio do conhecimento para controlar cada fase do processo de trabalho. Essa estrutura gerencial, embora recente, foi sendo substituída a partir dos anos 1970 - com a crise do sistema capitalista de 1973 - por novas diretrizes empresariais, no entanto, “a noção popular de que o taylorismo foi superado representa lamentável má interpretação da verdadeira dinâmica do desenvolvimento da gerência”. (BRAVERMAN, 1987:83).

A organização administrativa das empresas joaçabenses é bastante peculiar em virtude da predominância das empresas familiares. Enquanto muitas empresas no Brasil e no mundo passaram por reestruturações gerenciais, a maioria das empresas de Joaçaba se orientou pelo padrão familiar e patriarcal clássico. Passando por muitas mudanças a maioria das empresas optou por não ter cargos de gerência e sim chefes de seção do chão de fábrica, cargos esses ocupados por profissionais especializados, treinados na própria fábrica e muitas vezes conquistados devido aos muitos anos de dedicação à empresa (Wieser, Pichler & Cia Ltda., Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense, ADM do

Brasil Ltda.). A inexistência dos cargos de gerência é, portanto, outra característica das empresas analisadas.

Das empresas entrevistadas, com relação à propriedade a maioria é caracterizada como empresa familiar de capital local/nacional (Francisco Lindner S/A Ind. Com., Wieser, Pichler & Cia Ltda., Coppi Máquinas Ltda. e Specht Produtos Alimentícios Ltda.), existindo também as não familiares de capital local/nacional (Maqtron Importação e Exportação Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda.), duas cooperativas, uma com sede em Joaçaba (Coperio - Cooperativa Rio do Peixe) e outra em Chapecó (Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense) e como minoria uma multinacional de capital norte-americano (ADM do Brasil Ltda.). Quanto à estrutura jurídica têm-se as empresas Ltda. como maioria (Wieser, Pichler & Cia Ltda., Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda., Specht Produtos Alimentícios Ltda. e ADM do Brasil Ltda.).

Com relação às crises econômicas, a princípio, pelas entrevistas realizadas parece que a indústria joaçabense de produtos alimentares e metal-mecânica teve comportamentos muito particulares durante a década de 1990. As empresas analisadas acompanharam a tendência da indústria nacional iniciando na década de 1990 um amplo processo de racionalização dos custos em especial a partir do governo Collor marcado pela queda do crescimento econômico e pela alta inflação dos preços. O reflexo da abertura comercial sentiu-se através da queda de vendas levando muitas empresas a diminuírem sua produção (Francisco Lindner S/A Ind. Com., Junior Indústria Metalúrgica Ltda., Wieser, Pichler & Cia Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe). A Junior Indústria Metalúrgica Ltda., empresa surgida nesta época de crise, precisou vender a única máquina nova que dispunha em seu parque fabril.

Isso ocasionou, de forma imediata, uma maior divisão do mercado consumidor, em outras palavras, acirrou a concorrência, principalmente nas vendas de: máquinas e equipamentos para o setor agrícola, para a indústria de alimentos, para o beneficiamento de produtos agroindustriais e válvulas e acessórios de tubulação. (CHIOCCHETTA, 2001:77).

Entre 1990 e 1991, os problemas da agricultura e a desvalorização dos produtos agrícolas nos anos seguintes (1994 e 1995) causaram sérios problemas na principal cooperativa do município (Coperio - Cooperativa Rio do Peixe), afetando de um lado os produtores integrados e de outro a própria empresa.

Readaptações foram necessárias visando suavizar os efeitos das crises econômicas nas empresas joaçabenses e os reflexos sociais. Havendo variações entre as empresas, em algumas houve demissões de funcionários (Francisco Lindner S/A Ind. Com., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe), diminuição da capacidade produtiva de acordo com a demanda de mercado (Maqtron Importação e Exportação Ltda., Wieser, Pichler & Cia Ltda., ADM do Brasil Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe - inclusive com o fechamento de unidades em outros municípios), racionalização de custos (Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense, Wieser, Pichler & Cia Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe) e a busca por novas alternativas e novos projetos para se alcançar os níveis de produção desejados (Coppi Máquinas Ltda. e Junior Indústria Metalúrgica Ltda.). Ao invés da descentralização administrativa, os empresários dominaram e direcionaram os destinos da empresa através de uma organização estabelecida por eles e cumprida pelos seus funcionários, caracterizando sobremaneira a “estrutura administrativa gerencial patriarcal” da maioria das empresas estudadas.

No entanto, as crises não são acontecimentos só do passado e recentemente seus efeitos puderam ser sentidos pela Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense em 2003 em função dos problemas externos e barreiras comerciais e sanitárias impostas aos seus produtos e pela Coppi Máquinas Ltda. em 2004 e início de 2005.

As crises sofridas pelas empresas podem também afetar suas instalações considerando-se seu parque fabril. No entanto parece que passadas as crises, as empresas puderam retomar seu crescimento e a maioria aumentou suas instalações devido às necessidades do mercado. (Francisco Lindner S/A Ind. Com., Wieser, Pichler & Cia Ltda., Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, Specht Produtos Alimentícios Ltda.). Neste caso, pode-se dizer que os efeitos da reestruturação produtiva nas empresas joaçabenses foi um processo que ocasionou uma série de mudanças internas nas empresas afetando diretamente o

meio ambiente urbano. As transformações no urbano do município de Joaçaba deram-se com o abandono de algumas indústrias, principalmente no centro da cidade, com a inserção da indústria nos bairros residenciais, com o fechamento de empresas e a ocupação destes locais por outras e também com o afastamento da indústria para áreas cada vez mais distantes do centro urbano.

3.3.2. Terceirização

Visando suavizar os impactos econômicos uma das estratégias para a recuperação das empresas é a terceirização. Em Joaçaba esta questão é abordada das formas mais variadas, registrando mais uma vez um perfil diferenciado entre as empresas. As empresas analisadas pertencentes ao setor de produtos alimentares têm uma lógica particular optando por não terceirizar nenhuma parte do processo produtivo. Terceirizam somente atividades de apoio, como vigilância, limpeza, carga e descarga, transporte, sendo que a maioria das empresas nestes casos está localizada no município de Joaçaba ou em outros municípios da região. Nas empresas metal-mecânicas analisadas, a maioria utiliza este processo desde sua fundação (Wieser, Pichler & Cia. Ltda., Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coppi Máquinas Ltda. e Junior Indústria Metalúrgica Ltda.). Entre as empresas mais tradicionais destaca-se a Francisco Lindner S/A Ind. e Com. que não terceiriza nenhuma atividade e a Wieser, Pichler & Cia. Ltda. que deseja sair totalmente da terceirização para reduzir custos, segundo o empresário entrevistado.

Entre as empresas surgidas recentemente, tem-se o caso da Maqtron Importação e Exportação Ltda. que tem toda sua produção terceirizada, caracterizando sobremaneira este processo adotado principalmente nos anos 90. Este caso ilustra um modelo de empresa que tendo surgido na década de 1990 optou pela terceirização absoluta, seguindo o sucesso de modelos estrangeiros. A empresa tem 125 funcionários terceirizados²⁹, sendo que os funcionários da empresa propriamente dita compreendem basicamente a parte administrativa e de vendas. Comporta-se como setor puramente comercial, sem produzir diretamente nada e mantendo o controle da concepção e do circuito produtivo. Ela é ainda

²⁹ Somente 19 funcionários são registrados na Maqtron Importação e Exportação Ltda., por isso ela foi considerada como micro-empresa anteriormente.

proprietária do parque fabril, compra todo o material e tem um contrato de consignação com os terceirizados para a utilização do maquinário.

Referindo-se às firmas sub-contratadas existe o caso de empresas localizadas no próprio espaço da fábrica para quem esta terceiriza serviços (Coppi Máquinas Ltda.), mas a maioria se localiza ou no município de Joaçaba, ou em outras cidades do estado e mesmo fora dele (Wieser, Pichler & Cia. Ltda., Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda.). Um dado interessante que pode caracterizar uma rede localizada de empresas neste setor, é o fato de atualmente, praticamente a metade da indústria joaçabense ser composta por empresas do ramo metal-mecânico³⁰. Este setor foi o que mais se desenvolveu desde o início atividade industrial no município. De 1920 a 1960 surgiram 8 empresas do ramo e nas décadas de 1970 e 1980, 18 empresas. Hoje são 66 caracterizando a existência de vínculos concretos entre as empresas, podendo também haver relações com outras empresas dos municípios da região.

3.3.3. Funcionários

A transformação da humanidade trabalhadora em uma “força de trabalho”, em “fator de produção”, como instrumento do capital, é um processo incessante e interminável. A necessidade de ajustar o trabalhador ao trabalho em sua forma capitalista, de superar a existência natural intensificada pela tecnologia mutável e alternante, relações sociais antagônicas e a sucessão de gerações, não termina com a “organização científica do trabalho”, mas se torna um aspecto permanente da sociedade capitalista. A habituação dos trabalhadores ao modo capitalista de produção deve ser renovada a cada geração. (BRAVERMAN, 1987:124)

A relação das empresas joaçabenses com seus funcionários pode não estar apoiada rigidamente nesta concepção do modo capitalista de produção citado por Braverman. No entanto, nota-se que as empresas buscam em muitos aspectos melhorar a produção usando como âncora deste processo os seus funcionários, ocasionando uma troca mútua de benefícios entre eles e a indústria. Os novos métodos de organização gerenciais buscaram priorizar a participação de cada empregado no processo produtivo atribuindo a eles várias funções como a resolução

³⁰ Segundo dados da Prefeitura Municipal de Joaçaba em 2005, das 121 empresas ativas, 60 pertencem aos setores metalúrgico e mecânico.

de problemas surgidos durante a produção, o controle de qualidade dos produtos e até mesmo a sugestão de melhorias e mudanças significativas na etapa produtiva.

O treinamento da mão de obra passou a ser fundamental na produção exigindo a integração entre os técnicos e os funcionários de chão de fábrica levando a todos a participarem mais ativamente dos processos decisórios e das atividades exercidas. Também a especialização dos trabalhadores ganhou força entre as empresas. Em Joaçaba a maioria das empresas fornece treinamentos internos aos funcionários do chão de fábrica (Francisco Lindner S/A Ind. Com., Wieser, Pichler & Cia Ltda., Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense, ADM do Brasil Ltda., Specht Produtos Alimentícios Ltda.), e talvez por este motivo algumas não observem a escolaridade mínima deles (Francisco Lindner S/A Ind. Com., Wieser, Pichler & Cia Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda. e Coperio - Cooperativa Rio do Peixe). Há preferência para funcionários com cursos técnicos do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) principalmente na indústria metal-mecânica.

Quando os funcionários não possuem cursos técnicos, ou mesmo quando desejam fazer cursos de aperfeiçoamento, ou superior em alguns casos, é política da maioria das empresas fornecem ajuda de custo para a realização destes em benefício de ambos (Wieser, Pichler & Cia Ltda., Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda., ADM do Brasil Ltda., Specht Produtos Alimentícios Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense).

Os cursos de aperfeiçoamento quando se adquire maquinário novo são em geral fornecidos pelas empresas fornecedoras das máquinas (Francisco Lindner S/A Ind. Com., Wieser, Pichler & Cia Ltda., Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, Specht Produtos Alimentícios Ltda.). As empresas alimentícias ainda realizam programas de aperfeiçoamento contínuo realizados pelas mesmas, por empresas externas ou por órgãos ligados a elas de acordo com as necessidades do mercado (Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense, ADM do Brasil Ltda., Specht Produtos Alimentícios Ltda.).

A maioria das empresas fornece também incentivos como vale alimentação e vale transporte (Francisco Lindner S/A Ind. Com., Wieser, Pichler & Cia Ltda., Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense, ADM do Brasil Ltda., Specht Produtos Alimentícios Ltda.) e todas fornecem assistência médica, planos de saúde, seguro de vida ou exames periódicos. Algumas têm gratificações pela obtenção de resultados que pode ser motivacional ou econômica (Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe) e uma minoria tem a participação nos lucros e resultados da empresa com os funcionários (Junior Indústria Metalúrgica Ltda., Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense, Specht Produtos Alimentícios Ltda.).

Uma questão importante que diz respeito aos funcionários das empresas entrevistadas e sua relação com o espaço urbano é a questão de seus locais de moradia, e em todas as empresas eles residem e trabalham na área conurbada, ou seja nos municípios de Joaçaba, Herval D'Oeste e Luzerna. Quer dizer, os funcionários tanto podem residir em um dos três municípios e trabalhar em outro. Isso evidencia o que foi mostrado na análise da População Economicamente Ativa dos três municípios, uma vez que Joaçaba sozinha apresentou declínio do número de trabalhadores a partir de 1990 e considerando-se os três municípios a PEA industrial teve aumento. Neste caso, como a PEA industrial se recompõe, pode-se concluir que tem havido um deslocamento intermunicipal entre os trabalhadores industriais e justifica-se o tratamento destes dados referentes à área conurbada.

3.3.4. Tecnologia e Maquinário

Como será apresentado a seguir, a reestruturação produtiva nas empresas joaçabenses em destaque foi vinculada à aquisição de novas e modernas tecnologias mais especificamente baseada na renovação e substituição, assim como na adequação e ajustamento das máquinas antigas. A compra de equipamentos mais modernos substituindo os convencionais foi apontada como importante para aumentar a qualidade dos produtos e a produção propriamente dita na maioria das empresas (Wieser, Pichler & Cia Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Maqtron Importação e

Exportação Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, Specht Produtos Alimentícios Ltda.).

Segundo Braverman (1987:160), as máquinas em sua evolução podem ser definidas e classificadas com muitos critérios diferentes: força motriz, complexidade, utilização de princípios físicos etc. No entanto, é necessário analisar dois modos de pensar diferentes. O primeiro é o ponto de vista do engenheiro, que enxerga a tecnologia em suas ligações internas definindo a máquina em relação a si mesma, como um fato técnico. O outro é o enfoque social, “que vê a tecnologia em suas conexões com a humanidade e define a máquina em relação com o trabalho humano, e como um artefato social”.

Consideradas apenas em seu aspecto físico, as máquinas nada mais são que instrumentos desenvolvidos de produção pelos quais a humanidade aumenta a eficácia de seu trabalho. Assim, como ao produzir uma simples ferramenta o trabalhador modela, preparando para o próprio processo produtivo direto, uma ajuda para aquele processo, do mesmo modo a produção dos modernos meios de produção, seja qual for o grau de aperfeiçoamento ou complexidade, representa o gasto de tempo de trabalho não diretamente para a feitura do produto, mas para a fabricação de instrumentos que o ajudem a fazer o produto ou serviço. Esse trabalho passado, incorporado nos instrumentos de produção, transfere seu valor ao produto gradualmente, à medida que utilizado na produção – fato que o capitalista reconhece na taxa de depreciação das máquinas. (BRAVERMAN, 1987:195)

Esse autor ainda cita que a principal vantagem da utilização das máquinas na linha de montagem industrial é o controle que ela permite sobre o ritmo do trabalho, sendo útil para os proprietários e gerentes, cujos interesses estão em desavença com os de seus trabalhadores. Assim, o controle humano sobre o processo de trabalho compreendido desse modo nada mais é que uma abstração que deve adquirir forma concreta no âmbito social em que a maquinaria está sendo desenvolvida. “A maquinaria entra no mundo não como serva da ‘humanidade’, mas como instrumento daqueles a quem a acumulação de capital proporciona a propriedade das máquinas”. (BRAVERMAN, 1987:167)

Em Joaçaba, as empresas tradicionais (Francisco Lindner S/A Ind. Com, Wieser, Pichler & Cia Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Specht Produtos Alimentícios Ltda.) utilizam maquinário mais antigo, mas segundo os empresários, estão em perfeito estado de funcionamento e atendem bem a demanda da produção. As

máquinas na maioria dos casos são ajustadas, reformadas e adequadas tecnologicamente. É comum que máquinas antigas e novas, simples, manuais e computadorizadas dividam o mesmo espaço dentro do parque fabril das empresas. A Maqtron Importação e Importação Ltda. ainda mantêm em funcionamento máquinas da antiga Caetano Branco juntamente com as máquinas mais modernas, computadorizadas. Na Specht Produtos Alimentícios Ltda., por exemplo, existem máquinas com mais de 50 anos e máquinas inauguradas recentemente quando a empresa dobrou sua capacidade produtiva. (Figura 12). A ADM do Brasil Ltda. basicamente utiliza os mesmos equipamentos da antiga Incobrasa Catarinense S/A de 1975, mas uma parte da empresa recebeu automação eletrônica recentemente.



FIGURA 12 - Máquinas modernas e automáticas para a fabricação de farinha da empresa Specht Produtos Alimentícios Ltda.

Foto do autor, 2005.

A idade média do maquinário das empresas é bastante variável, não existindo fatores que possam conduzir as informações a uma caracterização geral. Existem máquinas com cerca de 30 anos (ADM do Brasil Ltda.), 20 anos (Francisco Lindner S/A Ind. Com., Coppi Máquinas Ltda.), 10 anos (Wieser, Pichler & Cia Ltda.), 8 anos (Maqtron Importação e Exportação Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe) e 3 anos (Aurora - Cooperativa Central Oeste

Catarinense). Na indústria metal-mecânica a aquisição de novas máquinas, na maioria dos casos, não acontece através de projetos e consultorias externas, sendo ela sugerida simplesmente pela experiência dos empresários. Na indústria de produtos alimentares, ao contrário, é comum que empresas externas atuem na substituição e instalação do maquinário adquirido.

Em todas as empresas o maquinário é praticamente nacional, com poucas máquinas importadas. Na indústria metal-mecânica a aquisição de novas máquinas, na maioria dos casos, não acontece através de projetos e consultorias externas, sendo ela sugerida simplesmente pela experiência dos empresários. (Figura 13).



FIGURA 13 - Linha de produção da Francisco Lindner S/A Indústria e Comércio.
Foto do autor, 2005.

A compra de máquinas e a substituição das antigas por novas podem em alguns casos causar reflexos no próprio espaço das fábricas. Em muitas empresas, principalmente entre as metal-mecânicas (Wieser, Pichler & Cia Ltda., Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe), foi necessário se fazer diversos arranjos para readequar o setor de produção modificando assim o layout das empresas. Isso também acontece quando uma empresa amplia sua capacidade produtiva, suas instalações ou quando coloca um produto novo no mercado.

3.3.5. Matérias Primas

As empresas analisadas possuem uma diferenciada linha de produção mesmo pertencendo aos setores de produtos alimentares, metalúrgico e mecânico da atividade industrial. No entanto, a utilização de diferentes matérias primas não é uma consequência deste processo, uma vez que as empresas em alguns casos utilizam as mesmas matérias-primas.

Nas empresas do ramo alimentício, por exemplo, são utilizados soja (Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, ADM do Brasil Ltda.), milho e trigo (Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, Specht Produtos Alimentícios Ltda.) e suínos (Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense). As cooperativas trabalham com produtores integrados da própria região, e a produção de suínos da Coperio é destinada à Aurora. Isso gera uma cadeia onde os produtores recebem num primeiro momento da Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, os insumos e rações para alimentar os suínos, que em geral vêm de outras cidades, depois estes animais voltam para a cooperativa que os repassa para a Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense, para serem abatidos. A matéria prima - neste caso milho, trigo e suínos - é comprada diariamente nas duas cooperativas e a Aurora recebe em torno de 1100 suínos por dia sendo que 50% deste total são originários da Coperio - Cooperativa Rio do Peixe³¹. Os outros animais são procedentes das outras três cooperativas filiadas à Central (Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense) localizadas nos municípios de Videira, Lacerdópolis e Campos Novos.

No caso da soja (ADM do Brasil Ltda.), trigo e milho (Specht Produtos Alimentícios Ltda.), estes são recebidas a granel por transportadora. Os grãos são recebidos do próprio estado de Santa Catarina, de outros estados e também do Paraguai. A ADM do Brasil Ltda. utiliza 50% da matéria prima importada e a Specht Produtos Alimentícios Ltda. utiliza basicamente trigo nacional; a maior parte originária do Rio Grande do Sul. O que se percebe, nestas duas empresas, é que elas não estão próximas aos mercados produtores como acontece com as

³¹ Mesmo não tendo um dado preciso, a porcentagem da matéria-prima procedente do município de Joaçaba e destinada à Coperio - Cooperativa Rio do Peixe não passa de 10%, segundo informações do entrevistado.

cooperativas, sendo este dado apontado como desvantajoso em alguns aspectos para as empresas.

Entre as empresas do setor metal-mecânico as principais matérias primas utilizadas são o aço e o ferro, além de motores e plásticos em menor quantidade. São nacionais, do estado de Santa Catarina e também fora dele. São transportadas por rodovia e a compra varia conforme o planejamento da produção, havendo estoque. Menos de 1% da matéria prima procede de Joaçaba. Quanto ao sistema produtivo, a maioria das empresas utiliza a produção seriada (Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, Aurora, ADM do Brasil Ltda., Specht Produtos Alimentícios Ltda.) e o restante trabalha com os dois sistemas, desenvolvendo também projetos específicos sob encomenda. Todas as empresas reservam uma parte da produção para o estoque.

3.3.6. Produção e Mercado

Para Marx, o produto do trabalho deve, antes de tudo, responder a algumas necessidades humanas. Deve, em outras palavras, ser útil. Marx chama-o valor de uso. Sob o capitalismo, todavia, os produtos do trabalho tomam a forma de mercadorias. Mas uma mercadoria não tem simplesmente um valor de uso. Mercadorias são feitas, não para serem consumidas diretamente, mas para serem vendidas no mercado. Desse modo cada mercadoria tem um valor de troca, ou seja, a proporção na qual valores de uso de um tipo são trocados por valores de uso de um outro tipo. (MARX, 1996)

Mais ainda, um valor de uso tem que satisfazer algumas necessidades humanas específicas. Sendo assim, todas as mercadorias tem um valor, do qual o valor de troca é simplesmente o seu reflexo. Esse valor representa o custo de produção de uma mercadoria à sociedade.

As empresas joaçabenses entrevistadas mesmo pertencendo aos mesmos ramos industriais - de alimentos, metalúrgico e mecânico - possuem uma diversificada linha de produção de mercadorias, e assim sendo elas podem ser

classificadas de acordo com o tipo de produtos³². No caso da indústria de alimentos, por exemplo, entre os produtos desenvolvidos pelas empresas estão a produção de rações para animais, produção de suínos e leite (Coperio – Cooperativa Rio do Peixe), carcaça suína (Aurora – Cooperativa Central Oeste Catarinense), farelo e óleo de soja (ADM do Brasil Ltda.) e farinhas de trigo e milho (Specht Produtos Alimentícios Ltda. – Figura 14).



FIGURA 14 - O produto final da Specht Produtos Alimentícios Ltda. ainda dentro da linha de produção.

Foto do autor, 2005.

Nas empresas entrevistadas do ramo metal-mecânico buscando uma relação com o setor de alimentos, percebe-se que todas têm uma parte ou toda sua produção voltada ou ao setor primário da economia ou à própria indústria alimentícia, fabricando artigos para dar suporte ao desenvolvimento destas atividades. Pelos produtos que desenvolvem, pode-se aferir que elas não são concorrentes, não competindo pelo mesmo mercado. Neste sentido as empresas produzem moendas de cana e trituradores sob encomenda (Francisco Lindner S/A Ind. Com.), engrenagens, eixos e peças para máquinas e indústrias (Wieser, Pichler & Cia. Ltda.), máquinas agrícolas, para transporte agrícola, bater cereais e de sucos naturais (Maqtron Importação e Exportação Ltda.- Figura 15), máquinas e equipamentos para a indústria alimentícia e outros segmentos (Coppi Máquinas

32 A Secretaria do Estado e Fazenda de Santa Catarina utiliza a CNAE (Classificação Nacional da Atividade Econômica), que evidencia o tipo de produção desenvolvida pelas empresas.

Ltda.) e peças de reposição para a indústria frigorífica (Junior Indústria Metalúrgica Ltda.).

O destino dos produtos desenvolvidos pela indústria joaçabense com base nos estudos de caso é principalmente o mercado interno. A exportação é verificada em duas empresas alimentares, na Aurora – Cooperativa Central Oeste Catarinense, onde a produção é totalmente voltada para a exportação e na ADM do Brasil Ltda. que exporta 95% da produção de óleo. Nas empresas metal-mecânicas (Wieser, Pichler & Cia. Ltda., Maqtron Importação e Exportação Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda.) a porcentagem da produção exportada é inferior a 10%.



FIGURA 15 - Máquinas produzidas pela Maqtron Importação e Exportação Ltda.

Foto do autor, 2005.

O público alvo das empresas metal-mecânicas é bastante variável com alguma predominância para a indústria alimentícia, em geral frigoríficos e abatedouros industrializados de carnes (Wieser, Pichler & Cia. Ltda., Coppi Máquinas Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda.). Em razão da diversificada linha de produção de algumas empresas, os produtos também são vendidos a revendas de máquinas agrícolas e de materiais de construção (Maqtron Importação e Exportação Ltda.), setores de irrigação (Francisco Lindner S/A Ind. Com.), fábricas de papel (Wieser, Pichler & Cia. Ltda) e outros ramos industriais como químico, petroquímico e portuário (Coppi Máquinas Ltda.).

O setor de alimentos joaçabense destina sua produção tanto para os produtores rurais, suinocultores e avicultores (Coperio - Cooperativa Rio do Peixe, ADM do Brasil Ltda.), como redes e estabelecimentos do varejo como mercearias e supermercados (Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense, Specht Produtos Alimentícios Ltda.) e grandes indústrias (Specht Produtos Alimentícios Ltda.). Em geral as empresas fornecem seus produtos tanto para grandes como pequenas empresas.

4. AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS

4.1. A URBANIZAÇÃO E A EVOLUÇÃO POPULACIONAL NOS MUNICÍPIOS DA MICRO-REGIÃO DA AMMOC

No Vale do Rio do Peixe o processo de urbanização ocorreu, assim como em outros lugares, calcado sobre a industrialização de um lado, sobre a expansão paralela das atividades terciárias de outro e sobre a diminuição da população rural migrando para o setor secundário da economia. Os dados populacionais que serão abordados nesta etapa do trabalho servirão para a melhor compreensão da dinâmica micro-regional e do desenvolvimento dos municípios a partir do incremento das atividades produtivas.

Segundo Milton Santos (1993), o perfil industrial assumido pelo Brasil a partir do terceiro terço do século XX, praticamente generalizou a urbanização transformando um país agrário e essencialmente agrícola em um país urbano. O forte movimento de urbanização verificado a partir do fim da segunda guerra mundial é resultado de um forte crescimento demográfico, baixa mortalidade em razão dos progressos sanitários, da melhoria nos padrões de vida e da própria urbanização. Hoje, de acordo com os dados do IBGE, a população urbana brasileira é de aproximadamente 82%.

Entre 1940 e 1980 dá-se verdadeira inversão quanto ao lugar da residência da população brasileira. Há meio século atrás (1940), a taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%. Nesses quarenta anos, triplica a população do Brasil, ao passo que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia. (SANTOS, 1993:29).

Na micro-região da AMMOC, o processo de urbanização, verificado nas últimas três décadas do século XX praticamente dobrou, passando de 35,75% em 1970 para 69,92% em 2000. Em todos os municípios os valores populacionais urbanos apresentaram crescimento no período analisado. A tabela 20 apresenta as taxas de crescimento das populações urbana e total, e verifica-se que o período com as maiores taxas de crescimento populacional foi entre 1980-1991, em que todos os municípios da micro-região apresentaram taxas positivas, exceto Vargem Bonita. Na

década anterior, 07 municípios tiveram taxas negativas de crescimento referentes à população total, levando a micro-região a apresentar crescimento negativo neste caso. Em contrapartida, a população urbana apresentou taxas de crescimento positivo na maioria dos municípios. Na última década analisada, destacam-se os índices de crescimento positivos da população urbana em todos os municípios da AMMOC.

TABELA 20 - Taxas de crescimento das populações urbana e total dos municípios da micro-região da AMMOC.

Municípios	1970-1980		1980-1991		1991-2000	
	Total	Urbana	Total	Urbana	Total	Urbana
Água Doce	-2,23%	6,06%	0,39%	4,64%	-0,46%	1,81%
Capinzal	1,55%	1,70%	3,80%	7,51%	4,27%	5,74%
Catanduvas	2,18%	13,88%	4,37%	8,67%	1,96%	2,02%
Erval Velho	-2,83%	-0,03%	0,60%	2,78%	-0,89%	0,42%
Herval D'Oeste	0,28%	2,18%	2,57%	4,53%	1,31%	2,09%
Ibicaré	-2,17%	0,21%	0,50%	3,59%	-1,03%	2,48%
Joaçaba	1,63%	3,13%	1,48%	1,68%	0,55%	1,12%
Lacerdópolis	-4,98%	-4,33%	0,96%	4,21%	0,49%	1,82%
Luzerna	2,17%	5,28%	0,00%	1,96%	0,72%	1,12%
Ouro	-1,67%	1,87%	2,76%	7,86%	0,68%	3,38%
Tangará	-2,65%	-0,32%	1,38%	3,44%	-3,29%	0,40%
Treze Tílias	-1,64%	3,87%	2,57%	4,24%	2,06%	5,55%
Vargem Bonita	3,24%	7,98%	-1,47%	-1,35%	-0,13%	15,27%
Total	-0,20%	2,72%	1,75%	3,88%	0,81%	2,56%

Fonte IBGE – Censos Demográficos.

Com relação à população total micro-regional, se de um lado ela apresentou um decréscimo na década de 1980 em relação à década anterior, por outro, a maioria dos municípios da AMMOC teve o número total da população aumentado e dentre eles podemos destacar Capinzal e Herval D'Oeste, municípios que abrigam a atividade frigorífica e ainda Joaçaba, município com os setores secundário e terciário bastante desenvolvidos. Não se pode afirmar, mas em virtude da população ter diminuído em alguns municípios analisados no período e em contrapartida a população total ter aumentado, pode ter havido, neste caso, um deslocamento da população micro-regional entre os próprios municípios formadores dela. (Tabela 21, Gráfico 8).

TABELA 21 - Evolução populacional nos municípios da micro-região da AMMOC.

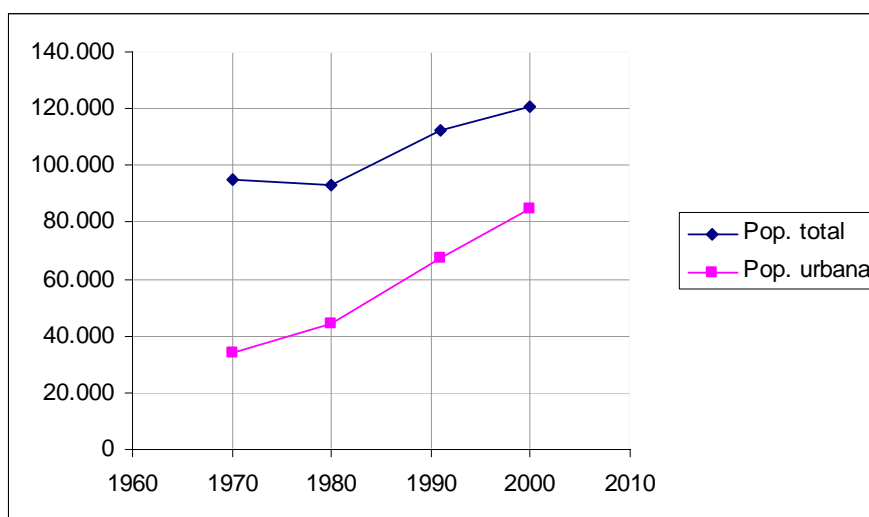
Municípios	1970		1980		1991		2000	
	Total	Urbana	Total	Urbana	Total	Urbana	Total	Urbana
Água Doce	8.563	903	6.835	1.626	7.133	2.678	6.843	3.148
Capinzal	7.791	3.563	9.086	4.218	13.694	9.358	19.955	15.460
Catanduvas *	3.507	484	4.349	1.775	6.959	4.431	8.291	5.304
Eral Velho	5.774	1.543	4.332	1.539	4.626	2.080	4.269	2.160
Herval D'Oeste	13.125	7.050	13.493	8.743	17.832	14.230	20.044	17.140
Ibicaré	4.642	661	3.726	675	3.936	995	3.587	1.240
Joaçaba **	16.582	12.009	19.495	16.341	22.917	19.624	24.066	21.688
Lacerdópolis	3.122	827	1.873	531	2.080	836	2.173	983
Luzerna	4.212	1.731	5.222	2.896	5.222	3.587	5.572	3.964
Ouro	6.117	1.117	5.170	1.344	6.977	3.088	7.419	4.165
Tangará	13.313	2.907	10.182	2.816	11.833	4.083	8.754	4.233
Treze Tílias	3.591	774	3.045	1.132	4.027	1.788	4.840	2.907
Vargem Bonita	4.468	330	6.147	711	5.221	612	5.158	2.199
Total	94.807	33.899	92.955	44.347	112.457	67.390	120.971	84.591

Fonte IBGE – Censos Demográficos.

* Descontada a população do distrito de Vargem Bonita nos anos de 1970, 1980 e 1991.

** Descontada a população do distrito de Luzerna nos anos de 1970, 1980 e 1991.

GRÁFICO 8 - Evolução da população urbana e total na micro-região da AMMOC.



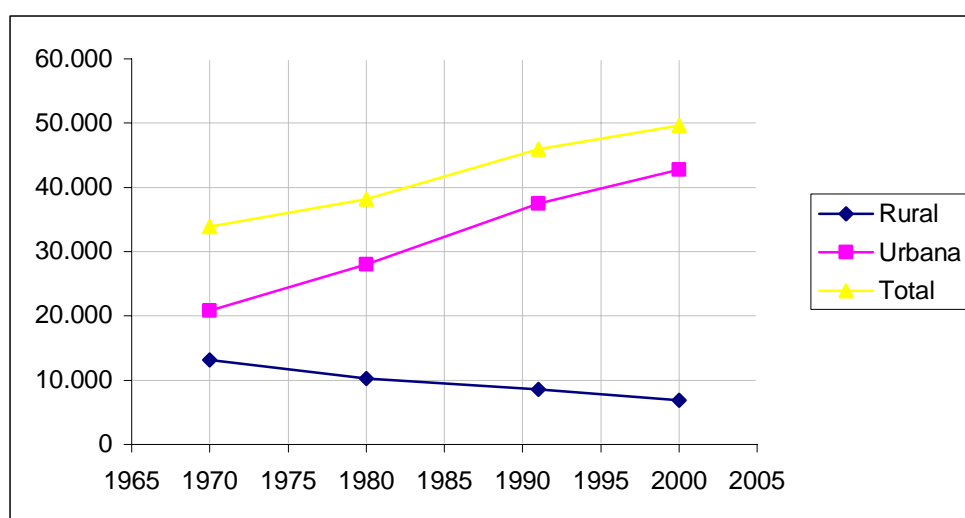
Fonte IBGE – Censos Demográficos.

No caso de Joaçaba³³, evidencia-se que no período de 1970-2000, o município somente apresentou taxas positivas de crescimento tanto da população total como da urbana. O município de Herval D'Oeste, que forma a área conurbada de Joaçaba, teve índices ainda mais elevados, evidenciando a importância que este município vem demonstrando ao longo do período analisado.

Neste sentido e em se tratando de dados populacionais, deve ser ressaltado que Joaçaba não pode ser entendida sem os municípios que formam sua área conurbada, ou seja, Herval D'Oeste e Luzerna, uma vez que a malha que forma a área urbana é uma só. Sendo assim, os valores numéricos do município de Joaçaba, pouco representam a dinâmica populacional devendo ser somados os valores dos outros dois municípios que compõem essa região homogênea numa mesma unidade. (Gráfico 9).

Dessa maneira, percebe-se que essa região apresentou crescimento populacional ao longo do período analisado havendo uma transferência da população rural para as áreas urbanas.

GRÁFICO 9 - Evolução populacional do município de Joaçaba e área conurbada.



Fonte: IBGE – Censos Demográficos

³³ É mister destacar, que no município de Joaçaba, não se está considerando a população de Luzerna, distrito deste município até a década de 1990.

Deve-se ainda acrescentar a ocorrência dos desmembramentos municipais desde a fundação do município de Joaçaba, fato este que já foi tratado anteriormente (Tabela 1). Sendo assim, os distritos que ao conquistarem sua independência político-administrativa levaram paralelamente um contingente populacional adjacente e uma parte do território antes pertencente à Joaçaba. Em 1917, época de sua criação, o município compreendia uma área de 7.100 km² e cerca de 10.000 pessoas. Esta área abrangia os municípios de Joaçaba, Água Doce, Arroio Trinta, Catanduvas, Concórdia, Ibicaré, Ipira, Ipumirim, Irani, Itá, Jaborá, Lacerdópolis, Ouro, Ponte Serrada, Peritiba, Presidente Castelo Branco, Seara, Salto Veloso, Treze Tílias e Xavantina dos municípios de Caçador, Pinheiro Preto, Tangará e Videira (QUEIROZ, 1967), além do distrito de Luzerna o mais recente distrito emancipado.

Em 1959, o município de Joaçaba abrangia 4.238 Km², sendo na época o terceiro município em extensão territorial do Estado de Santa Catarina. Atualmente o município mantém 243 Km² de território, correspondente a 3,42% de sua área inicial.

Na tabela 22 pode-se verificar as populações total, urbana e rural do município de Joaçaba e seus distritos a partir de 1920. O gráfico 10 apresenta a evolução populacional do município de Joaçaba. Percebe-se que esses dados falsificam a realidade uma vez que Joaçaba deva ser entendida a partir de sua área conurbada, com os municípios formando uma única dinâmica urbana. Por esta razão justificam-se os dados apresentados anteriormente, abrangendo também os municípios de Herval D'Oeste e Luzerna.

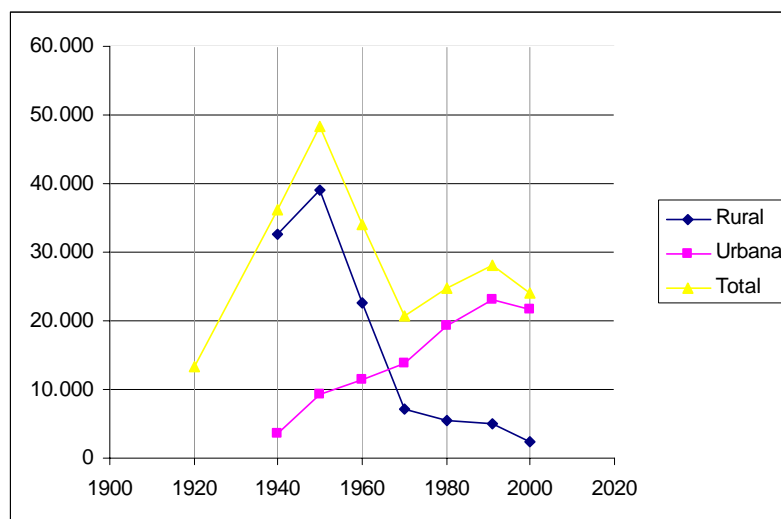
TABELA 22 - Evolução populacional do município de Joaçaba com distritos pertencentes – 1920 a 2000.

Municípios e Distritos	População	1920	1940	1950	1960	1.970	1980	1991	2000
Cruzeiro/Joaçaba	Rural		6.765	10.104	2.069	2.736	1.894	2.457	846
	Urbana		2.087	6.750	7.821	11.863	16.221	19.459	21.362
	Total	1.571	8.852	16.854	9.890	14.599	18.115	21.916	22.208
Abelardo Luz	Rural								
	Urbana								
	Total	2.784							
Água Doce	Rural			3.113					
	Urbana			282					

	Total			3.395					
Bella Vista	Rural								
	Urbana								
	Total	3.036							
Campos	Rural								
	Urbana								
	Total	1.054							
Catanduvas	Rural		5.221	4.392	4.867				
	Urbana		561	296	468				
	Total		5.782	4.688	5.335				
Herciliópolis	Rural		3.039	1.930					
	Urbana		80	58					
	Total		3.119	1.988					
Ibicaré	Rural			5.481	1.322				
	Urbana			473	455				
	Total			5.954	1.766				
Irani	Rural		2.482	3.432	4.999				
	Urbana		75	163	234				
	Total	1.533	2.557	3.595	5.228				
Itapuí	Rural		5.947						
	Urbana		161						
	Total		6.108						
Jaborá	Rural			3.719	3.332				
	Urbana			319	544				
	Total			4.038	3.876				
Limeira/Luzerna	Rural			2.707	2.451	2.481	2.326	1.635	
	Urbana			734	327	1.731	2.896	3.587	
	Total	1.942		3.441	3.639	4.212	5.222	5.222	
Nova Petrópolis	Rural				1.642	1.837	1.260	836	649
	Urbana				327	146	120	165	120
	Total				1.969	1.983	1.380	1.001	769
Ouro	Rural		6.944						
	Urbana		331						
	Total		7.275						
Ponte Serrada	Rural		2.162	4.065					
	Urbana		319	281					
	Total		2.481	4.346					
Santa Helena	Rural								883
	Urbana								206
	Total								1.089
São Bento	Rural								
	Urbana								
	Total	1.415							
Treze Tílias	Rural				1.963				
	Urbana				422				
	Total				2.385				
Total Município de Joaçaba	Rural		32.560	39.088	22.629	7.054	5.480	4.928	2.378
	Urbana		3.614	9.211	11.459	13.740	19.237	23.211	21.688
	Total	13.335	36.174	48.299	34.088	20.794	24.717	28.139	24.066

Fonte: IBGE – Censos Demográficos

GRÁFICO 10 - Evolução populacional do município de Joaçaba.



Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

Com o aumento da urbanização, a população e os trabalhadores vivendo nas cidades e mantendo nelas suas residências, no caso da AMMOC, têm-se a impressão de que os aumentos populacionais da área urbana derivam em parte das perdas nas áreas rurais. Prova disso, é que se por um lado a população total micro-regional manteve um crescimento no período em questão, por outro, a população rural dos municípios diminuiu na maioria deles assim como a população rural total. (Tabela 23 e Gráfico 11).

TABELA 23 - Evolução da população rural nos municípios da micro-região da AMMOC.

Municípios	1970	1980	1991	2000
Água Doce	7.660	5.209	4.455	3.695
Capinzal	4.228	4.868	4.336	4.495
Catanduvas *	3.023	2.574	2.528	2.987
Eral Velho	4.231	2.973	2.546	2.109
Herval D'Oeste	6.075	4.750	3.602	2.904
Ibicaré	3.981	3.051	2.941	2.347
Joaçaba *	4.573	3.154	3.293	2.378
Lacerdópolis	2.295	1.342	1.244	1.190
Luzerna	2.481	2.326	1.635	1.608
Ouro	5.000	3.826	3.889	3.254
Tangará	10.436	7.366	7.750	4.521
Treze Tílias	2.817	1.913	2.239	1.933

Vargem Bonita	4.138	5.436	4.609	2.959
Total	60.938	48.788	45.067	36.380

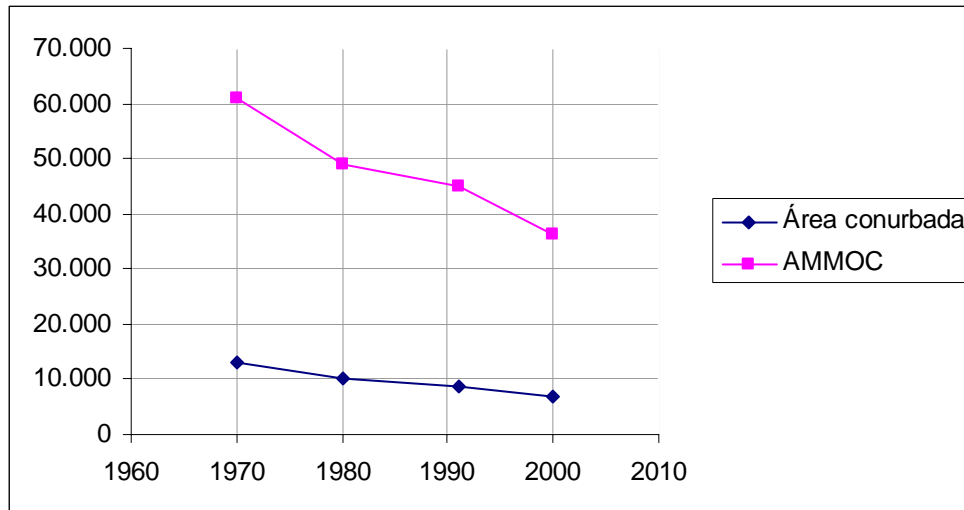
Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

* Descontada a população do distrito de Vargem Bonita nos anos de 1970, 1980 e 1991.

** Descontada a população do distrito de Luzerna nos anos de 1970, 1980 e 1991.

A tabela mostra ainda que o município de Joaçaba, assim como os de Herval D'Oeste e Luzerna, que formam a área conurbada, apresentou esse mesmo ritmo decrescente. Em 1970, os três municípios tinham 21,5% da população rural, diminuindo para pouco mais de 18% do total da AMMOC no ano 2000. Um dos municípios que apresentou aumento da população rural dentro da micro-região foi Capinzal, o que pode ser explicado em parte, pelo incremento da atividade frigorífica no município.

GRÁFICO 11 - Evolução da população rural total na micro-região da AMMOC e área conurbada à Joaçaba.



Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

De maneira geral, todos os municípios apresentaram taxas de crescimento rural negativas, principalmente nas décadas de 1970 e 1990. A tabela 24 mostra as taxas decrescentes da população rural nos municípios.

TABELA 24 - Taxas de crescimento da população rural dos municípios da micro-região da AMMOC.

Municípios	1970-1980	1980-1991	1991-2000
Água Doce	-3,78%	-1,41%	-2,06%
Capinzal	1,42%	-1,05%	0,40%
Catanduvas	-1,60%	-0,16%	1,87%
Erval Velho	-3,47%	-1,40%	-2,07%
Herval D'Oeste	-2,43%	-2,48%	-2,36%
Ibicaré	-2,63%	-0,33%	-2,48%
Joaçaba	-3,65%	0,39%	-3,55%
Lacerdópolis	-5,22%	-0,69%	-0,49%
Luzerna	-0,64%	-3,15%	-0,18%
Ouro	-2,64%	0,15%	-1,96%
Tangará	-3,42%	0,46%	-5,81%
Treze Tílias	-3,80%	1,44%	-1,62%
Vargem Bonita	2,77%	-1,49%	-4,80%
Total	-2,20%	-0,72%	-2,35%

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

4.2. A CIDADE SE EXPANDE: A INDÚSTRIA BUSCA NOVAS LOCALIZAÇÕES E O URBANO SE TRANSFORMA

Os dados populacionais apontaram Joaçaba como sendo essencialmente urbana com mais de 90% da população vivendo nesta área no ano 2000. Como será demonstrado a seguir, além do incremento populacional nas áreas urbanas, diversos fatores contribuíram para a expansão urbana a partir dos anos 70, e tenta-se neste momento, buscar uma relação entre a atividade industrial e o desenvolvimento municipal. Quer se mostrar a cidade a partir da indústria e para isso parte-se do centro urbano atual, gênese da cidade e local de implantação dos primeiros estabelecimentos comerciais e industriais.

Se até o final da década de 1960 as primeiras empresas instaladas nesta área pertenciam aos setores metal-mecânico, produtos alimentares, madeira e mobiliário e editorial e gráfica, percebe-se uma evolução setorial ao longo do tempo, onde o centro passa progressivamente a atrair empresas com características urbanas como a indústria do vestuário nas décadas de 1970 e 1980. Em 1990, além destas, concentram-se nesta área diversas micro-empresas do setor metal-

mecânico, reflexo da terceirização das atividades produtivas no espaço urbano central.

Atualmente, o centro com suas características essenciais, tem a indústria como presença marcante e parte da paisagem. É formado pelos setores citados onde, sai a indústria de base madeireira das décadas anteriores – principalmente das décadas de 1940 e 1950 - com fortes ligações às atividades agropecuárias e permanecem algumas empresas tradicionais metal-mecânicas, as micro-empresas surgidas na década de 1990 deste setor, as de vestuário, de alimentos e editorial e gráfica.

Em seguida, quer se mostrar que fora desta área de maior adensamento, as novas estruturas instaladas a partir de 1970 vão propiciar a expansão urbana e industrial em várias direções, tanto à nordeste, como à noroeste e ao sul do município. A expansão urbana pelos setores industriais fará surgir espaços especializados já a partir dos anos 70 e 80 com a concentração das empresas metal-mecânicas ao longo da Avenida Caetano Natal Branco – SC 303. A diversificação das atividades industriais poderá ser notada em diferentes pontos da cidade como os bairros e as vias de acesso ao município.

Na década de 1990, além destas áreas, a indústria busca novas localizações como os locais destinados exclusivamente ao uso industrial que passam a concentrar um grande número de empresas principalmente as do setor metal-mecânico. A dispersão das empresas pela malha urbana se faz notar com o surgimento de empresas subcontratadas tanto nos bairros como nas principais vias de acesso. Assim como ocorre na área central, o setor metal-mecânico apresenta um grande número de micro-empresas nestas novas áreas, que em geral realizam serviços para empresas maiores, situadas ou não no próprio município de Joaçaba. Diante disso, com a indústria se instalando em novos locais, cada vez mais afastados do centro, são criados novos elementos urbanos como ruas, loteamentos, bairros e equipamentos que acabam por transformar o espaço urbano municipal. (Figura 16).



FIGURA 16 – Vista panorâmica da cidade de Joaçaba – 2005.

Foto do autor, 2005.

4.2.1. O centro urbano atual: lugar da indústria e das atividades do terciário – comércios e serviços.

Segundo Castells, o centro é a partida da cidade, o espaço que permite além de suas características de ocupação, uma coordenação das atividades urbanas. É ao mesmo tempo espaço integrador e simbólico, criando as condições necessárias ao desenvolvimento de todas as atividades realizadas na urbe. Os centros urbanos podem dessa forma, assumir categorias distintas. Uma delas relaciona-se com a idéia de comunidade urbana, onde sociedade e espaço em interação exprimem sua integração “através da centralização dos símbolos e de um sistema de comunicação baseado na participação espacial nos valores assim centralizados”. As características deste centro segundo este autor são: “concentração das atividades destinadas a favorecer a comunicação, acessibilidade com referência ao conjunto da zona urbana da qual assume a centralidade, divisão interior dos espaços centrais”. (CASTELLS, 1983: 272).

Sendo assim, de acordo com Castells, o centro é produto, “exprimindo as forças sociais em ação e a estrutura de sua dinâmica interna”. Para ele, “nenhuma das categorias de centros, que possuem uma forte carga de expressão concreta, existe por si, mas sim enquanto resultado de um processo social de organização do espaço urbano”. (CASTELLS, 1983: 274).

Resultado do processo de expansão urbana ocorrido em virtude do desenvolvimento industrial e comercial inicial, da divisão social do trabalho e da ocupação do solo conforme a procura, o centro urbano do município de Joaçaba passou de gênese da cidade para o espaço de implantação industrial e atualmente concentra além das empresas industriais tradicionais, um centro de trocas de comércio e serviços, assim como as atividades destinadas ao lazer da população. Fundamentalmente pode-se aferir uma noção deste centro enquanto “intermediário entre os processos de produção e de consumo na cidade; ou mais simplesmente entre a atividade econômica e a organização espacial”. (CASTELLS, 1983: 277).

O processo econômico aparece como agente de atração de diferentes atividades com as empresas e os estabelecimentos mais antigos estruturando o espaço de maneira hierarquizada em torno do centro de primeira implantação partindo-se de um núcleo urbano antigo com fraca carga simbólica e pouco constituído social e arquiteturalmente. Este núcleo preexistente que hoje forma o centro da cidade (os centros administrativo e comercial) e que foi ocupado primeiramente por estas empresas, tornou-se um local estratégico de acessibilidade e densidade da cidade.

No município de Joaçaba, ocorre que mesmo havendo um maior desenvolvimento das atividades de comércio e serviços na urbe, a indústria não abandona totalmente o centro urbano como acontece em algumas cidades do país. As empresas mais tradicionais ainda em atividade continuam a fazer parte da paisagem urbana e central. Em contrapartida, algumas empresas que encerram suas atividades no centro foram readquiridas por outras empresas ou empresários tanto para dar continuidade no setor secundário mas também descaracterizando o parque fabril e substituindo-o por atividades do terciário. Como exemplo pode-se citar a empresa de produtos alimentícios Bonato S/A Ind. Com. que foi a primeira empresa instalada no município em 1923. O espaço antes ocupado pela empresa na Avenida XV de Novembro, umas das principais avenidas centrais do município, abriga atualmente um estabelecimento de vendas de materiais de construção (Figura 17) e a parte anexa antes destinada ao moinho abriga diversas lojas comerciais. (Figura 18).



FIGURA 17 – Loja de materiais de construção Bonato no centro de Joaçaba.

Foto: Luis Antônio Regensburger, 2006.



FIGURA 18 – O moinho antes pertencente à empresa Bonato S/A Ind. Com. com a parte inferior ocupada por lojas comerciais.

Foto: Luis Antônio Regensburger, 2006.

Outro caso que pode ilustrar esta questão é o da empresa Romano Massignan S/A Ind. Com. com uma empresa de produtos alimentares e outra madeireira localizadas na Rua Tiradentes, também na área central atual. O parque fabril desta empresa foi adquirido por empresários que nos dias atuais praticam em parte dele a venda de automóveis através de uma concessionária de veículos.

(Figura 19). Nesta situação ainda podem ser vistos alguns prédios da antiga empresa que se mantêm presentes por não terem sido ocupados. (Figura 20).



FIGURA 19 – Concessionária de veículos nas antigas instalações da empresa Romano Massignan S/A Ind. Com.

Foto: Luis Antônio Regensburger, 2006.



FIGURA 20 – Prédios do parque fabril da empresa Romano Massignan S/A Ind. Com. A Concessionária de veículos está localizada no lado esquerdo dos prédios abandonados.

Foto do autor, 2005.

Com tudo isso, pode-se dizer que esses fatos por um lado não ocasionam a degradação da área urbana central, um fenômeno bastante comum em cidades que adquirem um porte grande ou mesmo médio. Por outro, o centro não perde sua importância relativa, mantendo os investimentos públicos e privados que também são direcionados para outras áreas do município.

Como foi tratado anteriormente (capítulo 2), no início do desenvolvimento industrial, na área onde hoje se encontra o centro urbano joaçabense, as atividades ligadas ao setor econômico concentravam-se em pequenas oficinas mecânicas de reparos de máquinas e artesanatos agrícolas que passaram a gerar manufaturas e equipamentos para o comércio em geral. Com o passar do tempo, a função comercial do centro joaçabense, assumiu importância regional, porém não ocasionando a perda do papel propriamente industrial do centro à medida que a cidade se expandia.

A concentração geográfica da função comercial e de serviços, ou do terciário propriamente dito, criou no centro de Joaçaba um comércio regional, uma vez que o terciário do município é o mais procurado da região. Algumas atividades deste terciário joaçabense vinculam-se ao setor produtivo como os serviços de manutenção e reparação de máquinas industriais. Outras se relacionam ao comércio varejista tradicional com estabelecimentos diversos de venda de artigos para os usos doméstico e pessoal e também ao comércio atacadista. A importância destas atividades no município evidencia-se a partir dos dados da RAIS (2001) onde 39,4% dos estabelecimentos municipais pertenciam ao setor comercial e 44,7% ao de serviços; contra 9,6% do setor secundário. Os dados econômicos também revelam esta importância sendo que em 2003 o valor adicionado do terciário de Joaçaba correspondeu a R\$ 88.546.355,00, mais elevado que o valor correspondente à atividade industrial que foi de R\$ 69.180.740,00.

Quanto ao mercado de trabalho, o setor de serviços registrou no ano 2001, 51,4% dos empregos formais no município de Joaçaba, fugindo à regra regional, uma vez que na micro-região da AMMOC este setor aparece atrás do setor industrial que tem cerca de 40% dos empregos formais. O comércio teve 21,65% e a indústria 19,32% dos empregos formais. (DE MARCO, 2003). Dessa forma, evidencia-se a grande incidência setorial nos estabelecimentos e postos de trabalho joaçabenses

predominando os setores de comércio e serviços³⁴, localizados principalmente na área central urbana.

Contando com infra-estrutura já instalada, a área central atual de Joaçaba além de sua localização privilegiada no espaço e da concentração de um maior número de funções urbanas, conta com melhor oferta de transporte coletivo e de vias para transporte individual. Talvez por isso, o centro tenha sido considerado como localização vantajosa para as empresas do estudo de caso que se encontram nele (Specht Produtos Alimentícios Ltda. – 1925, Francisco Lindner S/A Ind. Com.– 1935, Wieser, Piclher & Cia Ltda. – 1953), uma vez que facilita a questão dos deslocamentos tanto para os funcionários quanto para os clientes.

Os estudos de caso mostraram ainda exemplos de como estas empresas que habitam o atual centro da cidade escolheram os locais para sua instalação. O fator mais importante de localização se resume na posse prévia de um terreno, na facilidade de sua aquisição ou na proximidade de um curso d'água, indispensável ao funcionamento de certos tipos de indústrias. Pelo fato de ser proprietária do terreno a empresa Specht Produtos Alimentícios Ltda. pôde na época de sua instalação utilizar o rio que o cortava para gerar energia e construir o moinho de farinha. (Figura 21).

A Francisco Lindner S/A Indústria e Comércio primeiramente alugou um barracão para instalar sua pequena oficina mecânica, comprando em seguida, em tempos diferentes, os terrenos vizinhos. Atualmente a área da empresa vai de uma quadra à outra no centro da cidade, ocupando uma área bastante nobre do espaço na urbe. (Figura 22).

³⁴ Não se pode negar a importância do setor terciário para a formação do centro urbano e demais áreas do município, assim como impulsionador para a própria atividade industrial se forem levadas em conta as instituições educacionais como a Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) em Joaçaba e o Senai em Luzerna.



FIGURA 21 - Vista aérea do entorno da empresa Specht Produtos Alimentícios Ltda. – o centro de Joaçaba. Foto tirada das instalações da empresa.

Foto do autor, 2005.

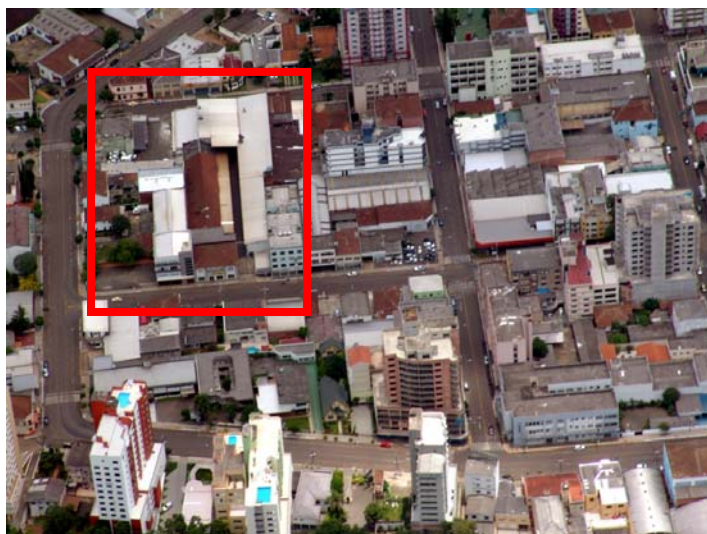


FIGURA 22 - Vista aérea do centro de Joaçaba. Em destaque, empresa Francisco Lindner S/A Indústria e Comércio.

Foto: Roberto Pichler, 2005.

No caso da Wieser, Pichler & Cia. Ltda., segundo o empresário entrevistado, a empresa está localizada no centro por pura conveniência, por trazer vantagens em relação à proximidade com o centro comercial e de serviços. A empresa aluga o local onde está instalada e pelas dificuldades de expansão na área central já mantém outra planta instalada num local mais afastado do centro urbano no município de Joaçaba. (Figura 23).



FIGURA 23 - O entorno da empresa Wieser, Pichler & Cia. Ltda., também no centro da cidade.

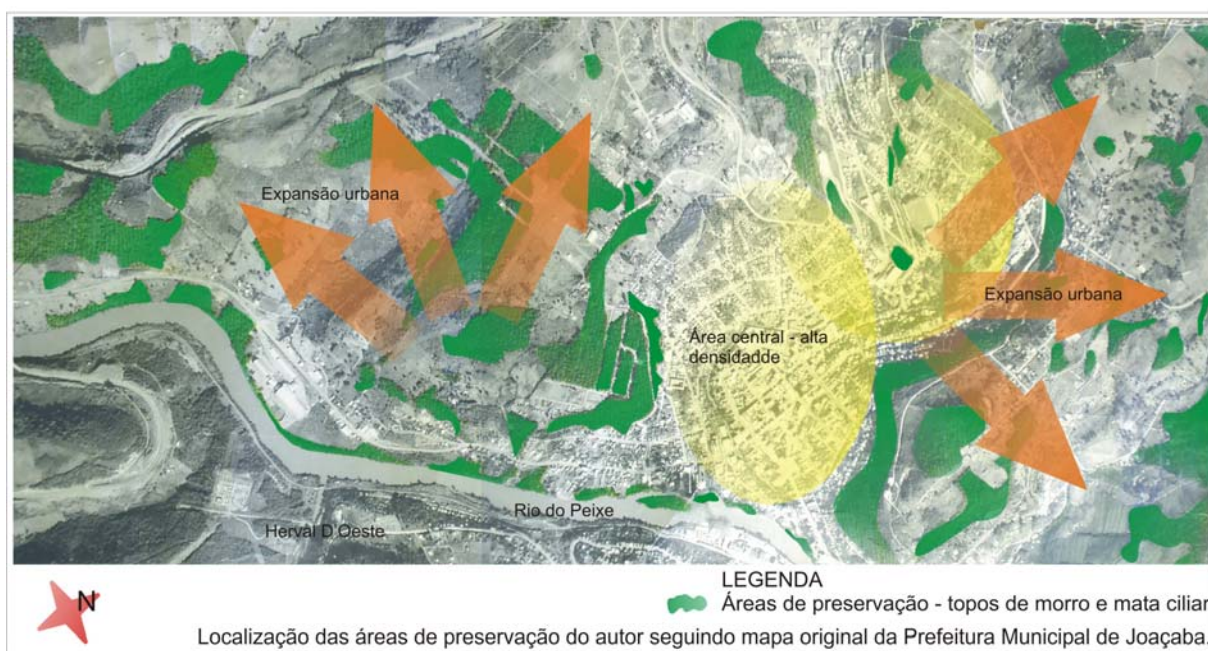
Foto do autor, 2005.

Isto quer dizer que, tendo surgido antes de um maior desenvolvimento citadino, estas empresas mais tradicionais ao se instalarem na área hoje central não foram condicionadas por fatores externos – como a facilidade de aquisição de matérias primas, a proximidade com os mercados produtor e consumidor e a disponibilidade de mão de obra - apenas se inseriram em locais considerados propícios para a época (as décadas de 20, 30 e 50). Com o desenvolvimento urbano esta área passou a ter características centrais, e ao mesmo tempo em que abrigava um maior contingente populacional criava relações entre estas pessoas e as atividades produtivas – a indústria e o terciário. Atualmente a indústria no centro faz parte de uma paisagem que certamente não era verificada quando foram instaladas. No entanto, não há como se separar estes dois atores, pois indústria e espaço compõem um mesmo cenário e mantêm-se vinculados entre si.

Pode-se afirmar, todavia, que a indústria foi, desde a época do surgimento das primeiras empresas na década de 1920, instalando-se onde a topografia permitiu, sendo esta uma condicionante geral da localização das empresas como será demonstrado a seguir.

4.2.2. A transformação da malha urbana sob a industrialização das últimas três décadas do século XX

A instalação das empresas joaçabenses, desde a época de sua fundação, propiciou a transformação da malha urbana e o desenvolvimento das atividades adjacentes – o comércio e os serviços. Em termos gerais, as condições topográficas do município apresentando um relevo em que se destacam as elevações naturais (morros e montanhas) que caracterizam os fundos de vale típicos da região, estão entre os fatores que condicionaram a ocupação urbana e industrial acabando por originar a dispersão industrial em Joaçaba. No mapa 6 tem-se uma pequena amostra desse fato, evidenciando as áreas de preservação na área situada mais ao centro do município, impedindo a ocupação urbana e industrial.



MAPA 6 – Algumas áreas de preservação no município de Joaçaba.

Fonte: Foto aérea 1975 – Prefeitura Municipal de Joaçaba.

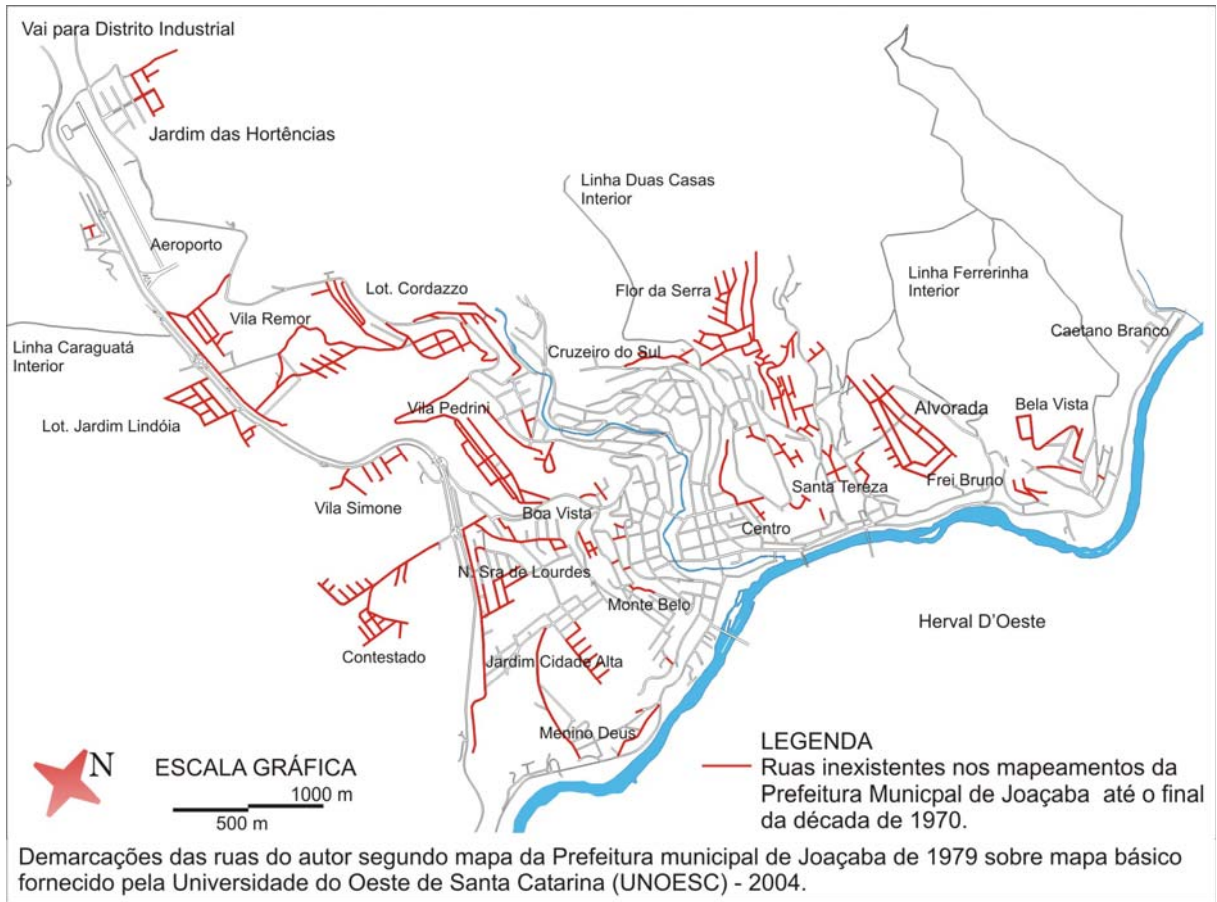
Alterações e adaptações do autor seguindo o modelo original.

A topografia de Joaçaba acabou por condicionar tanto o direcionamento e a expansão urbana como a instalação das empresas. Esse fato foi apontado como negativo por uma empresa analisada no estudo de caso desenvolvido neste trabalho. De acordo com entrevista realizada, as empresas de produção de óleos vegetais – primeiramente a Incobrasa Catarinense S/A, substituída pela Sadia

Concórdia S/A Ind. Com. e em atividade a ADM do Brasil Ltda. - foram instaladas em Joaçaba buscando incentivar a produção de soja para suprir as necessidades da fábrica. No entanto, esta expectativa não se confirmou devido principalmente ao relevo da região de Joaçaba. A ADM do Brasil Ltda. aponta que a localização da fábrica, traz desvantagens especificamente nos resultados produtivos, uma vez que o estado de Santa Catarina não é auto-suficiente na produção de soja sendo necessário buscar a matéria-prima em outros estados (Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso do Sul) e até mesmo do Paraguai.

Sendo a malha urbana transformada constantemente pela indústria com a ampliação do sistema viário, com a criação dos novos loteamentos, bairros e de novas estruturas propiciando a instalação das empresas, o resultado dela é em grande parte característico do processo de desenvolvimento das atividades produtivas. Como foi visto anteriormente, a cidade foi se desenvolvendo ao redor do núcleo urbano inicial, onde foram sendo articuladas posteriormente as ruas de dimensões variadas. Percebe-se uma disposição desordenada das ruas caracterizando uma estrutura descontínua de massas construídas separadas uma das outras, condicionadas certamente pela topografia que permitiu ou limitou a continuidade das vias em direção à periferia.

As alterações do sistema viário podem de um lado ter sido influenciadas pela necessidade das novas empresas de buscarem locais para sua instalação em pontos distantes do centro e de outro, pela necessidade de abrigar a massa trabalhadora destas fábricas. (Mapa 7). Com isso, as empresas instaladas nas décadas de 1970 e 1980 (Tabela 25) buscaram além do centro urbano - que continuou sendo fator de atração para elas, embora em menor grau - áreas mais afastadas dele, caracterizando um duplo processo de industrialização e expansão urbana.



MAPA 7 – Ruas não registradas nos mapeamentos da Prefeitura Municipal de Joaçaba até 1979.

Fonte: Mapa - Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC

Ruas: Prefeitura Municipal de Joaçaba.

A carência de novos locais para a instalação industrial começou a manifestar-se de forma mais intensa, uma vez que o centro urbano já estava praticamente saturado – a indústria não podia mais conviver nos mesmos locais destinados à moradia, ao comércio e aos serviços -, e obrigou as empresas surgidas nesta época a procurar novos locais de fixação: os bairros e a periferia. Assim, a indústria timidamente foi se instalando nas áreas não centrais, mas sempre mantendo uma certa proximidade com ele. Pode-se dizer que a indústria procurou áreas um pouco mais afastadas do centro, promovendo a transformação da malha através da dispersão das atividades industriais em diferentes pontos da cidade.

TABELA 25 - Amostragem das principais empresas industriais instaladas na cidade de Joaçaba nas décadas de 1970 e 1980.

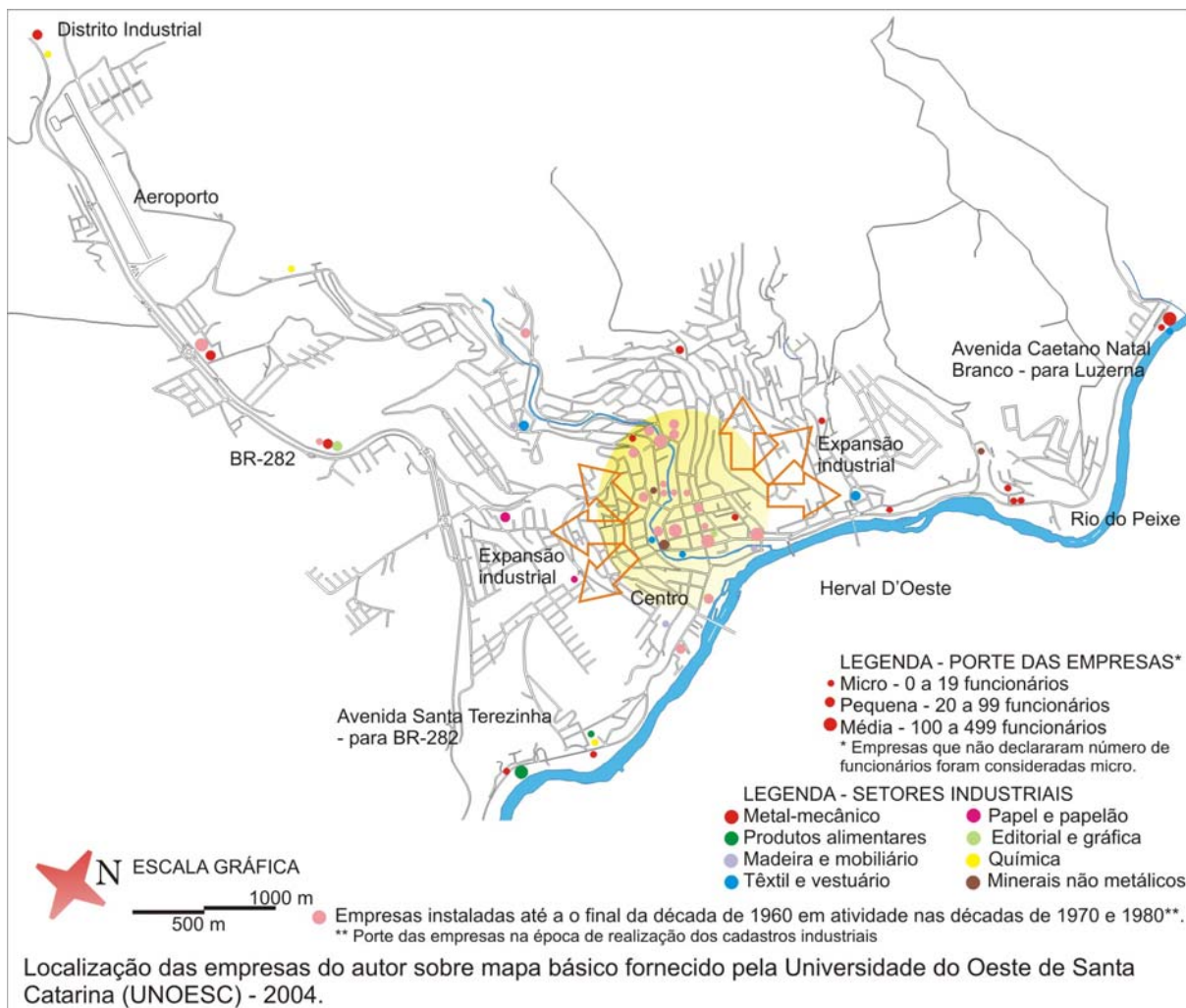
Ano de Fundação década 1970	Nome da empresa	Setor industrial	N. operários
1971	Incobrasa Catarinense S/A	alimentos	112
1972	Incoplastic - Ind e com de plásticos e papéis Ltda	papel/papelão	27
1972	Madeira Rio Irani Ltda.	madeira	555
1972	Meca - Metalúrgica Catarinense Ltda.	metalúrgica	19
1973	Madeira Santa Helena Ltda.	madeira	24
1973	Udilo A. Coppi	mecânica	4
1973	Madefer - Fábrica de Móveis e Esquadrias madeira Ltda.	mobiliário	
1974	Malhasul Indústria e Comércio Ltda.	têxtil	40
1974	Injetora Catarinense de peças S/A Ind. E Exp.	metalúrgica	13
1974	Equipal - Ind. Equipamentos Agrícolas Ltda	mecânica	25
1974	Perozin Joaçaba Ind. De Equip. Agrícolas Ltda.	metalúrgica	38
1975	Indústria Metalúrgica Joaçaba Ltda.	metalúrgica	
1976	Marmoraria Joaçaba Ltda.	minerais	2
1976	Massas Tarantella Ltda.	alimentos	48
1977	Ind. Moveleira e Met. DEMAC Ltda.	mobiliário	
1977	Grafisa Gráfica Trevisan Ltda.	gráfica	12
1977	Irmãos Ferlim Ltda - Indufer	metalúrgica	11
1978	Invest - Ind. E Com. De Vestuário Ltda.	vestuário	12
1978	Editora Grafoset Ltda.	editora	25
1978	Joviva Embalagens Ltda.	papel/papelão	
1978	Resisul Indústria Química	química	
1978	Sírius Artefatos de Ferro Ltda.	mecânica	
1978	Vidrofer Ind. E Com. Ltda.	metalúrgica	26
1979	Sadia Concórdia S/A Ind. E Com.	alimentos	200
1979	Ermetal Engenharia Ltda.	metal-mecânica	24
Década 1980	Nome da empresa	Setor industrial	N. operários
1980	Limger - Indústria e Comércio do Vestuário Ltda	vestuário	26
1982	Bom Corte Ind. E Com. Ltda.	metal-mecânica	1
1985	Vencedora Máquinas Agrícolas Ltda.	mecânica	294
1985	Adri Ind. de Prensas Hidráulicas Ltda.	mecânica	
1985	Marcenaria Olivo e Deitos Ltda.	mobiliário	
1985	Confecções San Remo Ltda.	vestuário	13
1986	Montalumi Prestações de Serviços Ltda.	metalúrgica	
1986	CBO - Artefatos de Limpeza Ltda.	química	
1986	Esquadrias Antovil Ltda.	metalúrgica	
1987	Indústria Química Joaçaba Ltda.	química	
1987	Galioto Esquadrias metálicas Ltda.	metalúrgica	

Fonte: Cadastros FIESC e fontes diversas.

Essa expansão urbana pela indústria iniciada a partir da década de 1970, seguiu uma trajetória em várias direções fora da área central. A cidade cresceu envolvendo a indústria e os bairros vizinhos às fábricas foram formando núcleos, onde se tornou praticamente impossível de se fazer uma distinção entre as zonas industriais e as residenciais. Neste período, as empresas que buscaram locais mais afastados do centro instalaram-se principalmente em três áreas distintas: na BR-282³⁵, na Avenida Caetano Natal Branco (SC 303) e na Avenida Santa Terezinha.

O centro, já ocupado pelas empresas mais tradicionais, algumas delas voltadas ao mercado regional de máquinas agrícolas, atraiu poucas empresas, a maioria delas ligadas às atividades urbanas como a indústria de vestuário e a editorial e gráfica. Na Avenida Caetano Natal Branco, a maioria das empresas pertencia ao setor metal-mecânico, e neste caso pode-se até mesmo falar numa especialização do espaço ao longo desta avenida. Tanto a BR-282 como a Avenida Santa Terezinha e os bairros criados abrigavam empresas de diferentes ramos industriais caracterizando sobremaneira a dispersão das atividades. Esses locais que mais tarde propiciaram a expansão urbana de Joaçaba são na verdade importantes vias de acesso à cidade e a outros municípios da região. A BR – 282 corta o estado de Santa Catarina de leste a oeste. Da Avenida Santa Catarina pode-se chegar à BR – 282; e a Avenida Caetano Natal Branco (SC 303) liga Joaçaba a outros municípios da região como Luzerna, Água Doce, Ibicaré, Treze Tílias, Tangará, entre outros. (Mapa 8).

³⁵ A construção da BR-282 é bastante recente tendo os primeiros levantamentos realizados no ano de 1961. A rodovia que liga o Meio ao Extremo Oeste foi denominada na época como BR-36, a estrada do Trigo, visto que a região se destacava pela cultura tritícola. Esta foi a primeira Estrada Federal a ser construída na região. (JORNAL CRUZEIRO DO SUL, 1994)



MAPA 8 – Localização das principais empresas instaladas na cidade de Joaçaba nas décadas de 1970 e 1980.

Fonte: Mapa - Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC

Endereço das indústrias: cadastros FIESC e fontes diversas

Ainda com relação à expansão urbana do município de Joaçaba, de um lado, percebe-se que ela ocorreu vinculada ao surgimento e desenvolvimento das atividades produtivas dentro do espaço da cidade. O desenvolvimento das empresas pode ter se dado devido a relações tanto internas quanto externas, de abastecimento de matérias primas e mão de obra e também de mercados. Entre as empresas analisadas, este fato mostrou-se através da implantação de filiais em outras áreas do município (Wieser, Pichler & Cia Ltda., Junior Indústria Metalúrgica Ltda.). Por outro lado, houve a instalação de filiais em outros municípios da região (Coperio - Cooperativa Rio do Peixe e Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense).

As entrevistas mostraram as empresas que promoveram a expansão urbana do município instalando-se em áreas não centrais (Coperio - Cooperativa Rio do Peixe – 1969, Coppi Máquinas Ltda. – 1974, Junior Indústria Metalúrgica Ltda. – 1991, ADM do Brasil Ltda. – 1998). Neste ponto, faz-se um parêntese para as empresas que transferiram suas instalações do centro para locais mais afastados dele, como a Coperio - Cooperativa Rio do Peixe (Figura 24) que ocupou as antigas instalações da Madeireira Marcelinense S/A Ind. Com. às margens da BR-282, em 1993 e a Coppi Máquinas Ltda., que na busca por expandir seu parque fabril se instalou próximo ao trevo de acesso à BR-282, em 1991.



FIGURA 24 - Cooperativa Rio do Peixe – Coperio, às margens da BR 282.

Foto do autor, 2005.

Também deve ser lembrado, que assim como a Coperio - Cooperativa Rio do Peixe se transferiu para uma planta industrial já montada, outras empresas procederam da mesma forma. A Maqtron Importação e Exportação Ltda. ocupou parte do parque fabril das empresas que encerraram suas atividades do município - a Caetano Branco S/A Ind. Com. e Vencedora Máquinas Agrícolas Ltda. - e a ADM do Brasil Ltda. foi instalada no mesmo local onde funcionaram anteriormente duas importantes empresas do mesmo ramo, a Incobrasa Catarinense S/A fundada em 1971, substituída pela Sadia Concórdia S/A Ind. Com. em 1979 e que encerrou suas atividades no município em 1998. Isso caracteriza um movimento de renovação da indústria e, quando uma é desativada outra ocupa o seu lugar, havendo substituição e não falência do setor industrial.

A ocupação urbana no entorno imediato das empresas surgiu a princípio pelo desejo dos trabalhadores de residirem próximos ao seu local de trabalho e depois pela necessidade de expansão da própria malha urbana municipal. Scott (1985) evidencia o fato de que as residências dos trabalhadores empregados no processo produtivo tendem a formar anéis ao redor da indústria. Segundo ele, esta disposição espacial, relaciona-se com os custos de tempo e transporte dos trabalhadores e com o salário recebido por eles.

Assim, foram se formando os bairros municipais (tabela 26) que se unindo aos bairros mais antigos deram conformidade à estrutura espacial urbana. As áreas que antes eram consideradas longe do centro da cidade, com características interioranas, passaram a ser habitadas cada vez mais por pessoas e abrigar uma maior infra-estrutura urbana, fazendo “diminuir” uma distância que por muito tempo separou as zonas urbanas do centro e as rurais do interior. Estes locais, a partir do momento em que passaram a abrigar um maior contingente populacional, atraído em muitos casos pela atividade industrial, foram de certa forma se incorporando ao urbano. Para se citar um exemplo, no entorno da empresa Coperio – Cooperativa Rio do Peixe, que fica às margens da BR-282, distante sete quilômetros do centro da cidade se formaram três loteamentos residenciais desde a instalação da empresa.

TABELA 26 – Bairros e Loteamentos aprovados nas décadas de 1970, 1980 e 1990 no município de Joaçaba.

Bairro/Loteamento aprovados em	Nome do Bairro/Loteamento na data de sua aprovação	Nº decreto	Área (m ²)
1972	Bairro Flor da Serra	081	2.535,50
1973	Bairro Caetano Branco		42.107,25
1976	Bairro Monte Belo	135	103.762,85
1977	Bairro Vila Pedrini	141	2.700,00
1978	Bairro N. Sra. Lourdes		
1978	Bairro Jardim Cidade Alta *	211	180.456,62
1979	Jardim das Hortênsias	297	149.264,62
1979	Bairro Boa Vista		
1979	Bairro Clara Adélia		53.144,59
	Lot. Cordazzo (Vila Remor)		
1980	Lot. Jardim Lindóia (Vila Remor)	335	85.721,00
	Bairro Frei Bruno **		
1980	Lot. Anzolin (Vila Pedrini)	337	165.910,00
1981	Lot João Paulo II (Vila Pedrini)	399	
	Bairro Alvorada		
1992	Lot. Alvorada II (Bairro Alvorada)		369.894,00
1996	Bairro Contestado		

Fonte: Prefeitura Municipal de Joaçaba – Arquivo Morto. Pesquisa do autor.

* O Bairro Jardim Cidade Alta tem dois decretos aprovados na prefeitura. Considerou-se o mais antigo. O outro corresponde ao decreto 584 de 1984 e a área do loteamento é de 14.398,87 m².

** O bairro Frei Bruno foi criado após a morte do padroeiro do bairro que leva o seu nome na década de 1980. Não há registros da criação do bairro. Data em pesquisa.

Esta geografia sócio-espacial, definindo as instalações industriais e os locais de moradias dos trabalhadores no espaço urbano, tem reflexos uma vez que são separados na estrutura ocupacional da sociedade capitalista os padrões dos empregados. A segregação³⁶, como causa da individualidade na reprodução da força de trabalho é perceptível na diferenciação dos locais ocupados pelos indivíduos e seus familiares e na formação das áreas urbanas, ou seja, os bairros municipais.

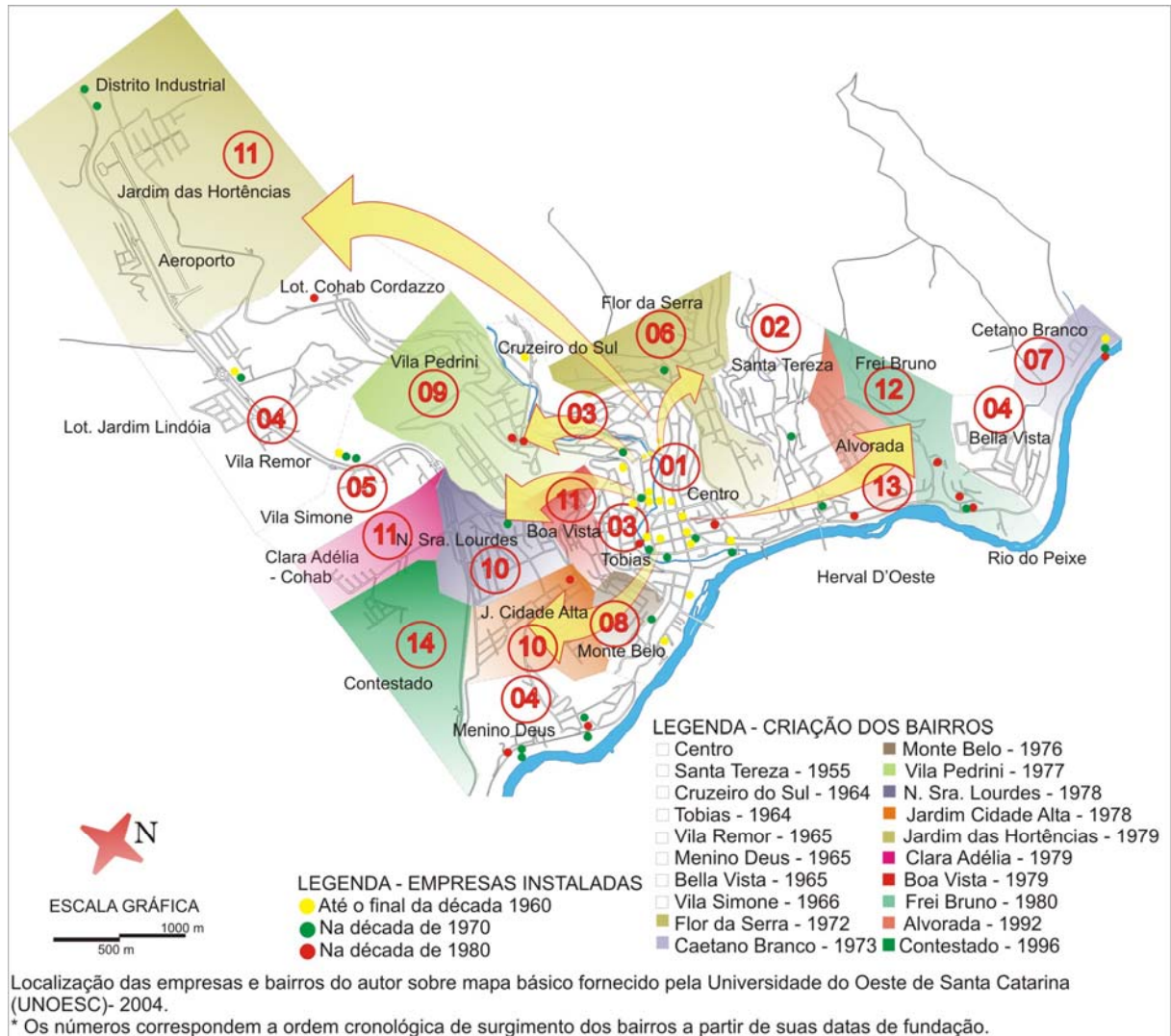
Uma vez que a maioria dos bairros³⁷ municipais foi criada neste período (1970 e 1980) podem-se notar características diferenciadas entre eles. (Mapa 9). Partindo-se para uma análise visando encontrar uma relação indústria-bairro, percebe-se que algumas empresas tendo surgido primeiramente promoveram o surgimento dos bairros em que foram instaladas e o desenvolvimento das áreas e infra-estruturas adjacentes. São os casos dos bairros Caetano Branco (1978), Nossa Senhora de Lourdes (1978), Jardim das Hortênsias (1979) e Jardim Cidade Alta (1984).

As empresas instaladas nestes bairros, na maioria de pequeno porte com 20 até 100 funcionários – exceção para a empresa Vencedora Máquinas Agrícolas Ltda. (antiga Caetano Branco S/A Ind. Com. e atual Maqtron Importação e exportação Ltda.) no bairro Caetano Branco que na época registrou 294 funcionários, - podem ter determinado o desenvolvimento dos locais onde se instalaram através da atração dos trabalhadores pela oferta de empregos. O ciclo de expansão econômica verificado no capítulo anterior evidenciou um aumento tanto do

³⁶ Lembra-se, no entanto, que neste trabalho, se está dando uma ênfase maior aos efeitos estruturais básicos do sistema de produção sobre a vida social e urbana. Portanto, a segregação urbana se limitará a este aspecto.

³⁷ As datas de criação dos bairros devem-se a pesquisas efetuadas pelo autor no arquivo morto da Prefeitura Municipal de Joaçaba onde foram analisados os decretos sancionados nas épocas de criação dos mesmos. A maioria dos bairros teve num primeiro momento aprovado pelo poder público o loteamento com o mesmo nome do bairro atual e, posteriormente passaram à categoria de bairro. São registradas as datas conforme encontrado em documento oficial.

número de funcionários como de estabelecimentos industriais nestas décadas de 1970 e 1980, e assim sendo, pode-se aferir uma expansão urbana para estas áreas em consequência do desenvolvimento da atividade secundária.



MAPA 9 - Os bairros municipais.

Fonte: Mapa UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Data de criação dos bairros: Arquivo Morto da Prefeitura Municipal de Joaçaba.

Em contrapartida, há os casos em que após a criação dos bairros, a indústria pôde se instalar e buscar novas localizações como nos bairros Flor da Serra (1972) e Vila Pedrini (1977). As empresas que se instalaram nestes bairros já formados, da mesma forma que as empresas que antecederam o surgimento dos bairros, são de pequeno porte e podem ter sido atraídas pela infra-estrutura oferecida por eles. Nestes casos não se verificam relações de dependências já que as empresas

criadas nestes bairros (apenas três empresas, uma do setor metal-mecânico, outra de madeira e mobiliário e outra do setor têxtil e vestuário) pertencem a ramos industriais distintos.

Há ainda os casos em que a criação do bairro pelo poder público municipal não ocasionou nenhum interesse por parte dos industriais como os bairros Monte Belo (1976) e Boa Vista (1979) que podem ter sido formados para abrigar a mão de obra industrial devido à proximidade com o centro industrial e de serviços. Para abrigar a população de baixa renda foram criados os loteamentos do tipo Cohab em duas áreas próximas à BR-282, uma no bairro Vila Remor – loteamento Cordazzo³⁸ e a outra no bairro Clara Adélia (1979).

4.2.2. O período recente e a lógica da Localização Industrial: o Distrito Industrial e o Centro Empresarial Caetano Branco

Nos anos 1990 fica mais evidente a questão da dispersão das atividades industriais em diferentes pontos da cidade de Joaçaba. O crescimento da cidade pela indústria deu-se nos novos bairros exteriores ao antigo núcleo e multiplicou-se muito rapidamente em torno dos estabelecimentos industriais ao longo das vias de acesso procuradas para as novas localizações industriais.

As empresas surgidas nesta década (Tabela 27) caracterizaram o início e desenvolvimento de um movimento para além da área central, onde a indústria restringiu suas atividades até o final da década de 1960. Esse movimento de matérias primas, de produtos semi-manufaturados e fabricados provocou a implantação de novos sistemas de transporte, de novos organismos de comercialização, contribuindo enormemente para a transformação do espaço urbano municipal.

TABELA 27 - Amostragem das principais empresas industriais instaladas na cidade de Joaçaba na década de 1990 em atividade³⁹.

³⁸ Não há registros na Prefeitura Municipal da data de criação deste loteamento. Data em pesquisa.

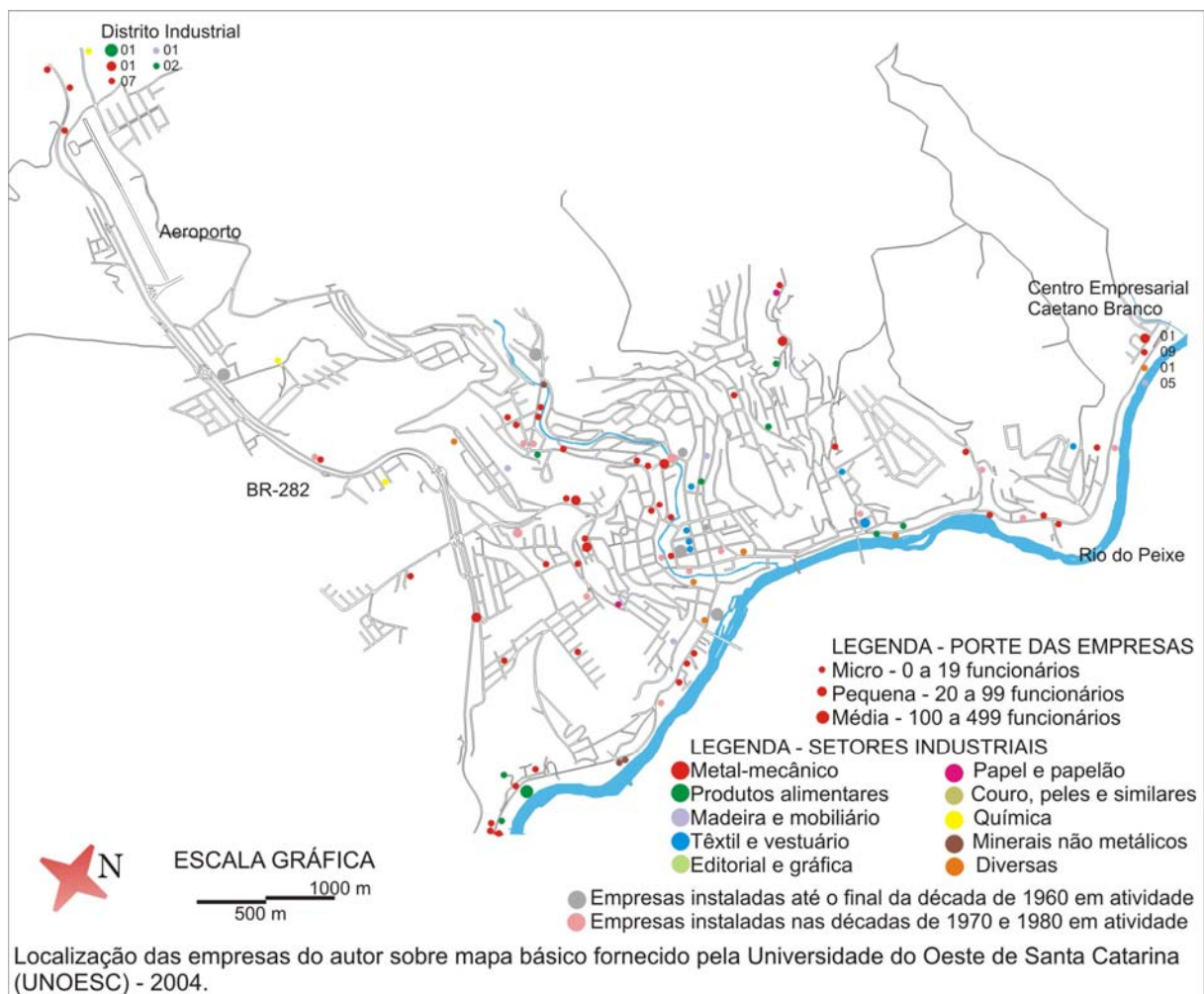
³⁹ De acordo com as listagens nominais da FIESC das décadas de 70 e 80, confrontando com a relação atual das indústrias em atividade no município.

Indústria	Setor industrial	N. operários
ADM do Brasil Ltda.	alimentos	74
Alumiaco Estruturas Metálicas Ltda.	metalúrgica	2
Alvino Marques Cabral	alimentos	1
Baterbran Indústria e Comércio de Baterias Ltda.	metalúrgica	4
Beal Ind. E Com. De Vassouras Ltda.	diversas	2
Borneider - Caçambas e Carrocerias Metálicas Ltda.	metalúrgica	6
Cardinal Metalúrgica Ltda.	metalúrgica	8
Charm Baby Indústria e Comércio Ltda.	diversas	2
Ciarte Artefatos de Cimento	minerais não metálicos	
Cime Arte - Artefatos de Cimento Ltda.	minerais não metálicos	6
Classe Uniformes Profissionais	vestuário	11
Clever Indústria Eletrônica Ltda.	diversas	1
Comércio e Indústria de Confecções B.F Ltda.	vestuário	
Cooperativa Central Oeste Catarinense	alimentos	219
Cooperativa Central Agropecuária Sudoeste	alimentos	16
D'Agostini e Zibetti Comércio de Veículos Ltda.	metalúrgica	
DG Indústria e Comércio de Máquinas e Equipamentos Industriais Ltda.	metalúrgica	
Di Lunas Indústria e Comércio de Confecções Ltda.	vestuário	4
Diper Indústria Metalplástica Ltda.	metalúrgica	5
Distribuidora Brasgelo Ltda.	alimentos	
Dornelio Fernandes da Silva	mobiliário	3
Elevacar Elevadores Mecânicos Ltda.	mecânica	34
Elisabete Orso da Cas	metalúrgica	3
Embalagens Estrela	papel	6
E.L. Ind. E Com. De Confecções Ltda.	vestuário	2
E.S.G. Intraco Ltda.	minerais não metálicos	1
Esquadrias J.M. Ltda.	metalúrgica	2
Fábrica de Carrocerias Fort Ltda.	metalúrgica	3
Fachada - Esquadrias de alumínio Ltda.	metalúrgica	3
Falcon Equipamentos Ltda.	mecânica	14
Femda – Fábrica de esquadrias metálicas Ltda.	metalúrgica	3
Fipeças - Prestação de serviço de industrialização Ltda.	metalúrgica	9
Framar - Prestação de serviço de industrialização Ltda.	metalúrgica	10
Fratini & Cia Ltda.	alimentos	7
Futura Máquinas Agrícolas Ltda.	mecânica	5
Garcia Indústria e Comércio Ltda.	alimentos	2
Glassul Indústria e Comércio Ltda.	metalúrgica	2
Gruber Ind. de esquadrias e com. Vidros	metalúrgica	5
Gunter Schneider	metalúrgica	
H.D Máquinas e Equipamentos Ltda.	mecânica	15
Hidramac - Ind e Com de Equipamentos Hidráulicos Ltda.	mecânica	3
Hildemar Gruneich	metalúrgica	5
Hiper Montagens Industriais Ltda.	mecânica	
HISA Máquinas Ltda.	mecânica	22
Idugel Indústria Ltda.	metalúrgica	5
Imaforj - Ind de máquinas hidráulicas e forjados Ltda.	metalúrgica	2

Indústria de Engrenagens Joaçaba Ltda.	mecânica	
Indústria e Comércio de Madeiras Forte	madeira	8
Indústria e Comércio de Móveis Rhoden Ltda.	mobiliário	4
Indústria e Comércio de Puxadores Criativa Ltda.	metalúrgica	11
Indústria Metalúrgica Ilha Ltda.	metalúrgica	9
Intratski - Metalúrgica e Montagens Ltda.	metalúrgica	2
Ivete Terezinha Dal Bello	madeira	13
Ivi & jr Indústria e Comércio Ltda.	diversas	
J.S. Máquinas Ltda.	metalúrgica	17
Jeferson Simon	madeira	5
JMR - Equipamentos Agropecuários Ltda.	mecânica	3
Joaçaba Aço e Ferro Ltda.	metalúrgica	2
Joaçaba Indústria de produtos alimentícios Ltda.	alimentos	2
Joaçaba Plásticos Ltda.	papel/papelão	1
Junior Indústria Metalúrgica Ltda.	metalúrgica	37
Kleberson Rodrigo Brocardo	diversas	1
Lawren Pranchas Ltda.	diversas	1
Leal Distribuidora Ltda.	mecânica	26
Leal Engenharia Química Ltda.	química	7
Lindamir Heckler Fabro	alimentos	3
Madestil Fábrica de Móveis e Esquadrias Ltda.	vestuário	2
Malhas Keller Indústria e Comércio Ltda.	vestuário	29
Marcenaria Rosanelli Ltda.	mobiliário	3
Massas Bergamo Ltda.	alimentos	2
Maqtron Importação e Exportação Ltda.	mecânica	20
MCA Engenharia Indústria e Comércio Ltda.	metalúrgica	22
Metalúrgica Kari Ltda	metalúrgica	6
Metalúrgica Nogara Ltda.	metalúrgica	2
Metalúrgica Zagonel Ltda.	metalúrgica	6
Moveis Capri Ltda.	mobiliário	4
Odilo Virgilio Schaedler	metalúrgica	1
Oeste esquadrias de Alumínio Ltda.	metalúrgica	3
Osvaldo Mendes	madeira	1
Padaria e Confeitaria Lorenzet Ltda.	alimentos	2
Refrigeração Joaçaba Ltda.	metalúrgica	2
Refrigeração Tieppo Ltda.	metalúrgica	4
Renamaq - Usinagens e Máquinas Ltda.	mecânica	10
RH Prestadora de Serviço Ltda.	mecânica	7
Rotta – Indústria Metalúrgica Ltda.	metalúrgica	3
Só Fibras - Indústria e comércio de Fibras Ltda.	metalúrgica	10
Soldagens Vacaria Ltda.	metalúrgica	16
Soraia Regina Bragagnolo Remor	alimentos	5
Split-Ferr Máquinas e Equipamentos Ltda.	metalúrgica	7
T.P de Mello	alimentos	3
Tudo Novo Móveis e Decorações	mobiliário	2
Vanqueis Máquinas Ltda.	metalúrgica	11
Wieser, Pichler & Cia. Ltda. (filial)	mecânica	
White Martins Gases Industriais Ltda.	química	13
Zelia Aparecida Rodrigues de Lima Albuquerque	mecânica	3
Zorzi & Debarba Ltda.	alimentos	7

Fonte: Prefeitura Municipal de Joaçaba – Setor Tributação (2005).

Na década de 1990, um grande número de empresas instalou-se nos bairros joaçabenses formados nas décadas anteriores (principalmente nas décadas de 1970 e 1980) contribuindo para o desenvolvimento urbano nestas novas áreas. A presença da indústria metal-mecânica se fez notar nos bairros assim como nas rodovias de acesso ao município - Avenida Caetano Natal Branco – SC 303, Avenida Santa Terezinha e BR-282. Este setor foi o que mais se destacou neste período devido ao maior número de empresas instaladas, fato esse que vem acontecendo desde o início do desenvolvimento industrial. (Mapa 10).



MAPA 10 – Localização das principais empresas industriais instaladas na cidade de Joaçaba na década de 1990 até 2005.

Fonte: Mapa – Universidade do Oeste de Santa Catarina

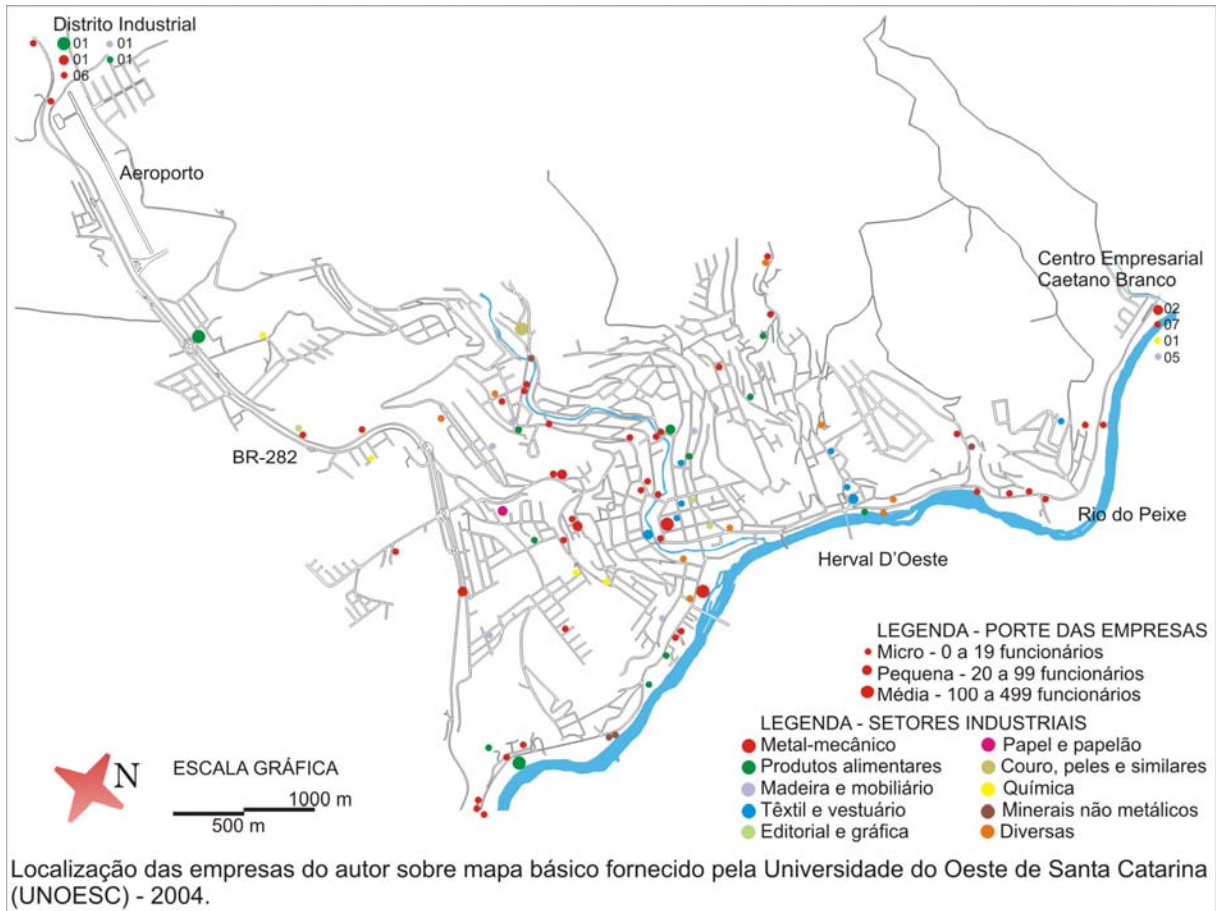
Empresas: Prefeitura Municipal de Joaçaba e fontes diversas.

O centro urbano, como foi tratado anteriormente, continuou sendo fator de atração industrial, porém assim como aconteceu nas décadas de 1970 e 1980, as empresas nele instaladas passaram a ter características mais urbanas como as do setor de vestuário, por exemplo. Nota-se que apenas 8 empresas surgidas nas décadas anteriores ainda localizam-se na área central, quando nos anos 70 e 80 havia 18 empresas. Isso comprova o que foi dito, que mesmo havendo um maior desenvolvimento das atividades do terciário a indústria não abandona totalmente o centro atual, no entanto, muitas delas são transferidas, fechadas ou transformadas para abrigar outras atividades.

Ao contrário dos períodos passados, pode-se notar que a indústria se instalou nas áreas destinadas exclusivamente ao uso industrial. Se até o final da década de 1980 apenas uma empresa estava localizada no Distrito Industrial, nos anos 1990 e seguintes, 12 empresas mantinham seus parques fabris neste local. Da mesma forma, o Centro Empresarial Caetano Branco abrigava 16 empresas surgidas de 1990 até 2005⁴⁰.

A indústria, além de ter a oportunidade de buscar novas localizações a partir da década de 1990 considerando as vantagens locacionais de inserção no espaço urbano acabou por caracterizar a malha urbana de Joaçaba como sendo pontilhada por uma grande variedade de empresas. A dispersão da indústria pode ser resultado da reestruturação produtiva protagonizada pelo setor secundário nos anos 90 quando surge um grande número de empresas terceirizadas, a maioria delas pertencentes ao setor metal-mecânico. Em contrapartida, além da dispersão, que em geral é marcada pelas empresas instaladas nos bairros, podem ser notadas áreas concentrando um grande número de empresas, como o centro e as vias de acesso ao município - a BR-282, a Avenida Caetano Natal Branco (SC 303) e a Avenida Santa Terezinha – além do Distrito Industrial e do Centro Empresarial Caetano Branco. A localização industrial não cria uma especialização do espaço propriamente dita, mesmo com a predominância das empresas metal-mecânicas, sendo característica a diversificação das atividades industriais no espaço municipal. (Mapa 11).

⁴⁰ Tanto o Distrito Industrial como o Centro Empresarial Caetano Branco serão melhor tratados posteriormente.



MAPA 11 – Localização das empresas industriais em atividade no município de Joaçaba - 2005.

Fonte: Mapa - Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC

Empresas: Prefeitura Municipal de Joaçaba.

O desenvolvimento urbano e municipal impulsionado diretamente pela industrialização, criou em Joaçaba um zoneamento espontâneo, misto, que é um zoneamento de comodidade por parte dos industriais. Em muitos casos, é mais vantajoso para a empresa se localizar próxima ao centro, como acontecia antigamente, e para isso são medidas as interferências que a atividade industrial vem a causar na vizinhança existindo de certa forma uma cooperação entre a empresa e os moradores do entorno⁴¹. A localização e o porte das empresas no espaço urbano de Joaçaba expressa que não é necessário separar as funções da cidade em zonas de usos diferenciados como o residencial e o industrial, por exemplo.

⁴¹ De acordo com as entrevistas realizadas as empresas procuram não provocar ruídos principalmente nos horários noturnos, uma vez que muitas delas funcionam neste período.

O zoneamento do município tratado no Plano Diretor⁴² com relação às indústrias existentes na malha urbana, localizadas em áreas hoje consideradas inadequadas para o uso industrial, permite o uso industrial, não fazendo distinção das atividades que são realizadas numa mesma zona. Assim, muitas empresas incrustadas no tecido urbano de Joaçaba estão localizadas em áreas de Zona Mista, Zona Mista e Serviços e Zona de Expansão Urbana. Nestas áreas são permitidos apenas os usos para empresas com pequeno e médio grau de interferência ambiental, mas não é restringido de nenhuma forma o uso industrial, fazendo com que a indústria seja presença marcante no espaço de Joaçaba, como parte da paisagem urbana.

As transformações urbanas e de desenvolvimento territorial determinadas pela organização da atividade produtiva, fazem surgir uma série de elementos urbanos, relacionados com as mudanças no processo de localização das empresas. A teoria clássica de localização de Weber mostra como a indústria tende a se concentrar nos lugares onde há maior oferta de recursos e meios de transporte. Já para Scott, este fato pode ser integrado em uma teoria muito mais geral da economia espacial, estando aberta para os efeitos básicos que emanam das características internas do trabalho produtivo e do capitalismo. (SCOTT, 1985).

Pelo fato de se criar uma nova alternativa de localização para a indústria, implantou-se em 1979 o Distrito Industrial do município de Joaçaba, às margens da BR-282. Distante quinze quilômetros do centro da cidade, a implantação do Distrito Industrial já contribui para a expansão urbana municipal em sua direção, pois recentemente o perímetro urbano do município foi estendido até ele. Nisso, podem ser previstas outras mudanças que a atividade industrial irá causar neste local com a criação de uma densidade no entorno, através da implantação de loteamentos próximos a ele⁴³.

A criação do Distrito Industrial surgiu da necessidade de se criar uma área destinada exclusivamente ao uso industrial uma vez que as áreas urbanas próximas

⁴² Lembra-se que o Plano Diretor do Município de Joaçaba está sendo revisado no ano de 2005, e a equipe responsável pela revisão ainda não se ateu à questão da localização industrial. Segundo entrevista com o arquiteto Sérgio Stares da Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC.

⁴³ Segundo entrevista na Cooperativa Central Oeste Catarinense – Aurora, já estão sendo previstos loteamentos no entorno do Distrito Industrial.

ao centro e aos bairros encontravam-se saturadas e já não comportavam mais tais características. No caso joaçabense, a instalação das empresas no Distrito Industrial não é obrigatória, e nota-se que a maioria das empresas nele instaladas surgiram principalmente na década de 1990 – os mapeamentos mostraram que até o final dos anos 80 apenas uma empresa estava localizada no Distrito Industrial. Mesmo em razão da maioria das empresas do distrito pertencer ao setor metal-mecânico, (com uma empresa média e seis micro empresas); não se pode afirmar que ocorram inter-relações entre estas empresas, através da subcontratação⁴⁴. Isso porque as empresas desenvolvem linhas diferenciadas de produtos como máquinas e equipamentos metal mecânicos, artefatos metálicos, engrenagens e poliéster e fibra de vidro. Em contrapartida, pode-se dizer que esta nova localização industrial acaba por criar no município uma certa socialização do espaço dada pelo poder público.

Ainda sobre o Distrito Industrial de Joaçaba onde se localiza uma empresa do estudo de caso (Aurora – Cooperativa Central Oeste Catarinense), pode-se dizer que ele carece com a falta de investimentos em infra-estrutura. A maioria das ruas ainda é de chão batido⁴⁵ e é precário o acesso ao distrito colocando em risco os motoristas que entram e saem dele diariamente. (Figuras 245 e 26).



FIGURA 25 - Vista parcial do Distrito Industrial de Joaçaba.

Foto do autor, 2005.

⁴⁴ Como não há elementos suficientes que comprovem a ocorrência de relações entre as empresas do Distrito Industrial, não se pode afirmar a existência deles.

⁴⁵ A rua que dá acesso à Cooperativa Central Oeste Catarinense - Aurora é a única asfaltada do Distrito Industrial, em virtude da exigência para o transporte dos produtos desenvolvidos naquela unidade.



FIGURA 26 - Empresa Aurora – Cooperativa Central Oeste Catarinense localizada no Distrito Industrial de Joaçaba.

Foto do autor, 2005.

Ainda na década de 1990, foi criada outra área destinada exclusivamente ao uso industrial de comércio e serviços semelhante ao Distrito Industrial. O Centro Empresarial Caetano Branco localizado nas antigas instalações da empresa Caetano Branco S/A Ind. Com. que encerrou suas atividades no município de Joaçaba, tem seu espaço físico ocupado por diversas empresas. Neste caso, pode-se dizer que a concentração geográfica assume em certos casos a forma de aglomeração através da flexibilização da produção e terceirização praticadas por algumas empresas. Como foi visto anteriormente, a empresa entrevistada e localizada neste centro – Maqtron Importação e Exportação Ltda.-, terceiriza todas as fases do processo produtivo e algumas empresas que realizam estes serviços estão localizadas no mesmo local⁴⁶. Ainda como forma de evidenciar a aglomeração, do total das empresas instaladas neste local, mais da metade pertence ao setor metal-mecânico.

O Centro Empresarial Caetano Branco juntamente com o Distrito Industrial vêm a caracterizar no final do século XX e início do XXI, uma composição espacial de industrialização no município de Joaçaba, com as empresas instalando-se próximas aos eixos rodoviários de acesso aos municípios, distantes do centro e em áreas reservadas exclusivamente para a indústria. Esta espacialização acaba por

⁴⁶ Segundo entrevista realizada na empresa Maqtron Importação e Exportação Ltda.

impactar a ordem da cidade, pois ao mesmo tempo em que a indústria se insere novas estruturas são criadas, como transportes e habitações, por exemplo, socializando sobremaneira o processo produtivo.

A instalação de empresas nestes locais, destinados exclusivamente à atividade industrial, - o Distrito Industrial e o Centro Empresarial Caetano Branco -, foi verificada através dos estudos de caso (Maqtron Importação e Exportação Ltda.- 1995 no Centro Empresarial Caetano Branco e Aurora – Cooperativa Central Oeste Catarinense - 2002 no Distrito Industrial). Alguns pontos podem ser destacados pelas empresas como vantajosos no que se refere a este tipo de localização como os incentivos fiscais com a isenção de impostos (através da lei complementar número 31 de 1997) pelo período de cinco anos, e as possibilidades de ampliação dos parques fabris. No caso do Distrito Industrial as empresas ainda têm como vantagem a localização geográfica, próxima à BR-282, principal eixo rodoviário ligando o Meio Oeste às outras regiões catarinenses. Este fato pode, em alguns casos, diminuir os custos com transporte, - tanto de matérias primas como de produtos destinados ao mercado consumidor -, para as empresas do Distrito Industrial sendo que foi apontado como deficiente para a empresa do Centro Empresarial.

Diferentemente das empresas localizadas no centro urbano que não apontaram fatores condicionantes para sua instalação, as indústrias mais afastadas dele e nas áreas destinadas exclusivamente ao uso industrial buscaram algumas vantagens propiciadas especificamente pelo local onde se inseriram. Neste caso, o fator posição geográfica foi apontado pelas duas cooperativas localizadas na BR-282 (Coperio - Cooperativa Rio do Peixe e Aurora - Cooperativa Central Oeste Catarinense) que ficam próximas ao produtor facilitando a recepção dos animais para a entrega e o abate⁴⁷. A questão da viabilidade da água também foi apontada pela Aurora, uma vez que seu uso é essencial para o desenvolvimento da atividade frigorífica.

Com tudo isso, a inserção industrial que no início do processo acontecia principalmente na área que hoje forma o centro da cidade de Joaçaba, chegou no

⁴⁷ Neste ponto, vale salientar que 55% da produção de suínos da Aurora – Cooperativa Central Oeste Catarinense é originária da Coperio – Cooperativa Rio do Peixe.

final do século XX e início deste com uma preocupação quanto à localização da indústria no município uma vez que o centro urbano já não comporta mais tais características. Pode-se aceitar a indústria como parte do urbano, afinal, ela faz parte da paisagem do município sem que se pretenda fazer uma redistribuição das funções dentro do espaço. A indústria buscando novas localizações tende a deixar o centro como está, com suas empresas de pequeno porte e compatíveis com as atividades urbanas. A presença da indústria na área central não atrapalha a população, pois além das empresas ele é formado por uma variedade de estabelecimentos residenciais, de comércio e serviços.

Os novos locais para a instalação industrial, mesmo tendo surgido recentemente já apontam o direcionamento do crescimento da cidade para as margens das rodovias de acesso, principalmente a BR-282, que poderá ser melhor notado daqui a alguns anos. Não se pode negar que apesar de terem pouca representatividade estadual, nacional ou mundial, em vista ao maior desenvolvimento industrial nas áreas litorâneas, as empresas joaçabenses são antes de tudo, atores de uma história que se confunde com a própria história do município ao longo dos anos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A INDÚSTRIA JOAÇABENSE NAS TRÊS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: CRESCIMENTO, REESTRUTURAÇÃO E PRODUÇÃO ESPACIAL URBANA

O fato de a estrutura industrial joaçabense ser formada a partir dos setores primários como o madeireiro e a produção da erva mate, já resguardava características peculiares da atividade industrial no município. A indústria, que no início do desenvolvimento industrial se concentra nestas atividades, fortemente vinculadas ao campo e associadas à estrutura produtiva regional, evolui rapidamente para os setores produtores de insumos básicos como a indústria metalúrgica de bens de consumo e a indústria de produtos alimentares. Estes setores, ainda vinculados às atividades agrícolas, consolidam mais tarde um diversificado parque fabril.

O secundário joaçabense atual mantém as especializações identificadas definindo os setores de produtos alimentares e metal-mecânico como sendo os mais importantes do município. Juntos, eles respondem por mais da metade dos estabelecimentos industriais abrigando cerca de 80% do número de pessoal ocupado na indústria. Além disso, como característica marcante aponta-se o grande número de micro e pequenas empresas, com algumas pequenas e poucas médias.

Ao longo do período analisado neste trabalho – as três últimas décadas do século XX e também os anos iniciais do século XXI -, a evolução industrial do município de Joaçaba mostra-se através de dados como os da PEA (População Economicamente Ativa) industrial e dos valores da transformação industrial e adicionado. Até os anos 1990, o número de trabalhadores industriais joaçabenses apresenta ritmo crescente, caracterizando um movimento positivo do emprego. A partir desta década o número de postos de trabalho cai fazendo Joaçaba perder sua hegemonia regional da PEA na indústria, uma vez que outros municípios da micro-região da AMMOC passam a concentrar um maior número de trabalhadores neste setor, em virtude principalmente da atividade agroindustrial. De 1970 a 2000

Joaçaba tem seu percentual diminuído de 29,45% do total da PEA no secundário para 15,93%.

Na área conurbada, importante do ponto de vista urbano, uma vez que os municípios de Herval D'Oeste e Luzerna juntamente com Joaçaba formam uma única área homogênea, indo além de seus limites geográficos, o número da PEA na indústria apresenta crescimento até o último período analisado. Como Joaçaba sozinha apresenta declínio do número de trabalhadores em todos os setores econômicos a partir de 1991, e os dados correspondentes à área conurbada mostram o aumento da PEA industrial, registra-se uma mudança de localização acentuada dos trabalhadores industriais, ou seja, um deslocamento intermunicipal pendular uma vez que as empresas joaçabenses abrigam trabalhadores destes três municípios. Em 2003 os dados mostram que passado o período mais conturbado da economia – a década de 1990 -, a PEA industrial joaçabense se recompõe de alguma forma.

Na evolução geral dos valores da transformação industrial e adicionado da indústria joaçabense evidencia-se a ocorrência de uma oscilação dos dados econômicos. De 1970 a 1980, há um período de crescimento ascendente do valor da transformação industrial até a metade da década e outro de queda de 1975 a 1980. De 1980 a 1990 há um período de crescimento e na década de 1990, são novamente registradas uma fase de expansão até 1995 e outra de depressão nos cinco anos seguintes, consequência dos efeitos da abertura econômica dos anos 1990 sobre a indústria joaçabense. De 2000 a 2003 a indústria volta a apresentar crescimento caracterizando os primeiros anos desta nova década como de retomada ao desenvolvimento industrial.

Com isso, na década de 1990 a economia joaçabense sofre os efeitos da abertura do mercado, da valorização da moeda nacional e das transformações nos processos de produção gerando mudanças estratégicas nas empresas através da reestruturação industrial. Esta reestruturação, que neste trabalho é analisada através dos estudos de caso com a realização de entrevistas em empresas dos setores metal-mecânico e de produtos alimentares, traz elementos para uma maior compreensão das transformações ocorridas neste período, tanto em termos de

vínculos estabelecidos entre as empresas, com seus funcionários e também com o meio onde elas estão inseridas.

Mesmo tendo comportamentos muito particulares durante a década de 1990, as empresas analisadas acompanham a tendência da indústria nacional iniciando neste período um amplo processo de racionalização dos custos, em especial a partir do governo Collor, marcado pela queda do crescimento econômico e pela alta inflação dos preços. O reflexo da abertura comercial é sentido através da queda nas vendas e leva muitas empresas a diminuírem sua produção.

As readaptações visando suavizar os efeitos das crises econômicas e os reflexos sociais nas empresas joaçabenses causam as demissões de funcionários, a diminuição da capacidade produtiva e o fechamento de unidades industriais (filiais) em outros municípios. Ao invés da descentralização administrativa, os empresários dominam e direcionam os destinos da empresa através de uma organização estabelecida por eles e cumprida pelos seus funcionários, caracterizando sobremaneira a “estrutura administrativa gerencial patriarcal” da maioria da empresas estudadas.

Sendo a reorganização administrativa uma das fases da reestruturação produtiva, nas empresas joaçabenses ela mostra-se bastante peculiar em virtude principalmente da predominância das empresas familiares. Enquanto muitas empresas no Brasil e no mundo passam por reestruturações gerenciais, a maioria das empresas de Joaçaba se orienta pelo padrão familiar optando por chefes de seção do chão de fábrica, ao invés dos cargos de gerência. Os novos métodos de organização gerenciais buscam priorizar a participação de cada empregado no processo produtivo atribuindo a eles várias funções como a resolução de problemas surgidos durante a produção, o controle de qualidade dos produtos e até mesmo a sugestão de melhorias e mudanças significativas na etapa produtiva. O treinamento da mão de obra passa a ser fundamental na produção, exigindo a integração entre os técnicos e os funcionários de chão de fábrica, e levando a todos a participarem mais ativamente dos processos decisórios e das atividades exercidas. Também a especialização dos trabalhadores ganha força entre as empresas que fornecem treinamentos constantes aos seus funcionários.

A terceirização das atividades é apontada como uma das estratégias de recuperação das empresas visando suavizar os impactos econômicos. Registra-se, entre as empresas analisadas um perfil bastante diferenciado, com as empresas do setor de produtos alimentares mantendo uma lógica bastante particular, optando por não terceirizar nenhuma parte do processo produtivo. Nas empresas metal-mecânicas, a maioria utiliza este processo desde sua fundação e o intensifica na década de 1990, sendo que uma delas terceiriza toda sua produção, caracterizando sobremaneira este processo.

A aquisição de novas e modernas tecnologias é baseada na renovação e substituição do maquinário, assim como na adequação e ajustamento das máquinas antigas. São adquiridos equipamentos mais modernos, substituindo os convencionais, em vista a aumentar a qualidade dos produtos e a produção propriamente dita na maioria das empresas. As empresas tradicionais utilizam ainda maquinário antigo, mas em perfeito estado de funcionamento e atendendo bem a demanda da produção. Estas máquinas, na maioria dos casos, são ajustadas, reformadas e adequadas tecnologicamente. Com isso, é comum que máquinas antigas e novas, simples, manuais e computadorizadas dividam o mesmo espaço dentro do parque fabril das empresas joaçabenses. Em todas as empresas o maquinário é praticamente nacional, com poucas máquinas importadas. Na indústria metal-mecânica a aquisição de novas máquinas, na maioria dos casos, não acontece através de projetos e consultorias externas, sendo ela sugerida simplesmente pela experiência dos empresários.

A compra de máquinas e a substituição das antigas por novas, em alguns casos, causam reflexos no próprio espaço das fábricas. Em muitas empresas, principalmente entre as metal-mecânicas, diversos arranjos são realizados para readequar o setor de produção, modificando assim o layout das empresas e os espaços no entorno. Isso também acontece quando uma empresa amplia sua capacidade produtiva, suas instalações, ou quando coloca um produto novo no mercado.

A produção do espaço urbano calcada na relação que a indústria estabelece com a cidade, mostra-se através da localização das empresas no espaço urbano do município de Joaçaba. A indústria joaçabense, desde a época do surgimento das

primeiras empresas, propicia a transformação da malha urbana e o desenvolvimento das atividades adjacentes – o comércio e os serviços. Em termos gerais, as condições topográficas do município apresentando um relevo caracterizado pelos fundos de vale, típicos da região, estão entre os fatores que condicionam tanto o direcionamento e a expansão urbana como a instalação das empresas industriais.

As décadas de 1970 e 1980 marcam o início de uma dispersão industrial fora do centro urbano atual, local em que a indústria restringe suas atividades até o final da década de 1960. Tendo surgido antes de um maior desenvolvimento citadino, as empresas mais tradicionais instaladas até este período na área hoje central, não são condicionadas por fatores externos, como a facilidade de aquisição de matérias primas, a proximidade com os mercados produtor e consumidor e a disponibilidade de mão de obra. Porém, nas décadas seguintes, as empresas começam aos poucos a buscar novas localizações fora do centro urbano joaçabense, uma vez que o centro passa a abrigar uma infinidade de atividades do terciário. As empresas industriais nele instaladas passam a ter características mais urbanas como as dos setores de vestuário e a editorial e gráfica. Assim, a indústria timidamente se instala nas áreas não centrais, promovendo a transformação da malha urbana através da dispersão das atividades industriais em diferentes pontos da cidade.

No entanto, o centro urbano atual, mesmo contando um maior desenvolvimento das atividades de comércio e serviços, não é abandonado totalmente pela indústria. As empresas mais tradicionais ainda em atividade continuam a fazer parte da paisagem urbana e central. Em contrapartida, algumas empresas que encerram suas atividades no centro são readquiridas por outras empresas ou empresários tanto para dar continuidade no setor secundário, mas também descaracterizando o parque fabril e substituindo-o por atividades do terciário.

A cidade cresce envolvendo as indústrias e os bairros vizinhos às fábricas formam núcleos, onde é praticamente impossível de se fazer uma distinção entre as zonas industriais e as residenciais. Neste período, as empresas que buscam locais mais afastados do centro instalam-se principalmente em três áreas distintas: na BR-282, na Avenida Caetano Natal Branco (SC 303) e na Avenida Santa Terezinha, que são os principais pontos de acesso rodoviário do município. Com a expansão urbana

pela indústria surgem os loteamentos e são formados novos bairros municipais, que juntamente com os mais antigos dão conformidade à estrutura espacial urbana. Também no final da década de 1970 é implantado o Distrito Industrial de Joaçaba para, por um lado permitir novas localizações industriais, e por outro, mostrar a direção futura do crescimento urbano municipal ao longo da BR-282.

Nos anos 1990, o crescimento da cidade pela indústria dá-se nos novos bairros exteriores criados nas duas décadas anteriores e multiplica-se muito rapidamente em torno dos estabelecimentos industriais ao longo das vias de acesso procuradas para as novas localizações industriais. As empresas surgidas nesta década, assim como as surgidas nas duas décadas passadas, caracterizam o início do desenvolvimento de um movimento de matérias primas, de produtos semi-manufaturados e fabricados provocando a implantação de novos sistemas de transporte, de novos organismos de comercialização, e contribuindo enormemente para a transformação do espaço urbano municipal.

O período recente cria uma nova lógica de localização industrial onde as empresas consideram as vantagens locacionais de inserção no espaço urbano. Este fato causa a dispersão da indústria na malha urbana do município, também como resultado da reestruturação produtiva protagonizada pelo setor secundário nos anos 1990 quando surge um grande número de empresas terceirizadas. Além da dispersão, que em geral é marcada pelas empresas instaladas nos bairros, podem ser notadas áreas concentrando um grande número de empresas como as vias de acesso ao município, já procuradas para a instalação industrial nas décadas de 1970 e 1980, além do Distrito Industrial e do Centro Empresarial Caetano Branco.

Mesmo tendo sido criado no final dos anos 70, somente na última década do século XX é que as empresas procuram se instalar no Distrito Industrial, sendo que até o final da década de 1980 apenas uma empresa estava localizada nele. Este local, destinado exclusivamente ao uso industrial, embora não constituindo especializações e inter-relações entre as empresas instaladas, é procurado para a inserção industrial devido a vantagens como a redução de impostos, de custos de transportes e facilidades de expansão do parque fabril. Em contrapartida, o Centro Empresarial Caetano Branco, criado da mesma forma como uma nova alternativa de localização industrial, concentra um grande número de empresas metal-mecânicas e

assume, em certos casos, a forma de aglomeração através da flexibilização da produção e terceirização praticadas por algumas empresas.

O Centro Empresarial Caetano Branco juntamente com o Distrito Industrial caracterizam no final do século XX e início do XXI, a espacialização da indústria no município de Joaçaba, instalando-se ela próxima aos eixos rodoviários de acesso ao município, distantes do centro e em áreas reservadas exclusivamente para o uso industrial. Esta espacialização acaba por impactar a ordem da cidade, pois ao mesmo tempo em que a indústria se insere, novas estruturas são criadas, como transportes e habitações, por exemplo, socializando sobremaneira o processo produtivo.

Atualmente, se aceita a indústria como parte do urbano, afinal, ela faz parte da paisagem do município sem que se pretenda fazer uma redistribuição das funções dentro do espaço. A localização das empresas no espaço urbano de Joaçaba expressa que não é necessário separar as funções da cidade devido à característica do tipo de indústria presente no espaço urbano municipal, sendo possível o convívio de funções diferenciadas.

6. REFERÊNCIAS

BODDY, Martin. **Reestruturação Industrial, pós-fordismo e novos espaços industriais**. In.: VALLADARES, Licia do Prado; PRETECEILLE, Edmond. **Reestruturação urbana: tendências e desafios**. Rio de Janeiro: IUPERJ: Nobel, 1990.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista. A degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

CAMPOS, Renato Ramos; STALLIVIERI, Fabio & ALT, Maria Marivani. **Especialização, localização e caracterização estrutural de aglomerações industriais: um estudo exploratório para a indústria catarinense**. In.: Anais do VII encontro de Economia da região sul – ANPEC SUL, 7. Maringá: UEM, UFPR, UFSC, UFRGS, PUCRS, 2004, P. 341-363

CASSIOLATO, José E., & SZAPIRO, Mariana. **Agglomerações e Sistemas Produtivos e Inovativos: em busca de uma caracterização voltada ao caso brasileiro**.

CASTELLS, Manoel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CASTRO, Antônio Barros de. **A reestruturação industrial brasileira nos anos 90 – uma interpretação**. In.: Revista de Economia Política, vol. 21, n.º 3 (83), Julho-Setembro/2001.

CHIOCCHETTA, Eliana Bezerra de Souza. **Reestruturação produtiva no subsector de bens de capital mecânicos de Joaçaba – Santa Catarina**. Florianópolis, 2001. Dissertação de Mestrado

DALL'IGNA, Gisele & HEINSFELD, Adelar. **A industrialização de Joaçaba: do Cinquentenário ao advento do mercosul**. Joaçaba. UNOESC, 2001. Relatório – Projeto de iniciação científica.

DE MARCO, Ben Hur & BECKER, Tânia. **Perfil do emprego formal no Meio-Oeste catarinense**: UNOESC, 2003.

FIESC – Federação das indústrias do Estado de Santa Catarina – **Cadastro Industrial de Santa Catarina 1988/1989**. Florianópolis: FIESC, 1979.

_____. – **Cadastro Industrial de Santa Catarina 1978/1979**. Florianópolis: FIESC, 1989.

HARVEY, David. **A condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro, 1959.

_____. **Recenseamento do Brasil - População**. Rio de Janeiro, 1926.

_____. **Recenseamento Geral do Brasil – Santa Catarina**. Rio de Janeiro, 1951.

_____. **Censo Demográfico 1950 – Santa Catarina**. Rio de Janeiro, 1956.

_____. **Estado de Santa Catarina – Censos Econômicos**. Rio de Janeiro, 1956.

_____. **VII Recenseamento Geral do Brasil - Censo Agrícola 1960**. Rio de Janeiro, vol. II.

_____. **VII Recenseamento Geral do Brasil - Censo Industrial 1960**. Rio de Janeiro, vol. III.

_____. **Censo Demográfico 1970 – Santa Catarina**. Rio de Janeiro, 1973.

_____. **Censo Industrial 1970 - Santa Catarina**. Rio de Janeiro, 1974.

_____. **Geografia do Brasil – Região Sul**. Rio de Janeiro, SERGRAF – IBGE, 1977.

_____. **Censo Demográfico 1980 – Santa Catarina**. Rio de Janeiro, 1982.

_____. **Censo Industrial 1980 - Santa Catarina**. Rio de Janeiro, 1984.

_____. **Censos Econômicos de 1985.** Rio de Janeiro, 1991.

_____. **Censo Demográfico 1991 – Santa Catarina.** Rio de Janeiro, 1991.
IETESP – UNOESC JOAÇABA: Instituto de Estudos Tecnológicos, Econômicos,
Sociais e Políticos.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **O capital: crítica da economia política.** Livro I. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

LEFEBVRE, Henri: **O Direito à Cidade.** São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço.** São Paulo: Nobel, 1988.

LOJKINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1981.

PERROUX, François. **O conceito de pólo de crescimento.** In.: IBGE – Urbanização e regionalização. Rio de Janeiro, 1975.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. **A estrutura espacial da microrregião colonial do Rio do Peixe.** Rio de Janeiro, 1984. Dissertação de mestrado.

PRFEITURA MUNICIPAL DE JOAÇABA – Secretaria de Planejamento e Coordenação. **Plano Diretor de Joaçaba.** Joaçaba, 1991.

QUEIROZ, Alexandre Muniz de. **Álbum Comemorativo do Cinquentenário do Município de Joaçaba.** Joaçaba, 1967.

RAIS – Relatório Anual de Informações Sócio Econômicas. Ministério do Trabalho. CD room: 1985, 1990, 1995, 2000, 2003.

SANTOS, Milton (org). **Novos Rumos da Geografia Brasileira.** São Paulo: Ed. HUCITEC, 1982.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1986.

_____. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SCOTT, Allen.J. **Processos de localización, urbanización y desarrollo territorial: um ensayo exploratorio**. Estudios Territoriales, 1985.

TAVARES, Maria da Conceição. **Destruição não criadora: memórias de um mandato popular contra a recessão, o desemprego e a globalização subordinada**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. **Manual de normas específicas para elaboração e apresentação de seminário de qualificação e conclusão de dissertação e mestrado e tese de doutorado**. PPGGeo/UFSC. Florianópolis, 2005.

6.1. Sites consultados:

IBGE - www.ibge.com.br

FIESC - www.fiesc.com.br

SEFAZ – www.sef.sc.gov.br

6.2. Jornais consultados:

Jornal Cruzeiro do Sul. **Edição comemorativa dos 77 anos do município de Joaçaba**. Joaçaba - agosto, 1994.

7. ANEXOS

7.1. ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO NAS ENTREVISTAS

Nome da Empresa:

Razão Social:

Endereço:

Data de instalação em Joaçaba:

Veio transferida de outro lugar: () Sim () Não

Em caso positivo, citar local e data de instalação inicial:

O Empresário

a. Onde nasceu?

b. Onde reside?

c. Escolaridade:

d. Atividade anterior a esta?

e. Atua em alguma outra atividade paralela a desta empresa?

f. Qual a função ou funções que desenvolve dentro da empresa?

g. Por que se tornou empresário no setor?

h. Histórico da empresa:

i. Como o empresário vê a atual situação do país em relação à empresa (problemas, aspectos positivos e negativos, etc.)?

j. A empresa já passou por alguma crise? Quando? Como foi?

k. O que fez para se recuperar?

Estrutura Organizacional da Empresa

a. Qual a estrutura jurídica da empresa (micro, pequena, média, grande, S.A., Ltda., etc.)?

b. Onde se localiza a sede da empresa? Possui outras unidades?

c. Qual a procedência do(s) capital(ais) da empresa (local, nacional, estrangeiro, associações entre os tipos citados, etc.), especificando o local de origem e formas de associação, caso não seja local:

d. Qual a hierarquia dentro da empresa?

- e. A administração é familiar?
- f. A empresa é associada a algum sindicato? Qual? Por quê?
- g. A empresa sofreu processos de organização gerencial? Quando? Há cargos de gerência? Por quem são ocupados? (familiares ou profissionais especializados).

Espaço Físico e entorno

- a. Localização da Empresa:
- b. Quais as vantagens e desvantagens da localização da empresa?
- c. Qual é a área total do terreno ocupada pela empresa?
- d. Qual é a área construída e qual a porcentagem de área ocupada para os setores de produção e administração?
- e. A empresa aumentou, ou diminuiu suas instalações nos últimos anos? De alguma forma ela se fragmentou? Em suas instalações atuais, existem galpões que não estão sendo utilizados?
- f. A empresa se expandiu para outras áreas do município ou mesmo fora dele? Quando isso ocorreu?
- g. Qual a relação da empresa com seu entorno imediato? Há problemas com relação à vizinhança?
- h. Qual a relação com o meio ambiente?

Produção

- a. Quais são os artigos fabricados pela empresa?
- b. Os produtos são os mesmos desde a instalação da fábrica? Por quê?
- c. Como escolheu o que fabricar?
- d. Qual o tamanho da produção semanal/mensal/anual?
- e. Em que mês do ano se produz mais? Por quê?
- f. A produção é realizada em série ou por encomenda? Há estoque da produção?
- g. A empresa terceiriza alguma etapa da sua produção? Qual ou quais?
- h. Isto ocorre com que frequência? E quando iniciou?
- i. Qual o motivo de utilizar a terceirização?
- j. Quais são as firmas subcontratadas e onde se localizam?
- k. Existe um contrato formal entre a empresa e a(s) subcontratada(s)?
- l. A subcontratada recebe todo o material, parte dele ou fornece o mesmo?
- m. Existe um controle de qualidade da empresa (interno)? Como é efetuado?

n. A empresa possui algum programa de Qualidade?

Mercado

- a. Como é feita a distribuição/comercialização dos produtos (loja(s) própria(s), representante(s), franquia (s), etc.)? Qual o número?
- b. A empresa exporta? Que porcentagem da produção?
- c. Quem é o público da alvo da empresa?
- d. A empresa realiza pesquisa de mercado?
- e. Como funciona o marketing da empresa? É feito por alguma firma especializada?
- f. Quais os meios de comunicação (TV, radio, jornal, outdoor, busdoor, etc.)? Com que frequência ocorrem?
- g. Quem são os maiores consumidores?

Matérias-primas

- a. Quais são as principais matérias-primas utilizadas pela empresa
- b. Como a empresa recebe a matéria-prima? Qual a procedência?
- c. Com que frequência ela é comprada? Existe estoque dentro da empresa?
- d. O município de Joaçaba fornece alguma matéria-prima? Que porcentagem?

Tecnologia

- a. Quais são as máquinas e equipamentos utilizados em cada etapa da produção (são computadorizadas, automáticas ou manuais)? Citar a quantidade de cada, a procedência e a idade do maquinário (de 0 a 5 anos, de 6 a 10 anos, de 11 a 15 anos, etc.).
- b. Quando foi a última vez que as máquinas foram trocadas? Quais foram elas? E se foram substituídas por outras mais modernas?
- c. Por que isso ocorreu?
- d. Foi feito algum projeto, consultoria, etc., para fazer a substituição dos equipamentos?
- e. Houve problemas de adaptação com os funcionários? Comente.
- f. Foi realizado algum curso de treinamento para os funcionários?
- g. Houve mudança no Layout da empresa? Como?
- h. Que outras mudanças as novas tecnologias ocasionaram na empresa como um todo? Ou foram as mudanças na empresa que exigiram novas tecnologias?

Trabalho

- a. Qual o número de funcionários totais da empresa? Quantos homens e quantas mulheres?
- b. Este número é fixo?
- c. Quando aumenta ou diminui?
- d. Pessoas da família trabalham na empresa? Em quais funções?
- e. Quantos funcionários trabalham em cada setor e que funções desenvolvem?
- f. A mão de obra na produção é especializada? Qual a especialização requerida para cada função? Qual a escolaridade mínima para cada funcionário?
- g. Onde moram os funcionários?
- h. Qual o meio de transporte que os funcionários utilizam para chegarem e saírem da empresa?
- i. Qual o horário de trabalho na empresa?
- j. A empresa possui refeitório, vestiário, sede social?
- k. É realizado algum programa de aperfeiçoamento com os funcionários?
- l. Existe algum incentivo por parte da empresa para os funcionários realizarem cursos fora da empresa, ou estudarem?
- m. Como é a rotatividade dos funcionários da empresa?
- n. Quais os setores que mais trocam de funcionários? Por quê?
- o. Os funcionários estão por dentro dos assuntos da empresa (vendas, problemas, etc.)?
- p. Os funcionários costumam opinar na solução de problemas na empresa, ou esta vem sempre da administração?
- q. É oferecido algum tipo de benefício para os funcionários (creche, vale transporte, vale alimentação, assistência médica e/ou odontológica, etc.)?
- r. Os funcionários recebem algum incentivo (produção)? De que tipo? O que isto significou para a empresa?

7.2. ANEXO 2 – RELAÇÃO DAS EMPRESAS COM BAIXA DE ATIVIDADES NO MUNICÍPIO DE JOAÇABA – 1990-2003.

Setores da Indústria	Empresa	Ano de baixa ⁴⁸	
Produtos Alimentares	ADM Exportadora e Importadora S/A	2002	
	Aida Pagliarin - ME	2001	
	A. M. Mattos & Cia Ltda. - ME	2001	
	Bonato S/A – Comércio e Indústria	1998	
	Chocolate Caseiro Joaçaba Ltda.	1998	
	Gabriel Produtos Alimentícios Ltda.	1997	
	Mariane E. H. dos Reis - ME	2003	
	Massas Alimentícias da Mamma Ltda.	2002	
	Massas Angela Ltda - ME	2002	
	Moinho Nossa Senhora das Graças	1994	
	Produtos Alimentícios Zago Ltda	2002	
	Sadia Concórdia S/A – Ind. e Comércio	1998	
	Mecânica	Adri - Indústria de Prensas Hidráulicas Ltda	2003
Branco Equipamentos Ltda.		2000	
Caetano Branco S/A – Ind. e Com.		2000	
Caetano Branco S/A		2000	
Diesel Indústria Metalúrgica Ltda - ME		2003	
Endra - Serviços Hidráulicos Ltda - ME		2003	
Firgal - Forjaria, Usinagem e Tratamento térmico		2001	
Lumagro Implementos Agropecuários Ltda		2003	
Lusbra Implementos Ltda		2003	
Maria Colusso Branco ME		2003	
Moron - Máquinas e Equipamentos Ltda		2002	
Perozin Ind. Metalúrgica Ltda.		1997	
Werjen - Equipamentos Industriais Ltda		2003	
Metalurgia		Alumínios Luzerna Ltda.	1994
		Antonio Raimundo Adaguinario - ME	2003
	Bom Coret Indústria e Comércio de Serra	1993	
	Edson Luiz Latenek	1992	
	Erni Schmitz - ME	2003	
	Fabribox – Fábr. de box para banheiros Ltda.	1993	
	Francisco Lindner S/A – Ind. e Comércio	2000	
	G.S. Metalúrgica Ltda.	1994	
	Galiotto Esquadrias Metálicas Ltda.	1992	
	Inafel – Ind. de Artefatos de Ferro Ltda.	1992	
	Indumetal Ind. Metalúrgica Ltda	2003	
	Indústria e Comércio Metalúrgica Atlas S/A	1995	
	Indústria Metalúrgica Kraft Ltda	2003	
	Indústria Metalúrgica Paulifer Ltda	2003	
	Indústria Moveleira e Metalúrgica Demac Ltda	2003	
	Jirol – Joaçaba Implementos Rodoviários	2003	

48 O ano da baixa não corresponde necessariamente ao ano em que a empresa encerrou suas atividades no município, mas sim do encerramento do cadastro na Prefeitura Municipal.

	Ltda	
	Juarte Estruturas Metálicas Ltda.	2003
	Metalúrgica Gedana Ltda - ME	2003
	Metalúrgica Gremax Ltda.	1998
	Santo A. Di Domenico	2002
	Superaço Produtos Siderúrgicos Ltda.	1996
	V.G.P. Fábrica de esquadrias Metálicas Ltda.	1995
Couro, pele e produtos similares	T & M Indústria e Comércio de artefatos de couro	2002
Papel e papelão	Gigi Indústria e Comércio de Embalagens Ltda.	2000
	Indústria de Embalagens Joaçaba S/A	2003
Química	Aubos Barriga Verde S.A	1998
	Indústria Química Joaçaba Ltda.	1998
	Joaçaba Plásticos Ltda.	1996
Madeira	Cureau & Cia Ltda	2001
	Herval Madeiras Ltda.	2000
	Madeira Quatro Amigos	2002
Mobiliário	Augusten & Kanegowski Ltda.	1999
	Bisinella & Oliveira Ltda - ME	2004
	Daw Indústria e Comércio de Móveis Tubular Ltda.	1998
	Dionisio Girolano Palla	1998
	Mattevi Indústria e Comércio de Móveis Ltda	2001
	Miotto Móveis Ltda	2002
	Mognus Moveleira Ltda.	1998
	Móveis Rieger Ltda.	1993
	Pirâmide Indústria e Comércio de parquetes Ltda	2002
	Rhoden Fabricação e Com. de revestimentos Ltda	2001
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	Anne e Anni Malhas Ltda.	1998
	Anne e Anni Malhas Ltda	2002
	Albertina Aparecida Schmitt Bonato - ME	2003
	Atelier Lamore Ltda - ME T	2003
	Celio João Brancher	1998
	Comércio e Indústria de Confecções Lucinei Ltda.	1996
	Ciciliani Ind. E Com. De confecções Ltda	2003
	Fio a Pavio – Indústria e Comércio de Malhas Ltda.	1996
	Ibecal - Indústria de calçados de segurança	2003
	Ind de Confecções Lenon Ltda.	1995
	Indústria e Comércio de Confecções Santhiler Ltda.	1994
	Indústria e Comércio de Malhas e Conf. Heleno Ltda.	1997
	José Manoel da Silva Neto	2003
	Krina Confecções Ltda.	1993
	La Neviv Indústria e Confecções Ltda.	2000
	Lamd - Comércio de confecções em geral	2001
	Nawdy Confecções Ltda - ME	2003
	Oli Emilia Pagnoncelli Omizzolo	2000
	Paola Indústria e Confecções Ltda.	2000

	Paulo Giovani Lunardelli	2000
	Piter Indústria de Confecções Ltda.	1997
	Seni - Airam Indústria e Comércio de Confecções Ltda	2004
	Zamoner & Peruzzo Ltda - ME	2002
Produtos de minerais não metálicos	Pedra Azul Ind. e Com. Ltda.	1999
	Adivav Indústria Gráfica Ltda	1993
	Art - Mix Serigrafia Ltda - ME	2003
	Empresa Editora Jornal de Santa Catarina	2002
Editorial e gráfica	Empresa Jornalística o Vale Ltda .	1998
	Empresa Jornalística o Vale do Contestado Ltda	2003
	Gráfica Brindes Joaçaba Ltda	2004
	Grafoart – Artes Gráficas Ltda.	1994
	Delamari Ind. e Comércio de Telas e Molduras Ltda.	1996
	Dejair Augusto Tiezerini Carimbos - ME	2003
Diversas	Indústria e Comércio de Velas artesanais Ltda	2003
	Paulo J. N. Alves	1993
	RE Produções Visuais Ltda	2003
	Status Produções Visuais Ltda - ME	2003
	Tapechama Ltda.	1998

Fonte: Prefeitura Municipal de Joaçaba – Setor de Tributação.